





CANCIONEIRO POPULAR



CANCIONEIRO POPULAR

COLLIGIDO DA TRADIÇÃO

POR

THEOPHILO BRAGA

Quem tiver muitos filhos
E pouco pão,
Tome-os de mão e diga-lhes
Uma canção.

ANEXIM DO POVO.



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1867



DO COLLECTOR

O grande desenvolvimento d'este seculo tem-nos tirado a individualidade, elevando acima do *eu* audacioso as leis eternas que o absorvem na contemplação de sua harmonia. Eis porque o lyrismo e a poesia pessoal vão decaindo em todas as litteraturas. A comprehensão do sentimento do bello leva-nos hoje para a poesia da historia, e sobre tudo para a poesia popular. Por toda a parte se observa um tal movimento. A poesia popular do Meio Dia da Europa é estudada com veneração: na Italia Tommaseo e Tigri recolhem os cantos da Toscana, Visconti os dos campos de Roma; Cottreau a poesia popular de Napoles; Vigo a da Sicilia; Dal Medico a de Veneza; Marcoaldi a da Ombria, do Lacium, do Picenum, da Liguria; Nigra compára os cantos do Piemonte; Tommaseo e Fée recolhem os da Corsega, Boullier os da ilha da Sardenha; Fauriel e o Conde de Marcellus são os collectores da Grecia moderna, que se prende ás tradições da edade media da Europa pela passagem dos Cruzados. Na França encontra-se o mesmo culto pela poesia do povo; Villemarqué, Paulin Paris, Philibert le Duc, Beaurepaire, Francisque Michel, Charles Nizard e Champfleury vão herborisando cuidadosamente estas flores desconhecidas

das provincias de França. Em Hespanha é monumental e unico o trabalho de D. Agustin Duran, e o Cancioneiro ultimamente recolhido por D. Emilio Lafuente y Alcantara, que nos serviu de modelo.

É um trabalho santo o respigar estas strophes soltas que o povo espalha na sua passagem. O povo canta como harpa eólia, que não sabe d'onde sópra a viração que a vem desferir. É o rhapsodo de todas as alegrias e tristezas do poema da vida, cego e pobre Homero, abençoando a hospitalidade, animando o passado com as maravilhas que lhe povoam a mente no seu abandono. A poesia para elle é o rythmo do esforço no trabalho, o esquecimento da miseria, a expressão dos desejos, o thesouro da da sua moral e das tradições antigas, a linguagem do amor, o gemido, emfim, a verdade simples da sua alma.

Platão, Luthero, Montaigne, Lope de Vega, Rousseau, Goethe e Grimm, os maiores espiritos, como philosophos, como poetas, como eruditos sentiram o que ha de graça, de ingenuidade, de frescura, de consolação e de profunda verdade na poesia do povo. O povo é o anonymo de todas as grandes obras da humanidade: das pyramides do deserto ás epopeas seculares, das renovações da sociedade ao prodigio da cathedral, é elle sempre que argamassa a pedra com o sangue de suas veias, que lança aos ventos a folha da sybilla, que se immola na hecatomba das revoluções, que faz desabrochar com o fogo da crença a flor mystica de gothico puro.

E a poesia é como a sua alma, sempre nova, rejuvenescendo-se na geração que pullula; n'ella principalmente transparece o *ar de familia* da grande raça indo-europea, e a unidade dos povos neolatinos. Mas o povo, que na ignorancia creadora fundou as instituições da vida, as religiões, a lin-

guagem, o direito, a propriedade e a familia, vae conhecendo mais limitado já o circulo da acção audaciosa. É que se aproxima aquella edade de reflexão que Pascal entrevira na humanidade; é tambem este o motivo por que se vae extinguindo a poesia popular em toda a Europa, como se apagam as estrellas aos primeiros alvores da aurora.

Em Portugal é outra a causa; pobre nacionalidade morta, é a tunica sobre que pairam os dados. Triste presentimento, tristissimo, tanto mais, quanto se apossa de uma alma ainda crente no meio da corrupção d'este pequeno Baixo Imperio. Colligir a poesia popular portugueza agora, no momento do transe, é como a *garrafa ao mar* que se atirava nos naufragios: é para que se saiba que existiu este povo que tambem soffreu e cantou.

CANCIONEIRO POPULAR

I—RELIQUIAS DA POESIA PORTUGUEZA DOS SECULOS XII A XVI.

1

Fragmentos do poema de Cava

O rouço de Caua imprio de tal sanha
A Juliani e Horpas a saa grej daminhos
Q em sêbra co os netos de Agar fornezinhos
Hua atimaram prasmada facanha.
Ca muça e Zariph com basta companha
Di iusu da sina do Miramolino
Co falso infançon e procstes malino
De Cepta adduxerõ ao solar de Espanha.

E porque era força Adarue e foçado
Da Betica Almina e o seu Casteual
O Conde por encha e pró comunal
Em terra os encreos poyarão a saa grado
E Gibraltar maguèr que adaruado
E co compridouro pera saa deffensão
Pello suso dito sem algo de afão
Presto foi álles entrado e filhado.

E os ende filhados leais a verdade
Os hostes sedentos do sangue de oniudos
Meteraõ a cutelo a pres de rendudos
Sem esguardarem a seixo nem idade
E tendo atimada a tal crueldade
O templo e orada de Deos profanarão
Voltando em mesquita hu logo adorarão
Saa besta mafoma a medes maldade.

O gazu e assalto que os da aleiuosia
Tramaram. (pos voltos de algo sayões)
Co os dous Almirantes da hoste mandões
Quedaram com farta soberba e folia
E Algezira que o medes temia
Por ter a maleza cruenta sabudo
Mandou mandadeiro como era teuda
Ao roucon do Rey que em Toledo sia.

2

Canção do Figueiral por Goesto Ansures

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei,
seis niñas encontrara
seis niñas encontrey,
para ellas andara
para ellas andey
lhorando as achara
lhorando as achei,
logo lhes pescudara
logo lhes pescudey
quem las mal tratara
y a tão mal a ley.

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey,
Uma repricara
« infançon non sey,
mal ouvesse la terra
que tene o mal Rey,
seu las armas usara
y a mim fee non sey,
Se hombre a mim levara
de tão mala ley,
A Deos vos vayades
Garçom ca nom sey
se onde me falades
mais vos falarei.

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei,
Eu lhe repricara
— a mim fee nom irey,
Ca olhos dessa cara
caros los comprarey,
a las longas terras
entras vos me irey,
las compridas vias
en las andarey,
lingoa de aravias
eu las falarey.
Mouros se me visse
eu los matarey. »

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey,
Mouro que las goarda
cerca lo achey,
mal la ameaçara
eu mal me anogey,

troncom desgalhara
troncom desgalhey,
todolos machucara
todolos machuquey,
las niñas furtara
las niñas furtey,
la que a mim falara
nalma la chantey.
No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey.

3

Canção de Gonçalo Hermingues o Traga-Mouros

Tinherabos, nom tinherabos
Tal a tal ca monta!
Tinheradesme non tinheradesme
De la vinherades de ca filharades
Ca amabia tudo em soma.

Per mil goiuos trebelhando
Oy, oy, bos lombrego
Algorem se cada folgança
Asmei eu: perque do terrenho
Nom ahi tal perchego.

Ouroana, Ouroana, oy tem por certo
Que inha bida do biber
Se aluidrou per teu aluidro perque em cabo
O que eu ei de la chebone sem referta,
Mas nõo ha per que se ver.

4

Canção de Egas Moniz Coelho a D. Violante

Fincarades bos embora
  Taom coitada
  Que hei boime per hi fora
  De longada.

Baise o bulto do mei corpo
  Mas ei nom
  Que os çocos bos finca morto
  O coraçom.

Se pensades que ei vom
  Non no pensedes
  Que chantando em bos estom
  E nom me bedes.

Mei jazido, e mei amar
  Embos accarrra
  Grenhas tendes despelhar
  E luzia cara.

Nom farom estes meis olhos
  Tal abesso
Que esgravizem a meis dolos
  Da compeço.

Mas se ei for pera Mondego
Pois la vom
Carulhos me fagaom cego
Como ei som.

Se das penas do amorio
Que eu retouço
Me fizerem tornar frio
Como ei ouço.

Asmademe se queredes
Como lusco
Senaom torvo macharedes
A mui fusco.

Se me bos a mi leixardes
Deis me garde
Não asmeis bos de queimardes
Isto que arde.

Hora nom deixedes nom
Que sois garrida
À senom cristelejom
Por minha bida.

5

Canção de Egas Moniz Coelho á sua Dama

Bem satisfeita ficades
Corpo doiro,
Alegrade a quem amades
Que ei já moiro.

Ei bos rogo bos lembredes,
Que bos quige,
A que dolos nom abedes,
Que bos fige.

Cambaste a Pertigal
Por Castilha
Abasmades o mei mal
Que dor me filha.

Granhaisme por Castijanos,
E pestineque,
Achantaisme binte ẽganos
Que me seque.

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante,
Longe ba o cestro agoiro,
Por diante.

Bos bibede hũ centanairo,
Mui garrioso,
Quei me boy pera o trintairo
Lagrimoso.

Hah se à bossa remembrança
Ei bier,
Dizei Egas com folgança
Hu xiquer.

Ah se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros
Retouçade na mormulha
Os meis marteiros.

Quando o ouvires papear
O castejom,
Lembredebos lhe fige dar,
Ja de cotom.

Ah que bas quige, e requige,
Como ber,
A nunca em coisa bos fige
Desprazer.

Nom bos podo mais falar,
Que nom falejo,
Que bem podedes asmar
Qual ey sejo.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feiçom
Mas ei bos bejo, e oiço
No coraçom.

Bedes me boi descaindo
Nesta hora,
Bos Amor fincade rindo
Muyto embora.

6

Cantiga satyrica do tempo de Dom João I, na revolta de Lisboa

Esta es Lisboa prezada,
Miralda, y leixalda,
Si quizieredes carnero,
Qual dieran al Andero,
Si quizieredes cabrito,
Qual dieran al Arçobispo.

7

Tonadilha dos pobres á porta do convento onde estava o Condestavel

O Gram Condestabre
Em o seu Mosteiro
Dá-nos sua sôpa,
Mail-a sua rôpa,
Mail-o seu dinheiro.

A benção de Deos
Cahiu na Caldeira
De Nunalves Pereira,

Que abondo cresceu
E todolo deo.

Se comer queredes,
Nom bades alem:
Don menga non tem,
Ahi lo comeredes,
Como lo bedes.

8

Seguidilha que as mulheres de Lisboa cantavam pela Paschoa Florida na sepultura do Condestavel

GUIA *só e depois todos:* Nó me lo digades, none,
Que Santo he o Conde.

GUIA *só:* O gram Condestabre
Nunalves Pereira
Defendeo Portugale
Com sua bandeira,
E com seu pendone.

TODOS: Nó me lo digades, none, etc.

GUIA *só:* Na Aljubarrota
Levou a vanguarda,
Com braçal e cota
Os Castelhãos mata,
E toma o pendone.

TODOS: Nó me lo digades, none, etc.

GUIA *só:* Com sua chegança
Filhou Badalhouce,
Sem usar davença
Entrou sua torre,
E poz se pendone.

TODOS: Nó me lo digades, none, etc.

GUIA *só:* Dentro no Valverde
Venceu os Castelhãos,
Matou bons, e maos
Só co'ha sua hoste
E seu esquadrone.

TODOS: Nó me lo digades, none, etc.

9

Cantigas que os moradores do Restello (Belem) cantavam na segunda outava do Espirito Santo, na sepultura do Condestavel

UMA VOZ: Santo Condestabre
Bone portugués.
Conde darrayolos,
De Barcellos, dorém.

TODOS: Santo Condestabre
Bone portugués.

UMA VOZ: Na campanha somdes
Alem duma bez,
E mais otra bez
E mais otra bez.

TODOS: Santo Condestabre
Bone portugués.

UMA VOZ: Por faison da Patria
Todo esto lo fez,
Mata os Castelhãos
Salva a nossa grey.

TODOS: E mais otra bez
E mais otra bez.

UMA VOZ: No me lo digades
Quabondo lo sey
Librou as obelhinhas
Do Leo de Castél.

TODOS: E mais otra bez.
E mais otra bez.

10

Cantigas dos moradores de Sacavem no anniversario do Condestavel, achadas em um manuscripto de Azurara

UMA VOZ: Do Restello a Sacavem
Nem ningola nem ninguem
Tem semelho ao Condestabre
Que le prouge, e que le praze
Ho fagernos tanto bem.

TODOS: E bem, e bem.

O rapaz das coberturas
Que morre, e cahe pera traz,
Já nom vai a sepultura,
Que otra bez vive o rapaz:
E ho Conde le fizo o bem.

E bem, e bem.

Á filha de Joanne Estés
Que finou por non mamar,
Ao do Moinho do cubo
Que finou por se afogar,
Viventa o Conde tambem,

E bem, e bem.

O mal daquella alfayata,
A gram dor de Lopo Affons,
Non les chega aos coraçõns,
Que o Conde Santo los guarda:
Y tudo por fager bem.

E bem, e bem.

E bem Condestabre Santo,
Cobrinos cõ vosso manto,
E cõ vosso manto de gales,
Defendimento de males,
E fáganos munto bem.

E bem, e bem.

11

Oração do Justo Juiz de El-Rei Dom Duarte

Justo Juyz Ihesu Xpisto,
Rey dos rex e boo Senhor,
Que com Padre reynas sempre,
Hu he dambos huũ amor,
Prazate de me ouvyr,
Pois me sento pecador.

Tu que do ceeo descendiste,
En no ventre virginal,
Hu tomando logo carne,
Liuraste o segre de mal,
Por teu sangue precioso,
De perdiçom eternal.

Logreu aquella, meu Deos,
Ta gloriosa paixom,
Que sem cessar me defenda
De perigo e cajom,
Per que possa bem vyver,
Ty servyndo e outrem nom.

Tua muy sancta virtude,
Desy gram defendimento,
Sempre me seja presente,
Por me guardar de tormento,
A que me traz o imiigo
Per arteir enduzymento.

Per a tua forte deestra,
Que os infernos quebraste,
Destruy todos meus imiigos,
Pois sas artes desprezaste,
Per as quaes me sempre torvam
Do bem que fazer mandaste.

Ouve Xpõ mym braadando
Mesquynho por meu pecado,
Que demando piedade,
Pois passey o teu mandado,
Ca me temo do imiigo
De mym ser apoderado.

Com destruyçom se calle
Quem me cuyda condanar;
Seja a elle feicta queeda
O laço que me quer armar.
Ihũ boo e piedoso,
Nom me queiras desprezar.

Meu escudo com emparo
Sey tu meu defendcdor.
Porque eu per tua graça
Vença o meu perseguidor,
E per seu derribamento
Mallegre com teu amor.

Manda o teu messegeiro,
Do ceco alto Spiritu Sancto,
Quesclareça e alumee
Mym que nom mereço tanto,
E dos imiigos me livre
Por nom receber quebranto.

Sancta Cruz, o teu synal
Me defenda os sentidos,
Ta bandeira vencedor
Faça seer sempre abatidos
Meus imiigos e contrairos
Per ta graça destruydos.

Amerceate de mym,
Xpisto Deus huũ soo nacido,
Pero eu mais bem te peço,
Que nom tenho merecido,
Sey de mym sempre lcmbrado
Por em fym nom seer perdido.

Oo Deos Padre e Deos Filho,
Tambem Deos Sanctesprito,
Que huũ Deos sempre es chamado,
Per pallaura e per scripto,
Comprimento de virtudes
Te confesso por meu dicto.

12

Invocação a Nossa Senhora, sobre o hymno *Ave Maris Stella!*

I

A Ti, Virgem, que és chamada
De todos que sam nacidos,
Peço com fee estremada
Queiras ser minha avoguada,
E alumees meus sentidos.
Pera que com elles faça
Coŭsas sempre em teu louvor,
Da-me tu, Senhora, graça,
E com ella me traspassa,
Pois es serva do Senhor.

II

Daa, Senhora, alguũ poder
A esta minha torpe mão,
E a mim alguũ saber,
Pera com ella escrever
Ho que tenho na tenção.
A ti chamo eu, Senhora,
Que me queiras ajudar,
Sejas minha ajudadora,
E tambem intercessora
Pera isso acabar.



Canc. 2

III

E pois taõ craro estaa
Que tu és nossa bandeira,
Sirvamos-te sempre quaa,
Poys que roguas per nós laa,
E és nossa medianeira;
E pois isto assy hé
Como vejo e entendo,
Diguo com mui pura fee
Que a Jesu de Nazaree
E a ti me encommendo.



Ave Maris Stella,
Dei mater alma.

Salve-te, estrella do mar,
Deos, que te criou mui Santa,
Estrella pera adorar,
Estrella digna de louvar,
Que a todo mal espanta.
Estrella resprandecente,
Estrella de toda luz,
Estrella de toda gente,
Estrella d'amor fervente
A que lastimou a Cruz.

2

Atque semper Virgo
Foelix Caeli porta.

Virgem foste escolhida
E ab inicio creada,
Virgem depois de parida,
Non ficando corrompida,
Antes mui glorificada;
Ditosa porta do Ceo,
Porta mui resprandecente,
Ditosa que mereceo
Ditosa pois te escolheo
Pera salvação da gente.

3

Sumens illud ave,
Gabrielis ore.

Aquelle ave aceptando
Da bôca de Guabriel,
Loguo nos foste criando
Quem pello mundo andando
Nos livrou de Lucifel.
Ó Santa Saudaçam,
Ó Santo concebimento,
Ó humilde condiçaõ,
Que concebeste baraõ
De tanto merecimento.

4

Funda non in pace,
Mutans Evae nomen.

O nome d'Eva mudando,
Dá-nos tu, Senhora, paz,
Filii Evae sospirando
Estaa tu por nós roguando,
E faze-nos mercês assaz.
Non te queiras esqueecer
De por nos sempre roguar,
Lembra-te que quiz nacer
Jesu Christo, homem ser
Pera todos nos salvar.

5

Solve vincla reis,
Profer lumen caecis.

Desata as ataduras
Dos que estam sempre atados,
Livra-os das tenebruras
Mui fortes, feas, escuras,
Que merecem seus pecados:
Daa-lhe nos seus olhos vista,
Porque estam sempre çarrados.
Ó Sam Johaõ Baptista,
Livra-os desta conquista,
Pois que foram baptisados.

6

Mala nostra pelle,
Bona cuncta posce.

Aparta-nos de todo mal,
Pide-nos sempre algũ bem;
Nessa corte angelical,
Onde estaas tam divinal,
Vivamos sempre, amem.
Pois de graça és comprida,
Emenda nosso viver,
Que quando for nossa partida
Daquesta presente vida,
Que saibamos bem morrer.

7

Monstra te esse Matrem,
Sumat per te preces.

Mostra-te Mãi piadosa
A nós que per ti chamamos,
Pois que és tão gloriosa,
Com graça sê amorosa
Pera nós, pois que pecamos;
Nosso roguo recebido
Per ti seja apresentado,
Da nossa parte off'recido
A Jesu de ti nacido,
De ti Verbo Incarnado.

8

Qui pro nobis natus,
Tulit esse tuus.

O qual quis per nós nacer
E tomar carne humanal,
Sendo do Divino ser,
Quis por nós vir padecer
O Gram Rei celestrial;
E porque tu foste aquella,
Que vieste a nos salvar,
Sê tu mesma a medcela,
E tambem crara estrella,
Que nos queiras bem guiar.

9

Virgo singularis
Inter omnes mitis.

Virgem digna e singular
Sempre mui humilde e manssa,
Antre todas és sem par,
Ati soo podem chamar,
Pois descansas a quem canssa.
Tu és nossa salvaçaõ,
E tu és a nossa guia,
Tu és nossa redempçaõ,
Tu és summa perfeiçaõ,
Senhora Santa Maria.

10

Nos culpis solutos
Mites fac et castos.

Pois já somos perdoados,
Faze-nos manssos e castos,
Aos pobres necessitados
Faze-nos bem inclinados,
Ajudar-lhe aos seus guastos;
Por amor do Redemptor
Lhe somos muito obrigados,
Ajudal-os com fervor,
Com esmóla, que he flor
Dos bens cá communicados.

11

Vitam praesta puram,
Iter para tutum.

Dá-nos tu vida mui pura
Pera todos bem viver,
E de nós sempre tem cura,
Porque com vida segura
Te possamos conhecer.
Caminho aparelhado
Nos dá nesta gram jornada,
E o que quá viver errado,
Por ti seja emendado,
Pois que és nossa avoguada.

12

Ut videntes Jesum
Semper collaetemur.

Porque vendo a potencia
Daquelle gram Deus eterno,
Que hade fazer audiencia,
Nam nos mande sem clemencia
Ir caminho do Inferno;
Antes com grande fervor
Todos bem nos occupemos
Em servirmos sem error,
Porque vendo ao Senhor
Todos juntos nos guozemos.

13

Sit laus Deo Patri,
Summo Christo decus.

Seja dada sempre gloria
A Deos Padre poderoso,
E aja sempre memoria
Que nos deu tanta victoria
Contra már tam perigoso.
Muitas graças sejam dadas
A Christo Omnipotente,
Por mercêes tam assinadas,
Como elles nos tem dadas
A toda humana gente.

14

Spiritui Sancto
Trinus honor unus. Amen.

Seja-lhe a todos tres dada
A honrra e veneraçaõ
Pera ser bem igualada,
E dos tres participada
Sem nenhuma divisaõ;
E assi ao Spirito Sancto
Demos nós graças tambem,
Pois que teve poder tanto,
A elle seja em tanto
Trinus honor unus. Amen.

13

Preparação de um peccador para o sacramento da Penitencia segundo as horas canonicas, pelo Doutor Frei João Claro:

MATINAS

Em aquesta confissom,
Que começo de fazer,
He direyto conhecer
Que meos erros tantos som
Os mais grandes, que lembrança
Eu aver nom poderey;

Pero penso e pensey
Esqueci-os per usança.
  Dos outros a meu cuidar,
Pero posso bem lembrado,
Em tempo mui prolongado
Non me posso confessar.
  E porque, Senhor, conheço
Meu grande falecimento,
Em aver esquecimento,
Dos lembrados offereço
A ti confissom nom digna,
E de toda muy mjnguada;
Senhor, seja soportada
Por tua graça muy benigna.
  Pero seia pecador,
A ti dou sempre louvores,
Per Trindade non Senhores,
Mas huum Deus e huum Senhor.

Chora e faze pranto, meu coraçom,
Chagate com dooridos pensamentos,
Porque contra o meu Criador
    Gravemente errey,
  E muytas vezes anogey
    O meu Remidor.
  Cubre-te de tristura,
  E em pensar teus defectos
  Despende tua vida.
  Porque contra o meu Criador
    Gravemente errey,
  E muitas vezes anogey
    O meu Remidor.
Tu, consolador Spiritu Sancto,
Me benze, e livra do infernal quebranto.

LAUDES

Deos poderoso en eternidade,
E muy glorioso en sua magestade,
Quis seer humildoso en humanidade
Por nos dar exemplo.

Muy pobre nacco em pobre lugar,
Muy pobre viveo por se hûmildar,
En Cruz morreo en monte Calvar
Antre dous ladroens.

O seu poderio forte abaixou,
Seu gram Senhorio muyto sujugou,
En que amorio muy grande mostrou
A nós pecadores.

Pois Noso Senhor foe tam humildoso,
He grande error seer levantado,
O vil pecador da corrupçam nado
Por sua gram soberva.

Eu esto bem vejo, Senhor, e entendo,
E o vaaõ desejo faz, que non emendo
Do mal que entejo, mas a ti encomendo
Meu fraco poder.

A vós geerador,
Padre Eternal,
Com o Remijdor,
Filho Divinal,
E dambos amor,
Flama Spiritual,
Seja louvor
Por sempre. *Amen.*

PRIMA

Já he nada a luzente
Strella resplandecente,
A qual deu ao presente
Mundo sancta sperança.
Já per elle somos cértos
Que os cecos nos som abertos,
Porém andemos espertos
Por regnarmos onde el regna.
Preguiça de nós tiremos,
Pois de certo já sabemos,
Que servindo cobraremos
Por el o que desejamos.
Senhor, de aquesto fazer
Sem ti non teemos poder,
Porem seja teu querer
A nós fracos ajudar.
Aa Trindade acabada
Muyta gloria seja dada,
Que de nós seja lembrada
Em todos nossos mesteres.

TERÇA

Senhor Deos, tu que veestes,
Por mostrar tua caridade,
Ao mundo, e a trouveste,
De mym ave piedade.
A enveja de mim tira,
Que d'amor he contraira,
E me faz merecer íra,
E da graça me desvaira.

Padre e Filho eternaes,
E d'ambos huũ soo amor,
Que en todo sooes yguaaes,
A vós dem todos louvor.

SEXTA

Da prudencia perfeita,
Senhor, regra muy direita
En teus feitos nos leixaste
Na soffrença, que mostraste.
D'esta regra alongado
Me traz, Senhor, o pecado
Da ira, que non consente,
Que eu sejá paciente.
Mas tu, Deos meu Criador,
Que és forte lidador,
Ven-me, Senhor, accorrer,
Non me leixes perecer.

NOA

Ó Snor boo, e pastor graado,
Que ti meesmo por teu gaado,
Por comprir justiça, déste,
Ouve cedo o meu braado.
Ca, Snõr, se mais tardares,
Se depois a mim buscares,
D'avareza congelado
Me verás, se me achares.
Porem justo julgador
Piedoso Salvador,
Vem livrar-me sem tardança,
Como forte lidador.

VESPERAS

Deus, de santa virgindade
Exemplo, e guiador,
E da pura castidade
Muy perfeito amador,
A tua humanidade
Desto foe ensinador.
Tu, Virgem, de Virgem nado,
Por exemplo nos puseste
O teu regno comparado
A virgens, tu quiseste
De virgens seer acompanhado
Em a morte, que ouveste.
Sen mui grande fortaleza
Non se poderá cobrar
Tal virtude e pureza,
Este pode ben provar
O que contra natureza
Por ella quis lidar.
Senhor, forte, poderoso,
A mim fraco tu ajuda,
Jesu Christo piedoso,
Minha vida en ben muda,
Que de maao luxurioso
Casto, limpo eu recuda.
Non per meu merecimento
Esto deves de fazer,
Per que penas e tormento
Eu mereço de aver,
Mas por teu padecimento
Tu me deves acorrer.
Ó Deus, Filho, Padre eternal,
Ó Deus homem nado,
Ó Spiritu Divijnal,

De mim teende tal cuidado,
Que do fogo infernal
Seja livre e guardado.

COMPLETORIUM

Ó meu Senhor,
Ensinador
De jejuũ e temperança,
Ó maao ardor
Degastador
De vil gula de mim lança.
En morrendo
Padecendo
Fel e azedo ceaste,
En vivendo
E soffrendo
Fame jejuũ consacraste.
Per tua paixom
Me dá perdom,
Jesu Christo piedoso,
E galardam
De salvaçam
No teu regno glorioso.

14

Paraphrase do Padre Nosso

Padre nosso, que estás
Nos ceeos exalçado,
Teu nome santificado
Seja para sempre ja mais,
Por a gram gloria, que ás,
E por quantos beneficios
Sen meritos e serviços
Aas criaturas dás.

Venha o teu regno Santo
A nós com paz, e com graça,
Que nos consolle e spaça,
E nos livre de todo spanto,
Qua nosso vigor nom he tanto,
Que possamos a el ir,
Sem tua graça intreviir
A nós com doce canto.

Ffaçasse tua vontade
Em a terra bem obrando,
Creendo e sperando,
Amando com caridade,
Asi que a humanidade
Faça como o ceeo faz,
Que sempre serve e compraz
Aa tua santa Magestade.

Nosso pam cotidiano
Nos dá oje por tua clemencia,
Qua sem tua providencia,
Que val o trabalho humano?
Tu, Senhor, abres a mano,
E enches todo animal
De tua bençom, a qual
Provee ao homem mundano.

E como nós perdoamos
A quem nos fere e baldôa,
Asi tu, Senhor, perdôa
A nós outros quando erramos.
Ó como nos comdampnamos
Como esta supplicaçam,
Quando nossa ofensam
Cruelmente a vingamos!

Non tragas en temptaçom,
Senhor, a nossa fraqueza,
Pois conheces a crueza
Daquel rugente leon,
Que nosa condampnaçom
Busca com rayva infernal,
Mas livra-nos tu do mal,
Jesu nosa redempçom.

15

Paraphrase da Ave Maria

Ave preciosa Maria,
Que se deve interpretar
Transmontana do mar,
Que os mareantes guya.
Ave tu, Senhora minha,
Exempta daquel pecado,
Que o mundo ha contaminado,
Ave resplendor do dia.

Ave tu plena gracia,
Ave precioso sacrario,
Ave santo relicario
Cheo daquel pam, que farta
Todo mundo, e o espaça
Em esta angustiosa vida,
E nos chama e convida
A seus gozos sem falacia.

Ave, que o Santo Senhor
Dos ceeos he contigo,
Non contigo soo digo
Mas em ti preciosa flor,
Templo do Divino amor,
Ave, pois tua ternidade
Catando tua humildade
Magnificou teu valor.

Ave Reynha gloriosa,
Bemdita antre as molheres,
Deste nome só eres
Digna tu, Virgem preciosa.
Porque a madre golosa
Da fruita devedada,
Toda mulher obfuscada,
Leixou com pena dampnosa.

Ave, que o fruito bendito,
Senhora do ventre teu
Non abasta ao louvor seu
Lingua, nem pena, nem scripto,
Ave, porque o mundo afflicto
Por o pecado primeiro,
Triumphando no madeiro,
El o salvou, livrou e quitou.

Por esta Santa Saudaçom,
Mui Sanctissima Senhora,
Ora ao Rrey, a quem o mundo adora
Por a Christaã naçom,
Qua a tua obsecraçom
Nunca desdem recebeo,
Nen sem efecto quedou
Tua Santa suplicaçom.

16

Te-Deum Laudamos

A ti louvamos Deos,
A ti Senhor confessamos,
A ti Padre Eternal nós,
E toda a terra honrramos.

Quando bem consideramos
Tua gloria e magnificencia,
Tua justiça, e tua clemencia,
Sempre te glorificamos.

A natureza angelical,
O ceeo e as potestades,
De concordes vontades
Te louvam Deus eternal.

Oo Padre celestial,
A louvar tua excelencia,
Tua gloria e gram potencia
Non abasta lingua humanal.

A ti louvam cherubijs,
E com gram ardor te chamam,
E os Sanctos Serafijs
Nunca cessando proclamam:

Sancto, Sancto, Sancto, chamam,
Deus das hostes Senhor,
De cuja gloria e valor
Ceeos e terra se inflamam.

A ti coro glorioso
De Apostolos notavel,
E o numero veneravel
De Prophetas mui gracioso;

E o Exercito mui gozoso
Tua viinda annunciando,
E o coro triumphando,
Te vio vitorioso.

A ti clara milicia,
De martires dá louvor,
Porque contra a malicia
Do cruel perseguidor

Déste constancia e vigor
A sofrer grande crueza,
Qua a humana fraqueza
Que val sem teu favor?

A ti a Egreja Sancta
Confessa em toda terra,
Que medida nom cerra
Padre, tua magestade tanta;

Honrra, prega e canta
Teu Filho com doce canto,
Com ho Spiritu Santo
Inflamada se levanta.

Tu Christo, Rei de gloria
Tu Filho do Padre Eterno,
A ti seja en sempiterno
Onrra, virtude, e victoria.

Senhor, tua doce memoria
Infunde nos corações,
Dos fíees barooẽs
Cesse toda outra storia.

Tu, Senhor, tanto quiseste
Livrar-nos de dampno e mal,
Que o ventre Virginal,
E sancto non avorreceste.

Por nos salvar descendeste
Do teu trono glorioso,
Quem poderá, Jhesu precioso,
Regraciar quanto fezeste?

Tu a morte venceste,
E aos que en ti creerom,
E aa tua ley obedecerom,
O rreyno do ceeo abriste.

Senhor, tu nos remijste
Sem nosso merecimento,
Tua paixom, Cruz e tormento
Foi gozo do poboo triste.

Tu aa destra asentado
Do eterno Padre estás,
E creesse, que vijrás
A julgar do passado.

Condampnando o culpado,
E ao justo dando gloria,
Apartando a escoria
Do ouro puro e cendrado.

Pois, Senhor, doce, gracioso,
Teus servos, por quem spargeste
Teu Sangue sancto precioso,
Acorre como acorreste.

Acorda-te, que diseste:
Chamade, e abrir-vos-ey,
Demandade, eu vos darey;
Compre o que prometeste.

E sejam remunerados
Em a eterna alegria
Com a Santa companhia
De teus electos e amados.

E sejam nosos pecados
Vencidos por tua clemencia,
Pois non abasta penitencia,
Tanto somos celerados.

Salva o teu poboo, Senhor,
E benze tua herdade,
Rege-os com piedade,
Exalça-os com amor.

Pai eterno he teu valor,
Eterna seja tua graça,
Que o bem breve nunca farta,
Nem o fijndo favor.

Todos dias bendizemos
Teu nome, e o louvamos,
Todo aquel tempo perdemos,
Que em esto non empregamos.

Soomente aquel ganhamos,
Que louvamos a tua gloria,
E a ti rrey de victoria
Nossas culpas confessamos.

Dá, Senhor, este dia
De pecados nos guardar,
Prazendo-te de contar
Huũ dia por toda via.

Pois continua sua perfia
O diabo e sua maldade,
Tu, Senhor, por tua bondade
Sey nosa continua via.

Tua misericordia sancta,
Seja, Senhor, sobre nós,
Qua en ti, muy sancto Deos,
He nossa esperança tanta.

Toda a Egreja canta,
E te suplica humilmente
Por a pobre humana gente,
A quem tua justiça spanta.

17

Cantiga de D. Filippa de Lencastre, filha do infante D. Pedro, Duque de Coimbra:

Não vos sirvo, nem vos amo,
Mas desejo-vos amar
De sempre, vossa me chamo
Sem quem non he repousar.

Oh vida, lume e luz
Infindo bem, e inteiro,
Meu Jesus, Deus verdadeiro
Por mim morto em a Cruz.

Se mim mesma não desamo,
Non vos posso bem amar;
A me ajudar vos chamo,
Para saber repousar.

18

Cantiga do povo de Santarem e Lisboa na morte do Cardeal-Rei:

Viva El-rei Dom Henrique
No inferno muitos annos,
Pois deixou em testamento
Portugal aos Castelhanos.

II — SYLVA DE CANTIGAS SOLTAS

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal augmenta;
Eu canto para espalhar
Uma dor que me atormenta.

Eu hei de morrer cantando,
Já que chorando nasci;
Já que os gostos d'esta vida
Se acabaram para mim.

Quem me ouvir a mim cantar
Cuidará e tem rasão,
Cuidará, que estou alegre,
Sabe Deos meu coração.

Quem a mim ouvir cantar
Cuidará que estou alegre;
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.

Não canto por bem cantar,
Nem por ter falas de amante;
Eu canto para dar gosto
A quem me pede que cante.

Sabes cantar e não cantas,
Deos te queira castigar;
Sabes cantigas tão lindas,
Não m'as queres ensinar.

Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo;
Canto para aliviar
Penas que trago commigo.

Não canto por bem cantar,
Nem por boas falas ter;
Canto para cegar olhos
A quem me não pode ver.

Foi minha vida cantar,
As cantigas esqueci;
Cantigas de amor não digo,
Meu amor, tudo perdi.

A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se me acabou;
O dinheiro mal ganhado
Agua o deu, agua o levou.

Diabos levem os ratos,
Tambem levem as formigas,
Que me roêram os livros
Onde estudava as cantigás.

Quem me ouvir a mim cantar,
Quem souber as minhas penas,
Dirá — Oh triste coitado,
Que ainda o cantar te alembra!

Coração, coraçãosinho
Como vives magoado;
Vas para cantar e choras,
Lembra-te o tempo passado.

Quero cantar e não posso,
Falta-me a respiração;
Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração.

Sempre estás a dar, a dar
Pancadinhas na viola;
Sempre me estás a lembrar
O meu amor toda a hora.

Você diz que não conhece
Uma viola afinada;
Faço-me desentendida,
A mim não me escapa nada.

Oh castello não te rendas
Deita bandeira se queres;
No combate dos amores
Quem vence são as mulheres.

Tanto limão, tanta lima,
Tanta silva, tanta amora;
Tanta cachópa bonita,
Meu pai sem ter uma nóra!

Tenho uma maçã doirada
Ao canto do meu bahu,
Para dar ao meu amor,
Queira Deos que sejas tu.

Dá-me da pêra parda,
Da maçã um boccadinho;
D'esses braços um abraço,
D'essa bocca um beijinho.

Trago dentro do meu peito
Cidra, laranja, limão;
Para trazer toda a fructa
Falta-me o teu coração.

Nem toda a arvore dá frueto,
Nem toda a erva dá flor;
Nem toda a mulher bonita
Pode dar constante amor.

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer;
Tira de mim o sentido
Se me queres ver morrer.

Oh figueira dá-me um figo,
Oh figo dá-me um agraço;
Oh menina, dê-me um beijo,
Que eu lhe darei um abraço.

Silva verde não me prendas,
Olha que não me seguras;
Olha que tenho quebrado
Outras algemas mais duras.

Uma silva me prendeu,
Uma silva pequenina;
Não ha cousa que mais prenda
Que os olhos de uma menina.

A silva que me prendeu
Arrebentou no vallado;
Nunca a silva me prendeu
Com tão forte cadeado.

Ha silvas que dão amoras,
Ha outras que não as dão;
Ha amores que são firmes,
Ha outros que o não são.

Silva verde picósinha,
Ao acipreste se enleia;
Meu amor se me prenderes
Deixa-me larga a cadeia.

Cheguei á borda do rio
Silva verde é meu encosto;
Que importa que o mundo fale
Se o amor é do meu gosto.

Salsa verde combatida
Ao pé do majaricão;
Bem podemos ser amantes,
Mas sempre dizer que não.

A salsa do meu quintal
Arrebenta pelo pé;
Assim arrebente a bocca
A quem diz o que não é.

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa;
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A salsa que está no rio
De verde se está revendo;
Eu como firme te adoro,
Tu falsa me estás vendendo.

A salsa subiu ao muro,
A ortelã foi descendo;
Se pensas que por ti morro,
Eu de ti nada pertendo.

Debaixo da oliveira
Menina é que é o amar;
Tem a folha miudinha,
Não entra lá o luar.

Se a oliveira falasse
Ella diria o que viu;
Debaixo da sua sombra,
Dois amantes encobriu.

D'aquella janella alta
Me atiraram um limão;
A casca deu-me no peito,
O summo no coração.

Deitei um limão correndo,
Á tua porta parou;
Quando um limão tem amores,
Que fará quem o deitou?

Alecrim á borda de agua
De longe faz apparencia;
Muitos amores se perdem
Pela pouca diligencia.

Toda a menina bonita
Não devia de nascer;
É como a pêra madura,
Todos a querem comer.

Oh meu majaricão verde,
Já meu peito foi teu vaso;
Já la tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

Flores do campo são ais,
Quantos dou por ti meu bem;
Penso que o vento te leva,
Não me fales a ninguem.

Quem ama duas a par
Deve ter grande talento,
Para poder arranjar
Tanta mentira a um tempo.

D'aqui d'onde estou bem vejo
Duas meninas eguaes,
Se quizer dizer bem posso
De qual d'ellas gosto mais.

Oh Anna, tres vezes Anna,
Oh Anna feita de cêra;
Quem fôra braza de lume,
Anna, que te derretera.

Therezinha cachò de uvas,
Oh quem te depinicára;
De baguinho em baguinho,
Nenhum bago te deixara.

Andas a baixo e a cima,
Feito namoras paredes,
Não me guardas lealdade
Senão em quanto me vêdes.

Venho aqui de tantas legoas,
Por estradas tão medonhas;
Sempre sonhando comtigo,
Só tu commigo não sonhas.

Anoiteceu-me na serra,
Das estrellas fiz abrigo;
Abracei-me a uma penha,
Pensando que era comtigo.

Lá vem o meu amorsinho
Que eu pelo andar o conheço;
Traz o chapeu á marota,
O capote do avesso.

Não me atires com pedrinhas
Que podes quebrar a loiça;
Atira-me ao coração
De vagar, que ninguem ouça.

O sol posto quer encosto,
Eu morro por me encostar;
Tu morres só por me vêr,
Eu morro por te falar.

Aqui estou á tua porta
Como um feixinho de lenha,
Á espera da resposta
Que das tuas mãos me venha.

Á entrada d'esta rua,
Está aqui mesmo á entrada,
Uma pereirinha nova
Que ainda não foi abanada.

Á entrada d'esta rua
Dei um ai que nunca dera;
Recolheram-se as estrellas,
Sahiu o sól á janella.

Quem vae pela tua rua
E te não vê, meu amor,
É como quem vae ao céo
E não vê nosso Senhor.

Suspirando, dando ais,
Passa o amor pela rua;
Suspira quanto quizeres
Que eu sou d'outro, não sou tua.

Á tua porta, menina,
Está um degrau de veludo,
Onde eu choro toda a noite
Lagrimas de sangue puro.

Passei pela tua porta,
Toquei-te na fechadura:
Pedi-te agua, não m'a déste,
Coração de pedra dura.

Quem quer bem, dorme na rua,
Á porta do seu amor;
Faz das pedras cabeceira,
Das estrellas cobertor.

Quem tem amores não dorme,
Nem de noite, nem de dia;
Dá tantas voltas na cama,
Como o peixe na agua fria.

Quem tem amores não dorme,
Quem os tem não adormece;
Quem os tem ao longe chora,
Quem os tem ao pé padece.

Fui-me deitar a dormir
A som da agua que corre;
A agua me foi dizendo:
Quem tem amores não dorme.

Lindos olhos de matar,
Sobrancêlhas de sorrir;
Tendes a côr demudada,
Isso é do não dormir.

Se passares pela rua
Escarra e cospe no chão,
Que estou cozendo á candea,
Não sei se passas ou não.

Alegria não a tenho,
Tristeza commigo móra;
Em chegando á tua rua
Logo a tristeza vae fóra.

Esta rua é muito escura,
Não vejo nada por ella;
Bem puderas, meu amor,
Pôr candeas á janella.

Nem a candea dá luz,
Nem para mim amanhece;
Nem a agua mata a sêde,
Nem o teu amor me esquece.

Não sei que rua é a tua,
Que nem um retiro tem;
Quero falar-te e não posso,
Por causa de tua mãe.

Oh luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo;
Estou á porta de quem amo,
E não posso entrar comtigo.

Oh que janella tão alta,
Mais alto vae meu intento;
Quem me dera pôr os olhos
Onde tenho o pensamento.

Não me *atrevo* disse o *trevo*,
A nascer por entre o trigo;
Eu sem ser *trevo* me *atrevo*
A trazer amores comtigo.

Eu heide amar, heide amar,
Heide amar bem sei a quem;
Eu heide amar ao meu gosto,
Nemja ao gosto de ninguem.

..

Eu gósto de vêr dansar,
Fazendo sapateado;
Eu gósto de conversar
Com quem é do meu agrado.

Viva quem anda no baile,
Mais quem de fóra está vendo;
Vivam tambem meus amores,
Que d'elles não me arrependo.

Cantigas são estudadas,
Cantigas leva-as o vento;
Muito enganado anda
Quem commigo passa o tempo.

Atirei ao verde verde,
Atirei ao verde mar,
Atirei com meus sentidos
Onde pudera chegar.

Atirei e não matei,
Oh mal empregado tiro!
Oh mal empregado tempo
Que eu andei d'amores comtigo.

D'aqui d'onde estou bem vejo
Duas meninas ao sol;
Namorei-me da mais moça
Com licença da maior.

Amar e escolher amantes
Ensinou-me quem podia:
A amar foi a natureza,
A escolher a sympathia.

Oh minha bella menina,
Quanto tenho te darei!
Dar-te-hei a vista dos olhos,
Cego por ti andarei.

Oh minha bella menina,
Hoje sim, ámanhã não;
Hoje me tiram a vida,
Amanhã o coração.

Oh tocador da viola
Repenica-me esses dedos;
Se te faltarem as cordas
Aqui tens os meus cabellos.

O tocador da viola
Ha mister de um encosto;
Um travesseiro de linho,
Uma menina a seu gosto.

Inda agora aqui cheguei,
Mais cedo não pude vir;
Ainda cheguei a tempo
Das tuas falas ouvir.

Juro que ainda não tive
Um amor firme a ninguem;
Para ti logo se abriram
As portas do querer bem.

Tendes coração de assucar,
Que na agua se derrete;
Dai-me uma gotinha d'elle
Para que o meu se não seque.

Oh coração de tres azas,
Dá-me uma, quero voar;
Eu quero subir ao céo,
Em vindo tórno-t'a dar.

Quem me dera vêr meu bem
Trinta dias cada mez;
Sete dias na semana,
A cada instante uma vez.

Muito brilha o branco branco,
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Quando eu era pequenina
E minha mãe me embalava,
Já uma voz me dizia
Que eu para ti me criava..

A laranja quando nasce
Nasce logo redondinha;
Tambem tu quando nasceste,
Logo foi para ser minha.

Oh menina, diga, diga,
Por sua bocca confesse,
Se já teve em sua vida
Amor que mais lhe quizesse.

Se fôres domingo á missa
Põe-te em parte que eu te vêja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela egreja.

Coitado de quem é tolo,
Que lhe falta o entender;
Cuida do riso da bocca,
Crê que tudo é bem querer.

Dá-me a tua mão esquerda,
Que t'a quero apertar;
Não te peço a direita
Que já tens a quem a dar.

Muito custa uma ausencia
A quem a sabe sentir,
Mais custa uma presença
De vêr e não possuir.

Menina, se quer saber
Como agora se namora,
Meta o lencinho no bolso
Com a pontinha de fóra.

Nem tanto estar á janella,
Nem tanto olhar para o chão;
Nem tanto tirar o lenço
Da algibeira para a mão.

Se te quizera dar penas,
Penas te podia dar;
Ia-te vêr ao ribeiro
Onde te vás a lavar.

Fui á fonte beber agua
Debaixo da flor da murta;
Fui só por ver os teus olhos,
Que a sêde não era muita.

Andais abaixo e acima,
Nem ataes, nem desataes;
Quem caçára a pombinha
No laço que vós lhe armaes.

Andas abaixo e acima,
Como o ouro na balança;
Em quanto não fôres minha
Meu coração não descança.

Debaixo da malva roxa
Tenho um amor encoberto;
Que importa que o mundo fale,
Mas não o sabem ao certo.

Adeos, alto lyrio roxo,
Cobre-me com tua sombra;
Que furtei uma menina,
Não tenho aonde a esconda.

Estou rouca, estou rouquinha,
Não é catarro, nem tosse;
É o ladrão do amor,
Que de mim quer tomar posse.

A oliveira pequena
Tambem dá pequena sombra;
Ainda que eu seja pequena,
Você commigo não zomba.

Eu subi ao limoeiro
Para apanhar dois limões;
É tempo de se juntarem
Nossos ternos corações.

Maria, minha Maria,
Grandes penas te heide dar;
Nem heide casar comtigo,
Nem te heide deixar casar.

Maria, minha Maria,
Meu pucarinho de tenda;
Pois se alguem te procurar
Diz'-lhe que estás de encommenda.

A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandria,
A dama para ser dama
Deve chamar-se Maria.

É dos nomes que mais gósto
É do nome de Maria;
Quem te pôz tão lindo nome
O meu segredo sabia.

Maria tem pé de neve,
Pé de neve tem Maria;
Quando o pé era de neve,
O corpo de que seria?

Esta noite á meia noite,
Á meia noite seria,
Ouvi cantarem os anjos
No coração de Maria.

Por teu respeito, Maria,
Perdi toda a liberdade;
Acho-me prezo em teus braços
Por minha livre vontade.

Oh amor, namora a graça,
Não namores formosura,
Que a formosura sem graça
É viver em noite escura.

Dá-me um beijo, dou-te dois,
A minha paga é dobrada;
Porque é brio dos amores
Pagar e não dever nada.

D'aqui d'onde estou bem vejo
Acenos de amor fazer;
Eu sim quero, mas não posso
Meus olhos p'ra lá erguer.

Eu adoro a Deos no céo,
Os santos em seu altar,
E o meu amor na terra,
Não tenho mais que adorar.

Quero ter-te sobre o peito
Onde bate o coração;
Mas não digas a ninguem
Os suspiros por que são.

Eu heide amar o meu bem,
Diga o mundo o que quizer;
Quem ama não quer conselhos,
Quer só tudo o que amor quer.

Quem me dera ser retrós,
Ou linha de toda a côr,
Para andar junto a teu peito,
Servindo de atacador.

Quem se embarca, quem se embarca,
Quem vem commigo, quem vem?
Quem se embarca nos meus olhos,
Que linda maré não tem!

Coitadinho de quem tem
Seu amor alem do rio;
Quer-lhe falar e não póde,
Do coração faz navio.

Se o bem querer se pagasse
Muito me estavas devendo;
Nem com quanto tens me pagas
O bem que te estou querendo.

Anda cá, perola fina,
Que o meu peito desejava;
No ventre de tua mãe
Já meu coração te amava.

Perguntae ao sol se viu,
Á lua se conheceu,
Ás estrellas se encontraram
Amor mais firme que o meu.

Menina, se quer ser minha,
Ponha o pé na segurança;
Pois hade andar tão direita
Como o ouro na balança.

Amar por vicio é delirio,
Por interesse é villeza;
Por correspondencia é dívida,
Por affecto é firmeza.

Lari-lo-lé,
Como vae airosa,
Com a mão na trança,
Não lhe caia a rosa.

Os peixes viver não podem
Separados da agua fria;
Eu tambem viver não posso
Sem a tua companhia.

O mar pediu a Deos peixes,
Os peixes a Deos altura;
Os homens a liberdade,
As mulheres a formosura.

O mar pediu a Deos peixes
Para dar aos pescadores;
E eu peço a Deos saude
Para lograr meus amores.

Não sei que sinto no peito,
Não sei se é magoa se é dor;
A não ser o que presumo,
Não sei o que seja amor.

Esta noite sonhei eu,
A outra sonhado tinha;
Sonhei me tinhas amor,
Acordei, vi-me sósinha.

Quando passares por mim
Botae os olhos no chão;
Bem podemos querer bem,
O mundo dizer que não.

Encostei-me ao pecegueiro
Todo me enchi de flores;
Menina tão pequenina,
Tão perseguida de amores!

Oh rosa, já hoje em dia
Quem mais faz menos merece;
A terra é quem nos cria,
Deos do céo que nos conhece.

Eu heide-te amar, oh rosa,
Que és tão mal agradecida;
Por bem fazer mal haver,
São as pagas d'esta vida.

Nem a rosa da roseira,
Nem outra qualquer flor,
Nem a primavera inteira
Vale mais que o meu amor.

Quando digo que te adoro
Dizes, rosa, que te minto;
As magoas que por ti soffro
Deos as sabe e eu as sinto.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar fechadinha;
Que eu vou para muito longe,
Quando voltar serás minha.

D'aqui para a minha terra
É tudo caminho chão;
Tudo são cravos e rosas
Póstos pela minha mão.

Chamaste-me trigueirinha,
Isto é do pó da cira;
Tu me verás ao domingo
Como a rosa na roseira.

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei;
Trigueirinha é a pimenta
E vae á mesa do rei.

Tu me chamas pêra parda,
Pêra parda quero ser;
Lá virá o mez de agosto
Em que me queiras comer.

Rosa branca toma côr,
Não sejas tão desmaiada;
Que dizem as outras rosas
Rosa branca não vale nada.

O meu amor me disse hontem
Que eu andava córadinha;
Os anjos do céo me levem
Se esta côr não era a minha.

Nas veias o sangue frio,
No peito uma ardente chamma,
A côr do rosto perdida...
É doença de quem ama.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar, que estás bem,
Assim fresca e regalada
Á sombra de tua mãe.

O meu amor é um cravo,
Só eu o soube escolher;
Para o craveiro dar outro
Hade tornar a nascer.

Dize que mal te fiz eu,
Oh meu cravo de mil folhas?
Sempre p'ra ti tenho olhado,
Só tu para mim não olhas.

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte uma,
Mas o cravo anda em demanda
Por a rosa ter mais uma.

Eu fui ao jardim ás flores,
Apanhei de umas e d'outras;
Encontrei o meu amor,
D'estas venturas ha poucas.

Fui ao jardim ás flores,
Apanhei quantas eu quiz;
Encontrei os meus amores,
Oh que momento feliz!

Fui ao jardim ás flores
Apanhei quantas havia;
Só me faltou um suspiro
Que por ti dei algum dia.

Fui ao jardim passear,
Não achei o meu amor;
Achei o retrato d'elle
Na mais delicada flor.

Fui ao jardim ás flores,
Achei o jardim fechado;
Até as flores se fecham
Ao mesquinho desgraçado.

Nada tenho que te dar
Do jardim d'este meu peito;
Só uma flor bem bonita
Que se chama amor perfeito.

Já não tenho coração,
Que m'o tiraram do peito;
No logar onde elle estava,
Nasceu um amor perfeito.

Ai-la-ri-lo-lé,
Bem te vi estar
Á borda do rio
A ensaboar.

Meu coração abre e fecha,
Sem ser arca, nem bahu,
Está fechado para todos,
Aberto só para um.

Cravos da minha janella
Não dou a rapaz nenhum;
Falinhas dou-as a poucos,
Liberdade só a um.

De uma rosa até duas,
Até tres te posso dar,
Um ramilhete isso não,
Que faz falta no rosal.

As flores do meu jardim,
De incarnadas aborrecem,
Não se dão a quem as pede,
Só sim a quem as merece.

Toma lá este raminho
Que no mato apanhei;
Vem ainda orvalhado
Das lagrimas que eu chorei.

Toma lá este raminho
Com quatro castas de flores;
Todas quatro significam
Parte dos nossos amores.

Toma lá este raminho
Com ponta de silva dentro;
Tambem leva lirio roxo,
Significa apartamento.

O branco que elle levava
Significa virgindade;
Quando me falam no ramo
Meu coração se me abre.

O azul que elle levava
Significa os ciumes;
Se tu de mim queixas levas,
Eu de ti levo queixumes.

O roxo que elle levava
Significa sentimento;
Eu já trago no meu peito
Teu amor ha tanto tempo.

Não cuidei que o lirio roxo
Á beira d'agua secasse;
Não cuidei que o meu amor
Tão depressa me deixasse.

O verde que elle levava
Quer dizer firme esperança;
Já tenho ouvido affirmar,
Quem espera, sempre alcança.

Toma lá este raminho,
Leva amoras, que é luto;
Quem tem seu amor ao longe,
Por certo que soffre muito.

O cravo depois de seco
Significa amor perdido;
Antes que queira, não posso
Tirar de ti o sentido.

De encarnado veste a rosa,
De verde o manjaricão;
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Entre as mãos frias de neve
Um raminho me puzeste;
Levaste as rosas e os cravos,
Deixaste a murta e o cypreste.

Adeos oh flor da açucena,
Adeos tambem flor da murta;
Quem me dera agora estar
Nos braços de quem me escuta.

Dá-me uma pinguinha d'agua,
Quero molhar a garganta;
Que eu sou como o rouxinol,
Quando bebe, logo canta.

Rouxinol da penna verde,
Não vindes ao meu jardim;
Todas as penas se acabam,
Só as minhas não tem fim.

O rouxinol do loureiro
Faz o ninho aonde quer;
É como o rapaz solteiro
Em quanto não tem mulher.

O rouxinol do loureiro
Tem o cantar solitario;
Como pode ser sisudo
Quem toda a vida foi vario?

Inda que o loureiro cresça
Ao céo não hade chegar;
Duzentos amores que tenha
A ti não heide deixar.

O rouxinol quando canta
Bota o pé no alecrim;
Os olhos á manjerona,
Dá combate ao jardim.

O rouxinol quando canta
Tambem dá seu assobio;
As moças quando namoram
Não podem falar com brio.

A oliveira é a paz
Que se dá aos bem casados;
A palma aos sacerdotes,
Alecrim aos namorados.

A folha da oliveira
Deitada no lume estala;
Assim é meu coração
Quando comtigo não fala.

Ha um anno que te amo,
Ha dois que te quero bem;
Ha tres te trago no peito
Sem o dizer a ninguem.

Á uma hora nascí,
Ás duas fui baptizado;
Ás tres andava de amores,
Ás quatro estava casado.

Se eu te não quero bem,
Deos do céo me não escute;
As estrellas me não vejam,
A terra me não sepulte.

Menina, se sabe ler,
Lêa no meu coração;
Dentro d'elle hade encontrar
Se lhe quero bem ou não.

Se eu soubera ler no mar,
Lêra no teu interior;
Via no teu coração
Se ainda me tens amor.

Se eu entrára no teu peito
Sabía o teu interior;
Mas eu como lá não entro
Não sei se me tens amor.

Se eu quizera bem podéra
Amar-te e querer-te bem;
Mas eu bem quero e não posso
Não sou de enganar ninguem.

Eu não quero, eu não quero,
Eu não quero, tenho dito,
Eu não quero o teu amor,
Tenho outro mais bonito.

Oh Antonio, oh Antoninho,
Retroz verde de cozer;
Nascemos um para o outro,
Que lhe havemos de fazer?

Subi ao teu pensamento,
Nunca tão alto me vi;
Decahi da tua graça,
Outro subiu, eu desci.

Oh cidra consid'ra, oh cidra,
Oh cidra consid'ra bem;
Depois da cidra partida
Cidra, que remedio tem?

Ter amor é muito bom
Quando ha correspondencia;
Mas amar sem ser amado
Faz perder a paciencia.

Eu heide deixar de amar-te
Como a agua deixa a fonte;
Heide-te deixar andar
Ao desamparo no monte.

O meu amor não é este,
O meu amor traz divisa;
Traz collete de setim,
Botão de ouro na camisa.

O amor quando se encontra,
Causando susto dá gosto;
Sobresalta o coração,
Faz subir a côr ao rosto.

Eu defronte e vós á vista,
Eu falo, vós não falaes;
Dae-me um aceno com os olhos,
Já que não pode ser mais.

Se tivesse que dar, dava,
Tivesse que dàr, daria;
Dava-te o meu coração,
Comtigo nada perdia.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres;
Quando o sol promette á lua,
Que fará quem tem amores?

Tudo no mundo varía,
Nada ha que não se mude;
Só não varía a amizade,
Que se funda na virtude.

Eu heide morrer donzella
Segundo a minha tenção,
Espero levar palmito
Para debaixo do chão.

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu como o sol a buscar-te,
Tu como a sombra a fugir-me.

Eu a amar-te e a querer-te,
Tu a fugires de mim;
É certo que mais te quero
Do que tu me queres a mim.

Janella de páu de pinho
Com pregadura amarella;
Quem te tirára, menina,
D'esse trajo de donzella.

Toma lá colchete de oiro,
Aperta teu colletinho;
Coração que é de nós ambos
Deve andar conchegadinho.

Toma lá colchete de ouro,
Aperta teu coração;
O teu corpo delicado
Inda me hade vir á mão.

Tu dizes que não, que não,
Inda has de vir a querer;
Tanto dá a agua na pedra
Que a faz amollecer.

Onze horas, meio dia,
Quem não come desfallece;
Assim é meu coração
Quando te não vê padece.

Tudo que é verde se séca,
Na maior *zina* do verão;
Tudo que séca renova,
Só a mocidade não.

Vivo triste e pensativo,
Não tem fim a minha dor;
Mas quem me manda chorar
Por quem me não tem amor.

No secco mirrado tronco
Escrevi o nome teu:
Escrevi, mas não perdi,
Que o tronco reverdeceu.

Fui lastimar minha sorte
Em cima de dois penedos;
Um se levantou e disse
Não descubras teus segredos.

Não cortes o cacho verde
Da videira cerceal;
Não contes os teus amores
A quem te não fôr leal.

Ninguem descubra o seu peito
Por maior que seja a dor;
Quem o seu peito descobre
É de si mesmo traidor.

Ninguem descubra o seu peito
A nenhuma amiga sua;
Quem o seu amor descobre
Seu segredo põe na rua.

Oh, meu amor, não descubras
Tuas penas a ninguem;
Se o dizes a uma amiga,
Essa amiga outra tem.

Ninguem descubra seu peito
Com tenção de aliviar;
Ha corações tão ingratos
Que ouvem para contar.

Oh meu amor não estranhes
De eu para ti não olhar;
Isto são disfarces meus,
Para o mundo não falar.

A cobra vae pelo monte,
Cuida que ninguem a vê;
Assim são os namorados,
Não digo isto por você...

Que te importa a ti que eu siga
Uma paixão que me arrasta?
Se eu a sigo é o meu gosto,
Para mim é quanto basta.

Toda a vida fui doidinha
Por ter amor na cidade;
Agora já o lá tenho,
Já Deos me fez a vontade.

Oh menina tenha assento
Como as arêas do mar;
Que estes rapazes de agora
De nada se vão gabar.

Oh meu amor de algum dia,
Queres-me tu ainda bem?
—Essa pergunta está boa,
Isso duvída-o alguem.

Aqui n'este canto canto,
Aqui n'este recantinho,
Aqui bate a pomba as azas,
Aqui faz a pomba o ninho.

Tenho dentro do meu peito,
Bem chegado ao coração,
Duas letrinhas que dizem:
Morrer sim, deixar-te não.

Tenho dentro do meu peito
O que não quero dizer,
Um bocadinho de amor
Que me faz endoudecer.

Assim como n'este lenço
Os fios unidos estão,
Assim minha alma estivesse
Unida ao teu coração.

O meu amor quer que eu tenha
Juizo e capacidade;
Tenha elle que é mais velho,
Que eu sou de menor edade.

Andas morto por saber
Onde tenho a minha cama;
Tenho-a á borda do rio,
Á sombra da espadana.

Não me fales á esquina,
Que eu não sou mulher do mundo;
Vem-me falar ao postigo,
Bem sabes aonde eu durmo.

Meu coração é relogio,
Minha alma ouve as badaladas;
O dia em que te não vejo
Trago as horas contadas.

Oh relogio de Valverde,
Peço-te por caridade
Que dês o meio dia cedo,
Á meia noite mais tarde.

Menina que está á janella
Com seu relogio á cinta,
Diga quantas horas são,
Fale verdade, não minta.

O rosto ás vezes descóra,
A flor se murcha ao tufão;
Cae a folha, foge a aurora,
Só não muda o coração,

Anda cá, meu preto, preto,
Meu queimadinho do sol;
Quanto mais preto mais firme,
Quanto mais firme melhor.

Falei-te de amor, sorriste,
Mal te pudeste conter;
Mais tarde, que então amavas,
Fiz-te chorar sem querer.

Dá-me uma pinguinha d'agua,
Lá da fonte do outeiro,
E que me não saiba ao lodo,
Nem á raiz do pinheiro.

A cantar e a bailar
Ganhei uma saia nova;
Tambem lhe ganhei a fita
Para lhe deitar em roda.

Não quero saia de chita,
Que me hão de chamar senhora;
Quero saia de estamanha,
Que é trajo de lavradora.

Oh moleira, oh moleirinha,
A tua pedra anda em vão;
Anda d'ahi, oh moleira,
Vamos chegar-lhe o grão.

Oh rapazes e cachopas
Vede lá por onde andaes;
Que a honra é como o vidro,
Se quebra, não pega mais.

Quem diz que o amor que custa
E certo que nunca amou;
Eu amei e fui amada,
Nunca o amor me custou.

Que passarinho é aquelle
Que no ar faz ameaços?
Com biquinho pede beijos,
Co'as azítas pede abraços.

Que passarinho é aquelle
Que está na flor do marmello?
Com a bocca pede beijos,
Com as azas quero, quero.

Que passarinho é aquelle
Que alem deu um assobio?
É o filho do senhor padre
Que chamou ao pae seu tio.

Oh meu amor, quem me dera,
Quem me dera sempre dar-te
Beijinhos até morrer,
Abraços até matar-te.

Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado;
Tenho uma chaga no peito
De me encostar ao cajado.

Os meus cordeiros nos montes
Não comem, ficam pasmados;
São brutos, tambem lamentam
Os meus dias desgraçados.

Se eu quizera amores,
Tinha mais que um moio;
Mas quero só um,
Que é trigo sem joio.

Quem nos vir sempre juntinhos
Nossa sorte hade invejar,
Ou inveje ou não inveje,
Eu sem ti não posso estar.

Minha mãe logo á noite:
« Maria, vae-te deitar! »
Ella pensa que eu que durmo,
E eu estou a namorar.

As estrellas do céo correm
Todas n'uma carreirinha;
Assim os amores correm
Da tua mão para a minha.

Não sei que mal fiz ao sol,
Que não dá na minha rua;
Heide vestir-me de preto,
Que de branco anda a lua.

Ando por aqui de noite,
As folhinhas me põe medo;
Bem puderas tu, menina,
Tirar-me d'este degredo.

Oh minha estrella do norte,
Agulha de marear,
Vê lá por onde me guias,
Quando te quero falar.

Oh estrellinha da guia,
Vós guiaes meu coração,
Retirae-me, retirae-me
Da cegueira da paixão.

Já no céo não ha estrellas,
Senão uma ao pé da lua;
Tenho corrido e não acho
Cara mais linda que a tua.

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina
Eu comtigo a comparei.

As estrellas pequeninas
Fazem o céo bem composto;
Assim são os signaes pretos,
Menina, n'esse teu rosto.

Pequenina e bem feita
Assim se quer a mulher;
Delgadinha da cintura,
Que caiba por um anel.

Quando eu te vi, logo disse:
Lindos olhos para amar,
Linda bocca para os beijos
Se a menina os quizer dar.

Quando eu vou para a missa,
No adro faço parada;
Vejo tanta cara linda,
Só o meu amor me agrada.

Quando meus olhos te viram
Meu coração te adorou;
Na cadeia de teus braços
Minha alma preza ficou.

Quem pintou o amor cego
Não no soube bem pintar;
O amor nasce da vista,
Quem não vê não pode amar.

Não se canse a natureza
Em criar cousas em vão;
Se não é para te amar,
De que serve o coração?

Coração mais infeliz
Do que o meu não pode haver;
Ter a dita de te amar
Para agora padecer.

Volve a mim teus lindos olhos,
Que olhar só não é defeito;
D'este modo vae nascendo
Terno amor dentro do peito.

Entrei no templo do amor
Para dar um juramento,
Apenas vi o teu rosto
Não jurei, mudei de intento.

Tinha feito juramento
De não tornar mais a amar;
Teus olhos logo fizeram
Meu juramento quebrar.

Jurei não amar e amo,
Confesso minha fraqueza;
Esta culpa não é minha,
É crime da natureza.

O teu peito é um altar,
Com vellas e castiçaes;
Os santos que lhe eu adoro
São teus olhos, nada mais.

Dois olhos que tens no rosto
Parecem-me dois ladrões;
Elles póstos n'uma estrada
Podem roubar corações.

Os meus olhos são dois pretos
Que me chegaram de fóra;
De lá me vieram livres,
Captivei-os eu agora.

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Nem já sei quaes são os meus.

Os teus olhos negros, negros,
São gentios de Guiné;
De Guiné por serem pretos,
Gentios por não terem fé.

Olhos pretos vão á fonte,
Não sei que lá vão buscar;
Não sei se vão buscar agua,
Se penas para nos dar.

Os olhos dos meus amores
São pretos, não tem maldade;
Heide mandar fazer d'elles
Um painel de Piedade.

Os olhos do meu amor
São confeitos, não se vendem;
São balas com que me atiras,
Cadeias com que me prendem.

Eu não sei que sympathia
Meus olhos comtigo tem?
Quando estou ao pé de ti
Não me lembra mais ninguem.

Olhos pretos são bonitos,
Gósto d'elles, mas... porem
Tenho medo dos amores,
São crueis, não pagam bem.

Olhos pretos são falsarios,
Os azues são lisongeiros;
Antes quero olhos castanhos,
São os leaes, verdadeiros.

Heide deitar os meus olhos
Áquelle poço sem fundo;
Olhos que não tem ventura
De que me servem no mundo?

Domingos e dias santos
Aqui offendo a meu Deos;
Vou á missa e não a ouço,
Tudo pelos olhos teus.

Quem diz ser de gala o preto
Entende pouco de côres;
Eu amei dois olhos negros,
Ambos me foram traidores.

Eu não sei a côr que tinham
Os lindos olhos que eu vi;
O que eu sei é que eram negros,
E que por elles morrí.

Esses teus olhos, menina,
São dois vasos de alegria;
Amal-os inda não pude,
Deixal-os inda não queria.

Menina do lenço preto,
Os olhos da mesma côr,
Diga a seu pae que a caze,
Que eu serei o seu amor.

Os olhos pretos são falsos,
Os castanhos matadores;
Os azues da côr do céo
É que são os meus amores.

Oh olhos azues, tão claros,
Cercados de bem querer,
Eu em ti fitei os meus,
Melhor me fôra morrer.

Os olhos azues são lindos,
São custosos de encontrar,
Quem tiver olhos azues
Bem os pode arrecadar.

Por um teu mais terno olhar
Déra da vida a metade,
'Num sorriso dera a vida,
Por um beijo a eternidade.

Se os teus olhos são brilhantes
Que prendem meu coração,
Se os teus braços são cadeias
Amor me entrego á prisão.

Esses teus olhos brilhantes,
Esse teu corpo formoso,
Já me fazem andar triste
Sem socego, nem repouso.

Os olhos requerem olhos,
Os corações corações,
Tambem as boas palavras
Requerem boas razões.

Defronte de mim estão olhos
Que as luzes me estão tirando;
Lá darás contas a Deos
Das penas que me estás dando.

O coração e os olhos
São dois amantes leaes,
Quando o coração tem penas
Logo os olhos dão signaes.

Os meus olhos de chorar
Fizeram cóva no chão,
Cousa que os teus não fizeram,
Não fizeram, nem farão.

Os meus olhos de chorar
Fizeram covas no rosto;
Todos dizem que te deixe,
Não quero, não é meu gosto.

Os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça têm;
Já os tenho reprehendido,
Que não chorem por ninguem.

O coração pede, pede
Terra para um pomar,
Que meus olhos já se obrigam
A dar agua p'r'o regar.

Os meus olhos são dois peixes,
Navegam n'uma alagôa;
Choram lagrimas de sangue
Por uma certa pessoa.

Chorae olhos, chorae olhos,
Que o chorar não é desprezo;
A Virgem tambem chorava
Quando viu seu filho prezo.

Anda cá se queres agua,
Que os meus olhos t'a darão;
Ella é pouca, mas é clara,
Nascida do coração.

Oh amor! cabellos louros
Com penteado tão certo;
Sobrancêlhas de ouro fino,
Olhinhos por quem me pérco.

Sobrancêlhas como as vossas
É impossivel havel-as;
São laços de fita preta
Com que se prendem estrellas.

Os vossos beiços, menina,
Ambos elles tem virtude;
Em beijando a um doente
Logo lhe dão a saude.

Teus cabellos me prenderam,
Os teus olhos me mataram;
Teus lindos pés me fugiram,
Quando morto me deixaram.

Lindos cabellos que tendes,
Que vos dão pela cintura,
De noite servem de cama,
De dia de formosura.

Vosso cabello dobado
Dá mais de trinta novellos;
Os teus olhos ramalhudos
Quem os hade amar sem zellos?

Cabellinho entrançado
Pelas costas ao comprido,
N'esse nó que vós lhe daes
Trazes o amor escondido.

Tendes o cabello louro,
Pelas costas ao comprido:
Parecem meadas de ouro
A martello rebatido.

Menina ate o cabello,
Que elle atado está-lhe bem;
Se não tem fita para elle,
O salgueiro verga tem.

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello...
Agora posso dizer
Que passei o mar sem medo.

Essa tua mão de neve
Quando na minha pegou,
Devéras tinha feitiços,
Que logo me infeitiçou.

Tuas mãos são branca neve,
Teus dedos são lindas flores;
Teus braços cadeias d'ouro,
Laços de prender amores.

Oh meu amor, se tu fôres
Ao tribunal das formosas,
Escolhe-me as trigueirinhas,
Que as brancas são enganosas.

Tendes o pé pequenino
Do tamanho de um vintem;
Podia calçar de prata
Quem tão pequeno pé tem.

Tendes cara de papel,
Nariz de penna aparada,
Olhos de letra miuda,
Bocca de carta fechada.

Meu amor, quem cala vence,
Mais vence quem não diz nada;
Em certas occasiões
Mais vale a bocca calada.

O sangue das tuas veias
Gira no meu coração;
Os teus braços são cadeias,
Amor me entrego á prizão.

Tive hontem de noite um sonho,
Que sonho tão divertido!
Sonhei que tinha na cama
A forma do teu vestido.

Eu nasci entre as estrellas,
Ao pé do céo fui criado;
Perdi-me na noite escura,
Em teus braços fui achado.

Esta noite sonhei eu
Comtigo, minha belleza;
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não ha firmeza.

Dormindo estava sonhando
Que te estava a dar abraços,
Acordei, achei-me só,
Mal hajam os sonhos falsos.

Esta noite estive, estive
Á conversa com o amor,
Com a minha bocca na tua
Como o orvalho na flor.

Monina, déste-me a morte,
Dae-me agora a sepultura
Mais acima dos joelhos,
Mais abaixo da cintura.

Lembranças do tempo alegre
Me fazem entristecer;
Quem ama não considera
O que póde acontecer.

Ninguem se fie nos homens,
Nem no seu doce falar;
Tem as palavrinhas doces,
Coração de rosalgar.

Namorei-me, namorei-me,
Não me soube namorar,
Namorei-me de um vadio
Que me não sabe estimar.

Se eu soubera quem tu eras,
Quem era teu coração,
Duas falas que te eu dei
Ou eu as daria ou não.

Se eu soubera quem tu eras
Ou eu te amaria ou não;
Agora que já o sei
Padeça meu coração.

Fui encontrar a desgraça
Onde as mais acham prazer;
Amor que dá vida a tantos,
Só a mim me faz morrer.

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe;
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguem.

Não sei que quer a desgraça
Que atrás de mim corre tanto?
Heide parar e mostrar-lhe
Que de vel-a não me espanto.

Eu quero bem á desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho odio á ventura,
Que bem cedo me deixou.

Alma, vida e coração
Tudo, tudo já te dei;
Se tendes tudo que anima,
Como sem ti viverei?

Quem tira da prata a liga
Fica a prata desligada;
Quem por ti arrisca a vida
Não póde arriscar mais nada.

Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir;
Dar-te-hei meu coração
E a chave para o abrir.

Já la vae, já se acabou
A nossa felicidade;
Só me resta d'esta vida
Uma terna saudade.

Não me importa que eu não logre
Tua mão mimosa e bella;
Apezar do meu tormento
Gósto de penar por ella.

Eu morro por ti, se morro!
Tu me deves animar;
Anima-me, que eu prometto
Viver só para te amar.

Um impossivel me mata,
Por um impossivel choro;
É impossivel que vença
Um impossivel que adoro.

Oh amor, que te fiz eu,
Para por ti ser deixado?
Se o bem querer é um crime,
Só n'isso serei culpado.

Justos céus por que me déstes
Uma alma capaz de amar?
Se alma sem amor não pode
Livremente respirar?

Não julgues um só instante
Que te posso ser ingrata;
Bem sabes que por ti sinto
Uma paixão que me mata.

Quem pudéra acreditar
Se o teu sentido assim é;
Mas eu sempre atraiçoada
Em nada posso ter fé.

Tenho feito juramento
Não amar quem me amofina;
Mas não posso, que é mais forte
A paixão que me domina.

Faz não ver a falsidade
A paixão com que te adoro;
Quando me lembra deixar-te
Da mesma lembrança choro.

Tenho o meu peito ralado
Á força de padecer;
Esta pena é um segredo
Que ninguem hade saber.

Tenho dentro do meu peito
Duas pennas a bulir;
Uma diz que quer amores,
Outra d'elles quer fugir.

Façamos, meu bem, as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem sempre perdôa
Uma... duas, até tres.

Não quero fazer as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem nunca offende
Nem uma, quanto mais tres.

Se eu tivera não pedira
Cousa nenhuma a ninguem;
Eu por não ter é que peço
Lealdade a quem a tem.

Não me peza de te amar,
Pois não gósto d'esta vida;
Só me peza ser leal
E tão mal correspondida.

Se me não sabes amar,
Vem cá que eu te ensinarei;
O meu mestre foi Cupido,
Vê lá se não saberei.

O meu amor de ciumes
Não quer que fale a ninguem;
Falo para que me falem,
Não sou de enganar ninguem.

O vir á fonte de noite
Nunca fez mal a ninguem;
Isto de quem tem má lingua
Tira a honra a quem a tem.

Oh falsa, mil vezes falsa,
Oh falsa, que me vendeste;
Quanto te deram por mim,
Que dinheiro recebeste?

Salta-me o sangue das veas,
Oh que sem causa me feres;
Se alguma cousa precisas,
Dize, amor, isso que queres.

Choro lagrimas de sangue
Para teu divertimento;
Quero que vivas alegre
Á custa do meu tormento.

Oh falso, permitta o céu
Já que me pagas tão mal,
Que o primeiro amor que tenhas
Que te não seja leal.

Oh quantas vezes, oh quantas,
Falso, por mim chorarás:
Quando remedio não tenhas
Então te arrependerás.

Triste sou, triste me vejo
Sem a tua companhia;
Triste sou, que nem me lembra
Se alegre fui algum dia.

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não quero mais;
Para que heide qu'rer amores
Se elles me não são leaes?

O amor que eu em ti puz
Antes o puzera n'agua;
A agua vae e não volta,
Não deixa penas, nem magua.

Amor, não venhas irado,
Suspende a tua vingança;
Bem me basta o meu martyrio
De te amar sem esperança.

Antoninha, cara linda,
Rosto cheio de signaes;
Palavras que dás a outro
São facadas que me daes.

O sol para todos nasce,
Só para mim escurece;
Desgraçada creatura,
Que até o sol me aborrece!

Meu amor, eu sou sincera,
Não pretendo enganar-te;
Mil vezes protesto e juro
Antes morrer que deixar-te.

Se os campos todos falassem,
Que diriam os rochedos?
Então se descobririam
Nossos primeiros segredos.

Quem de mim te poz tão longe
Não teve boa eleição,
Quanto mais longe da vista,
Mais perto do coração.

Pelo cantar da sereia
Se perdem os navegantes,
Perdem-se as mães pelos filhos,
As damas pelos amantes.

Quem me déra já lograr
D'esses teus olhos as luzes;
Mais de quatro ficariam
Na bocca fazendo cruzes.

Mal de amores não tem cura,
Mal de amores cura tem;
Ajuntem-se dois amores
Mal de amor cura-se bem.

O sol é a caixa de ouro,
A lua é fechadura,
As estrellas são as chaves
Que fecham minha ventura.

Acredita que eu já tenho
A minha tenção formada;
Tanto bem que me quizeste
Nunca me serviu de nada.

Os meus primeiros amores
Mandei-os ao rosmaninho;
Estes que eu agora tenho
Vão pelo mesmo caminho.

Impossivel, sem ser Deos,
Haver quem de ti me aparte;
Se houver quem se opponhá a isso
Haja logo quem me mate.

Amar, morrer, padecer
Não pode ser tudo junto;
Quem morreu acaba a vida,
Quem ama padece muito.

És espelho onde me vejo
Cada vez que te visito;
És egual ao meu desejo,
Não ha nada mais bonito.

Triste quem d'amores morre,
Mais triste quem d'amor vive;
Que eu morro pelos que tenho,
E pelos amores que tive.

Quando te não conhecia
Nada de ti se me dava;
Sem pensamento dormia,
Sem cuidados acordava.

Mil cadeias são teus braços,
Mil grilhões os teus carinhos,
Que prenderam meus afagos
Nos mais agudos espinhos.

As saudades te persigam,
Que te não possas valer;
Para que saibas, ingrato,
Quanto custa o bem querer.

Meu amor, se te arrependes
De algum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que eu te dei
Pelos que tu já me déste.

De que me servem sem ti
Os bens que a fortuna dá?
Sem os bens tambem eu passo,
Mas sem ti quem viverá?

Quando eu nasci chorava,
Chorava de ter nascido;
Parece que adivinhava
Que estava o mundo perdido.

Já o mar anda de luto,
Navios e embarcações;
Já se não pagam finezas
Senão com ingratidões.

Eu amei a um ingrato,
Que me arrastou pelo chão;
Mesmo assim eu gósto d'elle,
Vejam a minha paixão.

A paixão domina a gente,
Eu d'ella estou dominada;
D'aqui para a sepultura
É pouco, não custa nada.

Quem quizer ser bem querida
Não se mostre apaixonada;
Uma paixão conhecida
Então é que é desgraçada.

Alem vae a presumida,
Rua cheia, sem ninguem;
Ella cuida que é bonita,
Nada d'isso ella tem.

Menina, não seja vária,
Reprehenda o pensamento;
Olhe que o amor dos homens,
Dura muito pouco tempo.

Ingrata desconhecida
Que te custava dizer:
Amor busca a tua vida,
Que eu tua não quero ser?

Oh estrellinha do norte,
Vae andando que eu já vou;
Deitando claras luzes
Já que o amor me deixou.

Trocastes a mim por outra,
Trocastes amor, trocaste;
Tu me dirás a seu tempo
Quanto na troca ganhaste.

D'aqui d'onde estou bem vejo
Estarem-me offendendo;
Porem faço que não ouço,
É mundo! vamos vivendo.

Das ingratas que ha no mundo
Tu és a de maior fama;
Que tratas com tyrannia
A quem devéras te ama.

Quem quer ver um infeliz
Que no triste mundo nasceu?
Para penas está vivo,
Para gloria já morreu.

Quem quer ver um infeliz
Que nasceu ao pé da faya?
Não ha desgraça nenhuma
Que n'este infeliz não caia.

Eu heide amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não se muda,
Tu mudas-te sem razão.

Se os meus olhos te offendem
Eu mesmo tiral-os-hei;
Não quero ter no meu rosto
Cousa que offenda ninguem.

Tudo o que é triste no mundo
Tomára que fosse meu,
Para vêr se tudo junto
Era mais triste do que eu.

Já la vae, já se acabou
O tempo que eu te amava;
Tinha olhos e não via
A cegueira em que andava.

Já o sol, minha menina,
Não nasce aonde nascia;
Já não morre por amores
Quem por amores morria.

A menina chóra, chóra,
Chóra por que eu a enganei;
Chóra, mas é n'este mundo,
Que no outro penarei.

Alevanta esses olhos
Debaixo d'essas pestanas,
Que eu quero conhecer
As luzes com que me enganas.

Tenho mandado fazer,
Que não posso fazer tudo,
Um cofre de paciencia,
Para viver n'este mundo.

Oh coração retrahido,
Oh cara cheia de enganos,
Que é da paga que me déste
De te eu amar tantos annos?

Coração, meu coração,
Com uma faca te heide abrir,
Que te deixaste prender
De quem podias fugir.

Coração não andes triste,
Anda alegre se puderes;
Algum dia será teu
O que tu agora queres.

O meu coração é teu,
Bem o podes entender;
Antes que a morte me leve
Nos teus braços me heide vêr.

Os corações não se vendem,
São cousas de alto valor;
Não se vendem por dinheiro,
Rendem-se á força do amor.

Não ha dor que tanto custe,
Como a dor do coração;
Todos os males tem cura,
Só este mal é que não.

Oh penas não venhaes juntas,
Que não quer meu coração;
Vinde de duas a duas,
Dae logar ás que cá estão.

Se mil corações tivesse
Com elles eu te amaria;
Mil vidas que Deos me désse
Em ti as empregaria.

Não se me dá que outrem logre
Amores que já logrei;
Faço de conta que foi
Vinha que já vindimei.

Qualquer pessoa que chegue
A possuir-te ou gozar-te,
Será mais feliz do que eu,
Mas não mais capaz de amar-te.

Se pensas que por ti morro,
Ou por ti tenho paixão,
Nunca fui apaixonada
Da fructa que cáe no chão.

Quando o sovreiro dér baga,
E o loureiro dér cortiça,
Então te amarei meu bem,
Se não me dér a preguiça.

Meu amor em braços d'outro
Como estava divertido!
Deixal-o ter essa gloria,
Que a paixão fica commigo.

Á minha porta está lama,
Á tua fica lameiro;
Quando falares dos outros
Olha para ti primeiro.

Passei pela tua porta
Pela cantada do gallo;
Ouvi-te dar um suspiro,
Quantos terias já dado!

Se te enfastia eu querer-te
É força por fim deixar-te;
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Ai Jesus, eu vivo triste,
Que já não tenho amor;
Eu sou como o cypreste
Que de triste não dá flor.

Oh acypreste dos valles,
Retiro dos passarinhos,
A quem déstes os abraços
Dá-lhe tambem os beijinhos.

Se o passarinho vendesse
As pennas que Deos lhe deu,
Tambem eu vendia as minhas,
Ninguem as tem mais do que eu.

Passarinho que cantaes
Nesse raminho de flores,
Cantae vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

Amor impossivel vence,
Amor tudo facilita;
Quem quer bem a nada attende,
Quem ama a tudo se arrisca.

Vai depressa oh creatura,
Vai depressa, que eu não vou;
Já me parece loucura
Amar a quem me deixou.

Eu gosto de te encontrar
E tremo quando te vejo;
Que te não posso falar
Á medida do desejo.

Coração porque palpitas
De um modo tão desuzado?
Sentes-te de amor ferido,
Que assim estás maltratado.

Vae-te embora, amor ingrato,
Que eu não quero nada teu;
Foste repartir com outro
Um amor que era só meu.

Quem tiver dois corações
Dê-me um, que bem o emprega;
Que aquelle que eu tinha dei-o
A quem agora m'o nega.

Lindos olhos tem amor,
Inda agora reparei,
Se reparára mais cedo
Não amára a quem amei.

Se te adorei foi um sonho,
Se te quiz foi falsidade;
Foi em quanto não achei
Amor á minha vontade.

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo;
Não ha um poço tão alto
Que se lhe não chegue ao fundo.

Já te quiz, já te não quero,
Já te amei, já te não amo;
A minha pouca assistencia
Dar-te-ha o desengano.

Já passei o mar a nado,
A nado como uma enguia;
Mais vale não ter amores,
Do que passar agua fria.

Algum dia, meu brinquinho,
O meu regalo era ver-te;
Agora tanto me vale
Ganhar-te como perder-te.

Menina, não traje branco,
Que o branco logo se suja;
Trago amarello, côr de ouro,
Que é o que agora se uza.

O amor em quanto novo
Ama com todo o cuidado;
Depois de venda na mão
Mostra papel de enfadado.

Eu tenho quatro amores
Dois de manhã, dois de tarde;
Com todos me rio e brinco,
Só a um falo verdade.

Se ouvires assobiar
Não digas que é caçador:
Anda agora uma moda
De assobiar ao amor.

Se você me não queria
Para que me acarinhou?
Para agora me deixar
No estado em que estou.

Oh José, pinheiro alto,
Sombrinha de todo o verão;
Todo o amor se me rende,
Só o teu, oh José, não.

Quando comecei a amar-te
Deitei sortes á ventura;
Quando me quiz retirar
Já meu mal não tinha cura.

Quando eu te queria bem
Mandava parar o vento,
Agora que te não quero
Nem me vens ao pensamento.

O melro canta na faya,
Escutai o que elle diz:
Quem fez o mal que o pague
Menos eu que o não fiz.

Ai quem me déra ter mãe,
Inda que fosse uma silva;
Inda que ella me arranhasse
Sempre eu era sua filha.

Dizes que eu não tenho mãe,
Tenho uma como o sol;
Quando fôres á egreja
Olha para o altar mór.

O tempo em que eu já te amei
Melhor estivera doente;
Tempo tão mal empregado,
Dado de tão bôamente.

Eu amei a uma ingrata
Que tão mau pago me deu;
Ninguem me fale mais n'ella,
Que ella para mim morreu.

Coração que a dois adora
Que firmeza pode ter?
Só se for coração de homem,
De mulher não pode ser.

Oh alta serra de neve
D'onde o penedo cahiu;
Ninguem diga o que não sabe,
Nem affirme o que não viu.

Oh meu amor não embarques,
Olha o mar que não tem fundo;
Olha o mar é como os homens,
Que enganam a todo o mundo.

Já não quero mais amar,
Que eu do amor tenho medo;
Não me quero arriscar
A pagar o que não devo.

Assentado n'uma pedra
Ouvi dar a meia noite;
Coitado de quem espera
O que ha de vir da mão d'outrem.

As estrellas se admiram
D'este meu andar de noite;
As passadas serão minhas,
O proveito será d'outrem.

Oh pedras d'esta calçada
Levantai-vos e dizei
Quem vos passeia de dia,
Que de noite bem eu sei.

'Num só momento que eu tenha
A dita de te encontrar,
Em segredo te diria
O motivo de eu penar.

Lá no céo vae uma nuvem,
Todos dizem—bem a vi;
Todos falam e murmuram,
Ninguem olha para si.

Encostei-me á cana verde
Cuidando que não quebrava;
A cana verde era ôca,
Cousa que me não lembrava.

Não fui eu o que te amei,
Nem eu nunca te amaria;
Entre tantos que te adoram
Qual de nós feliz seria?

Á tua porta está louro,
Á minha está o loureiro;
Quando falares em mim
Olha para ti primeiro.

Loureiro, verde loureiro,
Quem te poz n'este caminho?
Quantos passam e não passam
Todos tiram seu raminho.

O amor e o ciume
Fizeram paz e união;
Quem tem amor tem ciumes,
Quem tem zelos tem paixão.

Vae, amor, por esse mundo
Procura melhor riqueza,
Se a não encontrares volta
Aos restos d'esta pobreza.

Oh minha menina bella
Ponha o seu amor só n'um;
Não traga tanto á trella,
Pode ficar sem nenhum.

No alto d'aquella serra
Andam dois coelhos bravos;
É tempo de se juntarem
Aquelles dois namorados.

Heide escrever a Cupido
Mandando-lhe perguntar,
Se um coração offendido
Tem obrigação de amar.

Amar e saber amar
Isso faz qualquer amante;
Amar depois de offendida
Só eu porque sou constante.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não têem conta,
Os que sabem são contados.

Amar e saber amar
Qualquer amante faz isso;
Mas amar com lealdade
Só eu nasci para isso.

Eu heide amar uma rocha
E não te heide amar a ti;
Que uma rocha é sempre firme
E tu és falsa para mim.

Quando eu quiz tu não quizestes,
Tivestes uma opinião ;
Agora queres, não quero,
Tenho minha pretenção.

Heide ir para aquella serra,
Com meus ais quebrar penedos;
Para fazer uma torre
Para fechar meus segredos.

Se te não amo falleço,
E se te amo ha quem me mate;
De todas as sortes morro,
Quero morrer a adorar-te.

Heide-te amar é meu gosto
Corra o perigo que correr;
Uma vida só que tenho
Quero por ti padecer.

Corri todo o mar á roda
C'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

Se eu soubesse que voando
Alcançava o que desejo,
Depressa formava azas,
Que as penas são de sobejo.

Por te amar perdi a Deos,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só
Sem Deos, sem amor, sem ti.

Tenho um vestido de penas
A fazer n'um alfaiate;
Eu as fiz eu as causei,
É bem que as penas me matem.

Quebrem-me estas cadeias,
Tirem-me d'esta prisão;
Que eu não vivo muito tempo
Na tua separação.

Meu amor por algum tempo
Me hade vir a desprezar;
Antes que tal chegue a vêr,
Oh morte, vem-me buscar.

Ferros de el-rei são prizões,
Mas o amor ainda é mais forte;
Para os ferros inda ha lima,
Para o amor nem a morte.

Quem hade passar os dias,
Sem gosar tua amisade?
A vida já não desejo,
A morte é felicidade.

Uma só palavra tua
Decide da minha sorte;
Dar-me o sim é dar-me a vida;
Dar-me o não é dar-me a morte.

Das lagrimas faço contas
Com que reso ás escuras;
Oh morte que tanto tardas!
Oh vida que tanto duras!

Ámanhã por estas horas
Onde estará o meu corpo?
Estará n'esses teus braços,
Ou na sepultura já morto.

Eu heide morrer, morrer,
Não sei a hora, nem quando;
Terra que me hasde comer,
Podes-te-ir apparelhando.

Abre-te oh penha constante
Serás minha sepultura,
Se te não abres, oh penha,
Digo-te penha, que és dura.

Anda, oh morte, vem aqui,
Que te quero perguntar,
Quem morre de mal de amores
Se vae para bom logar?

Oh morte para que levas
Desejosos de viver?
Oh morte leva-me a mim,
Que desejo bem morrer.

Se ouvires dizer que eu morro,
Não tenhas pena, meu bem;
Que a morte de um desgraçado
Não causa pena a ninguem.

Quando vou por meu caminho
A chamar pela ventura,
Não acho melhor descanço
Do que a paz da sepultura.

Apezar da triste morte,
Eu sempre te heide adorar;
Custe o sangue, ou custe a vida,
Custe, amor, o que custar.

Oh rosa, quando morreres,
Quem te hade dar a mortalha?
Co' as folhas da mesma rosa,
Vae a rosa amortalhada.

Põe na minha sepultura
Aonde enterrado fôr,
A cada canto uma letra:
A — M — O — R, amor.

Heide mandar escrever
Sobre a minha sepultura:
— Aqui jaz quem sempre teve
Muito amor, pouca ventura.

Sobre a minha sepultura
Um epitaphio heide pôr:
— Aqui jaz quem viveu sempre
Em desgosto, pranto e dor.

Ainda depois de enterrado
Debaixo do frio chão,
Hasde o teu nome encontrar
Dentro do meu coração.

Quem me levar para a cova
Deixe-me á porta da egreja;
Não ha mulher venturosa,
Nem homem que leal seja.

Se passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Diz á terra que não coma
As tranças do meu cabello.

Se passares pelo adro,
Tira o chapéu, resa á cruz;
Que o meu amor é mordomo
Da capella de Jesus.

Heide deixar que me enterrem
Onde tu fores á missa;
Que inda depois de enterrado
Quero estar á tua vista.

Pelo amor de Deos te peço,
Move de vagar teus passos;
Debaixo d'esses teus pés
Anda meu corpo em pedaços.

Meus males, minhas desditas
Remedio não podem ter;
Só deixarei de ser triste
Quando acabar de viver.

Noite escura, noite escura,
Cobre-me com o fato teu;
Vim achar tudo de luto,
O meu amor já morreu.

Puz um pé na sepultura,
Uma voz me respondeu:
— Tira o pé, que estás pisando
Um amor que já foi teu.

Puz um pé na sepultura
Onde estava corpo humano;
Ouvi uma voz dizer-me:
Não me pises, oh tyranno.

Anda cá, meu amor morto,
Dize lá quem te matou;
Se te matou minha ausencia,
Ressuscita, aqui estou.

Quem disser que a vida acaba,
Digo-lhe eu que nunca amou;
Quem deixou ficar saudades
Nunca a vida abandonou.

Ai, quem me déra morrer,
Depois de morto ter vida,
Para vêr quem te lograva
Prenda tão d'alma querida.

Tu chamas-me tua vida,
Mas tua alma eu quero ser;
Que a vida morre com o corpo,
E a alma eterna hade ser.

Se amor dura alem da morte,
Constante sempre heide ser;
Se amor dura só na vida
Heide amar-te até morrer.

De cada vez que te vejo
Devo-me ir confessar:
Eu não pécco em te vêr,
Pécco em te desejar.

Aqui tens meu coração,
Vinga n'elle meus delictos;
Crava-lhe um punhal agudo,
Não te dôas de seus gritos.

Aqui tens meu coração,
Retalha-o como um marmello,
Que dentro d'elle hasde achar
O bem e o mal que te quero.

Aqui tens meu coração,
Se o queres matar bem podes;
Olha que estás dentro d'elle,
E se o matas tambem morres.

Não te inclines a meu peito,
Olha que te hasde ferir;
Que as setas em mim são tantas
Que passam de mais de mil.

Se as saudades matassem,
Muita gente morreria;
Mas as saudades não matam
Senão no primeiro dia.

Puz-me a chorar saudades
Ao pé do verde jasmim;
Uma flor me respondeu:
Cala-te, tudo tem fim.

Toda a vez que me eu alembro
Que de ti me heide apartar,
Enchem-se-me os olhos de agua
Com vontade de chorar.

Eu heide ir áquelle mar,
Se elle me quizer ouvir,
Que abrande as suas ondas,
Quer o meu amor partir.

Quero dar as despedidas,
Quero dal-as e não posso;
Tenho o meu coração prezo
Por um fio de ouro ao vosso.

Oh amor, hoje é o dia
Que se apartam corações;
Não se hãode apartar os nossos,
Que estão prezos com grilhões.

Oh triste segunda feira
Da semana que hade vir,
Quaes serão os tristes olhos
Que te hãode vêr partir.

Meu amor na despedida
Nem um só ai pôde dar;
Pôz a mão sobre meu peito,
Não fez mais que suspirar.

Meu amor na despedida
Nem uma fala me deu;
Fôz os seus olhos no chão,
Ficou a chorar mais eu.

Quizera não conhecer-te,
Quizera não adorar-te,
Para não morrer de pena
No momento de deixar-te.

Quem vive ausente não pode
Dizer que logra ventura;
Porque uma saudade é morte,
Uma ausencia sepultura.

Amores ao pé da porta,
É que eu gostava de ter;
Inda que eu lhe não falasse,
Os olhos gostam de vêr.

Anda cá, se queres vêr
Uma cruel despedida;
Dois amantes que se apartam,
Um sem alma, outro sem vida.

Se algum dia aqui voltares
Falar-te de mim quem hade!
Se em nenhures me encontrares
Busca por mim na saudade.

Dizem que o chorar consola,
Eu chorar não chorarei,
Que assim perdia a saudade
A que já me acostumei.

O meu amor foi-se, foi-se,
Sem se despedir de mim;
Do mar se lhe façam rosas,
Do navio um jardim,
Das velas uma açucena
Para se lembrar de mim.

....

....

Se fôres ao mar lá fóra
Não me leves no cuidado;
Senta-te á sombra da vela,
Dorme o somno descançado.

Andaes vestido de azul,
O azul é que eu venero;
O azul é navegante,
Eu tambem navegar quero.

Dizei-me quanto é que custa
O azul com que brilhaes,
Que me quero vestir d'ello
Antes que encareça mais.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem adora;
Mais padece quem não vê
O seu amor toda a hora.

Ausente de um bem que adoro,
Meu amor não faz mudança;
Quanto mais ausente vivo,
Mais o trago na lembrança.

Ausente do meu amor,
Nada me pode agradar;
Eu não vivo para o mundo
Vivo só para o amar.

Toda a vez que tu me alembras,
Vou á janella e digo:
Onde estarás tu agora,
Disvello do meu sentido!

Porque o mar é triste e alegre
Faz o passado lembrar!
Faz lembrar tempos felizes,
Faz tristesas despertar.

Lagrimas me põem á meza,
Suspiros são meu comer;
Saudades são meu sustento,
Até te tornar a vêr.

Suspiros me dão combates
Por não 'star á tua vista;
Deos me chege ainda a tempo
Que de continuo te assista.

Suspiros me dão combates,
Commigo batalhadores,
Desgraçado é quem toma
Por pouco tempo amores.

Suspiro que nasce d'alma,
Que á flor dos labios morreu,
Coração que o não entende
Não o quero para meu.

Dei um ai, e não ouviste,
Suspirei, não déste fé;
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

Suspiro por ti, meu bem,
Mas que vale suspirar?
Quanto mais por ti suspiro,
Menos te posso lograr.

Do céo caiu um suspiro
Que no ar se desfolhou;
Quem n'este mundo não ama,
No outro não se salvou.

Suspiros, ais, e tormentos,
Imaginações, cuidados,
São o manjar dos amores
Quando vivem separados.

Suspirar continuado
Tambem serve de alimento;
Ai! quantos ha que suspiram
A má hora e a mau tempo!

Suspirava por te vêr,
Já matei esta saudade;
Muito custa uma ausencia
A quem ama na verdade.

Suspirar é meu destino
Quando de ti ando ausente;
Nada me serve de alivio,
Só comtigo estou contente.

Oh meu amor, quem te disse
Que eu dormindo suspirava?
Quem te disse não mentiu,
Que eu alguns suspiros dava.

Foram tantos meus suspiros
Ao vêr que me ias deixar,
Que as mesmas aguas do rio
Inda vão a suspirar.

Não ha flor como o suspiro,
Na minha opinião;
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão.

Uma saudade me mata,
Um suspiro me detem;
Uma esperança me anima
De tornar a vêr meu bem.

A saudade é uma flor,
E dispõe-se em qualquer vaso;
Mas uma saudade firme
Só se encontra por acaso.

A saudade é um mal
Que nem respirar permitte,
É uma ancia, é um tormento,
É uma dor sem limite.

A paixão tem uma filha
Que se chama saudade;
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Se por minha desventura
Longe de ti vou viver;
Não esperes me vêr mais,
Que eu de certo vou morrer.

É tão triste o meu viver,
Que até de mim tenho dó;
Ausentou-se o meu amor,
Paciencia, vivo só.

Meu amor na despedida
Nem uma só fala me deu;
Quiz falar, não pôde, afflicto,
Quiz falar, emmudeceu.

Eu dei um ai sobre os montes,
Accudiram-me as montanhas;
Ai de mim que já não posso
Soffrer ausencias tamanhas.

Desgraça minha foi vêr-te,
A primeira vez falar-te;
Ventura foi conhecer-te,
Mas que destino...deixar-te!

Nem o tempo, nem a morte,
Nem a desgraça tambem,
Fará que de ti me esqueça,
Lindo amor, querido bem.

Não ha cousa que mais cheire
Do que a larangeira em flor;
Não ha cousa que mais custe
Do que a ausencia do amor.

Oh terra dos meus amores,
As costas te vou virando;
Minha bocca se vae rindo,
Os meus olhos vão chorando.

Junto a ti sinto ternura,
Ausente de ti saudade;
Não sei em qual d'estes lances
Tenho menos liberdade.

Não te posso acompanhar,
Seguir-te não posso, não;
Lá irão onde tu fores
Os ais do meu coração.

Eu ausente do meu bem,
Meu bem ausente de mim,
Diga-me quem sabe amar,
Se eu posso viver assim?

Lá no céo está uma estrella
Que se parece comtigo;
Nos dias que te não vejo,
A estrella é o meu alivio.

Sempre estás: adeos, adeos,
Com esse adeos me mataes;
Queira Deos não digas tu
Adeos para nunca mais.

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios;
Que esse foi o causador
De meus olhos serem rios.

Quanto se sente na morte,
Quanto na ausencia se sente!
A morte é ausencia eterna,
A ausencia morte apparente.

Amores ao longe, ao longe,
Mais vale ao longe que ao perto;
Inda que o mundo murmure,
Ninguem o sabe de certo.

Oh meu amor, se te fôres
Leva-me na tua alminha;
Eu sou como a borboleta,
Onde quer vae metidinha.

Vae quasi a fazer um anno
Que por estas margens ando
Solitario, n'estes bosques
Minhas lagrimas chorando.

Fecharam-me a minha terra
Com montanhas ao redor;
Ai de mim, ficou lá dentro
Fechadinho o meu amor.

Se os meus tristes ais voassem,
Daria mil cada hora;
Iriam bater no peito
De quem me lembrou agora.

Debaixo da fria campa,
Os ossos mirrados 'stão;
Elles mesmo 'stão sentindo
A nossa separação.

Debaixo do frio chão,
Onde o sol não tem entrada,
Abre-se uma sepultura,
Mete-se uma desgraçada.

Meu amor, que estás tão longe,
Ausenta-te e vem-me ver;
Olha que as vidas são curtas,
Pode algum de nós morrer.

Olhos que andaes ausentes,
Que na villa não entraes,
Tirae carta de seguro
Em quanto vos não livraes.

Da minha janella vejo
A Senhora das Areias,
Que me guarda o meu amor
Que anda por terras alheias.

Quem me dera agora vêr
Quem me agora aqui lembrou;
O meu amor que é tão lindo,
Que tão longe de ti estou.

Rio que vas para baixo,
Passas por um bem que adoro;
Se te faltarem as aguas,
Leva as lagrimas que choro.

Tenho de ti muita pena,
Pena de te vêr penar;
Pena de te vêr ausente,
De te não poder lograr.

Vejo mar e vejo terra,
Vejo espadas a luzir;
Tenho o meu amor na guerra,
Não lhe posso acudir.

Oh sette-estrello, que andaes
De noite n'essas alturas;
Dae-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.

Quem me dera saber ler,
Prenda que tanto gostava,
Para saber lêr as novas
Que o meu amor me mandava.

Desgraçado foi o pae
Que deu a uma filha o lêr;
Porque namora por carta
Sem a mãesinha saber.

Quem perdeu o que eu achei
Á porta d'uma donzella?
Foi uma carta de amores,
Alguem chorará por ella.

Tenho no meu coração
Letras que se podem lêr,
Que dizem claramente
Heide amar-te até morrer.

Se eu tivera papel d'ouro,
Comprára pena de prata;
Apurára os meus sentidos,
Escrevia-te uma carta.

O papel em que te escrevo
Tiro-o da palma da mão;
A tinta sae-me dos olhos,
A *penna* do coração.

Com a penna escrevo penas;
Com penas soletro dores;
Com que penas não escrevo
Uma carta aos meus amores!

Esta carta vae sem porte
Remettida a quem quer bem;
Tem crime de mão cortada
Se n'ella bulir alguem.

Vae-te carta onde te eu mando
Ás mãos do meu bem parar;
Pede-lhe que com piedade
De mim se queira lembrar.

Carta vae onde te eu mando,
Que uns lindos olhos vás ver;
Carta põe-te de joelhos
Quando te quizerem ler.

Carta, se te perguntarem
Quem foi o teu escrivão,
Dize que foi uma pena
Nascida do coração.

Manda-me de lá dizer
O preço que o roxo tem,
Que me quero vestir d'elle
Por ausencia do meu bem.

O roxo é sentimento,
Eu sou a que estou sentida;
Sinto mais a tua ausencia
Do que a minha propria vida.

O roxo é sentimento,
Trago-o na minha almofada;
Com o sentido no amor
Não côso, nem faço nada.

Com pena pégo na penna,
Com pena quero escrever;
Caiu-me a penna no chão
Com pena de te não vêr.

Atirei a penna ao ar,
Caiu no chão, fez um S;
Ande lá por onde andar,
Nunca o meu amor se esquece.

Fugiu-me a minha pombinha,
Já não tenho portador,
Já não tenho quem me leve
Uma carta ao meu amor.

Procurei a um letrado:
Qual era pena mais viva,
Se uma ausencia dilatada,
Se uma cruel despedida?

Oh rola, que vas rolando
A fugir do gavião,
Ella vae na vêa d'agua,
Barqueiro tende-lhe a mão.

Lá vem o barco á vella,
Lá vem a sardinha bôa,
Lá vem o meu amorsinho
Assentadinho á prôa.

Se estas arvores falassem,
Qualquer d'ellas te diria,
Que a cantar por ti chamava,
Que a chorar por ti vivia.

Fui vêr-te, estavas doente,
Encostei-me no teu leito:
Levanta-te e vem commigo,
Roubador d'este meu peito.

Abre-te, janella d'ouro,
Apparece resplendor;
Veste-te e anda commigo,
Meu delicado amor.

Oh minha bella menina,
Oh bella, se ella quizer,
Heide ir pedil-a a seu pae,
Para ser minha mulher.

Menina lá da janella,
Dê-me a mão, quero subir,
Que eu sou muito vergonhoso,
Pela porta não sei ir.

Eu heide-te amar, amar,
Heide-te querer, querer;
Heide-te tirar de casa
Sem a tua mãe saber.

Cravo roxo á janella
É signal de casamento;
Menina recolha o cravo,
Que o casar tem muito tempo.

O anel que tu me déste
N'aquella dansa da aldea,
Era o élo que faltava
P'ra cerrar nossa cadêa.

O anel que tu me déste
Trago-o no dedo mendinho;
Cada vez que tu me lembras
No anel dou um beijinho.

O anel que tu me déste
Era de vidro e quebrou;
O amor que tu me tinhas
Era pouco e acabou.

Adeos casa de meus pais,
Adeos minha alta janella;
Adeos fatia de brôa,
Que se via o sol por ella.

Eu casei-me e cativei-me,
Inda não me arrependi;
Quanto mais vivo comtigo,
Menos posso estar sem ti.

Eu casei-me hontem á noite,
Nem por isso estou contente;
O rapaz por si é bom,
Mas não tem que dar ao dente.

Minha mãe, case-me cêdo
Em quanto sou rapariga;
Que o milho sachado tarde
Não dá palha, nem espiga.

Minha mãe, para casar
Prometteu-me quanto tinha;
E depois de estar casada,
Filha que já não és minha.

Eu cuidava que o casar
Era só o dar a mão;
Sustentar mulher e filhos
É uma grande pensão.

Se a liberdade dos prezos
Estivesse em minha mão,
Já te agora tinha solto
Amor do meu coração.

Se o casar fosse tão doce
No fim como é no começo,
Eu pedira a minha mãe,
Que me casasse do berço.

Solteirinha não te cases,
Logra-te da boa vida,
Que eu bem sei de uma casada
Que chora de arrependida.

Casadinha de ha tres dias
Que fazes ao teu marido?
Elle vae a minha casa,
Chora que nem um perdido!

Casadinha de ha tres dias,
Eil-a lá vae a chorar
Pela vida de solteira
Que a não torna a lograr.

Solteirinha côr de cravo,
Tira-te ao pé da casada,
Casadinha de ha tres dias
Já tem a côr demudada.

Dei um nó que nunca dera,
Dado pela mão do cura;
É nó que se não desata
Senão para a sepultura.

Eu casei-me e cativei-me,
Troquei a prata por cobre;
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.

Maria já te casaste,
Já o laço te enganou;
Queira Deos que sempre digas
Se bem estava, melhor estou.

Quem é pobre, sempre é pobre,
Quem é pobre nada tem;
Quem é rico, sempre é nobre,
E ás vezes não é ninguem.

Na torre do meu sentido
Tenho um leite de ouro armado,
Para descançar meu bem
Quando vem afadigado.

Quem tiver filhos pequenos
Por força hade cantar;
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar.

Uma mãe que um filho embala,
Todo o seu fim é chorar,
Só por não saber a sorte
Que Deos tem para lhe dar.

Quem tiver filhas no mundo
Não fale das malfadadas;
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Das filhas da desventura
Devemos ter compaixão;
São mulheres como as mais,
Filhas de Eva e de Adão.

III — FADOS E CANÇÕES DA RUA

Estudantina

(Cantigas de Coimbra)

Coimbra, nobre cidade,
Onde se formam doutores,
Aqui tambem se formaram
Os meus primeiros amores.

Oh Coimbra, oh Coimbra,
Que fazes aos estudantes?
Vem de casa uns santinhos,
Vão de cá feitos tratantes.

O amor do estudante
Não dura mais do que uma hora,
Toca o sino vae p'r'a aula,
Vem as ferias vae-se embora.

A capa do estudante
É como um jardim de flores,
Toda feita de remendos,
Cada um de varias de côres.

Oh minha mãe não me mande
A Coimbra vender pão,
Que lá vem os estudantes:
Padeirinha de feição.

Adeos ponte de Coimbra,
Aguas claras do Mondego,
Diga-me, minha menina,
Se quem ama tem socego?

Nunca eu fôra a Coimbra,
Nem passara por Sansão,
Nunca vira esses teus olhos,
Que tanta pena me dão.

Não me fales em Coimbra,
Que são penas que me daes,
Tenho lá os meus amores,
Não quero m'os lembres mais.

Oh ribeira de Cozelhas,
Quando eu te passeava,
Tinha olhos e não via
A cegueira em que andava.

Egreja de Santa Cruz,
Feita de pedra morena,
Dentro de ti ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

Quem me déra agora estar
Onde tenho o pensamento,
D'esta terra para fóra
De Coimbra para dentro.

Coimbra, nobre cidade,
Bem te podem chamar côrte,
Que tens a Rainha-Santa
Da banda de alem da ponte.

Estudantes de Coimbra
Têm dois peccados mortaes:
Não fazem caso dos livros
E gastam dinheiro aos paes.

Se houver de tomar amores
Hade ser com um estudante;
Ainda que não tenha dinheiro,
Tem o passear galante.

Locaes

Minha mãe casou-me em Braga
C'um gaiato de Lisboa;
Não tinha calsa, nem véstia,
Camisa nem má, nem bôa.

Fui ao Porto, fui a Braga,
Tambem fui ao Limoeiro;
Não achei melhor amigo
Que a bolsa do meu dinheiro.

Oh Villa-Real alegre,
Provincia de Trás-os-Montes,
Nos dias que te vejo
Meus olhos são duas fontes.

Nunca me lembrou Bragança,
Nem que tal cidade havia;
Agora já não me esquece
Nem de noite, nem de dia.

Já fui soldado em Braga,
Alferes em Pena-Macôr,
Agora sou general,
Capitão do teu amor.

Adeos ó caes das Ameias,
Com teu lindo arvoredo;
De dia gósto de ti,
De noite tenho-te medo.

As meninas da Figueira
O seu dote é uma cêsta;
Andam de porta em porta:
Quem compra sardinha fresca?

Não sei que terra é Figueira,
Que tão nomeada é;
Figueira que não dá figos,
Oh quem lhe cortasse o pé.

Tudo o que no mar embarca
Á Figucira chega bem;
Tudo vae e torna a vir,
Só o meu amor não vem.

Se o mar tivera varandas,
Fôra te vêr ao Brazil;
Mas o mar não tem varandas,
Meu amor por onde heide ir?

D'aqui ao Porto é longe,
Não chegam lá meus sentidos;
Quando elles lá chegarem
Já vão mais mortos que vivos.

Traz o chapeo á paralta,
Á moda de cidadôa;
Põe-lhe uma fita verde,
Que é a moda de Lisboa.

Ditosa a villa de Silves,
Que tem S. Marcos defronte;
Tambem Santiago tem
Nossa Senhora do Monte.

Lisboa com ser Lisboa
Tem o seu braço de mar;
Não ha terra como Moura
No reino de Portugal.

As grades do Limoeiro
São sete, que eu as contei;
Tres de ferro, tres de bronze,
Uma d'ouro, que é d'el-rei.

Tenho uma prima na terra
Que por ella morro tanto;
Heide pôr os pés em Roma
A pedil-a ao padre santo.

Pobre preto só é gente
Quando vem a noite escura;
Todos dizem lá vem homem
Sómente pela figura.

Fadistas

Tudo quanto o fado inspira
É o que só me entretem;
Pois quem do fado se tira
Não sabe o que é viver bem.

Eu heide morrer no fado,
Seguir os destinos seus;
O chinfrim será meu brado,
A banza será meu Deos.

Se o padre santo soubesse
O gosto que o fado tem,
Viera de Roma aqui
Bater o fado tambem.

Fado da Severa

(Versão de Coimbra)

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu;
Hoje mesmo faz um anno,
Que a Severa falleceu.

O Conde de Vimioso
Um duro golpe soffreu,
Quando lhe foram dizer
A tua Severa morreu.

Corre á sua sepultura,
O seu corpo ainda vê:
« Adeos, oh minha Severa,
« Bôa sorte Deos te dê!

« Lá n'esse reino celeste,
« Com tua banza na mão,
« Farás dos Anjos fadistas,
« Porás tudo em confusão.

« Até o proprio Sam Pedro
« Á porta do céo sentado,
« Ao ver entrar a Severa,
« Bateu e cantou o fado.

« Ponde no braço da banza
« Um signal de negro fumo,
« Que diga por toda a parte
« O fado perdeu seu rumo. »

Morreu, já faz hoje um anno,
Das fadistas a rainha,
Com ella o fado perdeu
O gosto que o fado tinha.

Chorae, fadistas, chorae,
Que a Severa se finou;
O gosto que tinha o fado
Tudo com ella acabou.

Fado do marujo

(Versão de Coimbra)

Triste vida a do marujo,
Qual d'ellas a mais cansada;
Por uma triste soldada
  Passa tormentos! *Bis.*

Andar á chuva e aos ventos
Quer de verão, quer de inverno;
Parecem o proprio inferno
    As tempestades!

As nossas necessidades
Obrigam a navegar,
E a passar tempos no mar,
    E aguaceiros.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cosinhar;
Nem tão pouco mal assar
    Nossa comida!

Arrenego de tal vida,
Que nos dá tanta canseira!
Sem a nossa bebedeira
    Nós não passamos!

Quando socegado estamos
No rancho a descansar,
Então é que ouço gritar:
    Oh leva arriba!

O mestre logo se estriba,
Bradando d'esta maneira:
« Moços, ferra a cevadeira
E o joanete. »

Tambem dá o seu falsete
Não podendo mais gritar:
« Cada qual ao seu logar
Até ver isto! »

Mais me valera ser visto
Á porta de um botequim,
Do que vêr agora o fim
Da minha vida!

Quando parece comprida
A noite p'ra descançar,
Então é que ouço tocar
Certa matraca.

O somno logo se atraca,
Meu coração logo treme,
Em cuidar que heide ir ao leme
Estar duas horas.

Lembram-me certas senhoras
Com quem eu tratei em terra,
Que me estão fazendo guerra
Ao meu dinheiro.

Foi um velho marinheiro,
Que inventou esta cantiga;
Embarcado toda a vida
Sem ter dinheiro.

Canção do marinheiro

(Versão de Coimbra)

Perdido lá no mar alto
Um pobre navio andava;
Já sem bolaxa e sem rumo
A fome a todos matava.

Deitaram as negras sortes
A vêr qual d'elles havia
Ser pelos outros matado
P'r'o jantar d'aquelle dia.

Caiu a sorte maldita
No melhor moço que havia;
Ai como o triste chorava,
Resando á Virgem Maria.

Mas de repente o gageiro,
Vendo terra pela prôa,
Grita alegre lá da gávea:
Terras, terras de Lisboa.

A Vida do marinheiro

(Versão de Coimbra)

A vida do marinheiro
É vida de mil diabos,
Passa o dia, passa a noite
Sempre mettido entre cabos.

Para o almoço feijão,
Ao jantar bolaxa dura;
Nem uma só vez sequer
Pode beber agua pura!

Se está doente, p'ra tolda
Ao tempo se vae curar;
Se morre, com mil diabos,
Vae para o fundo do mar!

Cantigas de levantar ferro

(Versão de Lisboa)

VOZ: A grande nau Catherineta
Tem os seus mastros de pinho;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Marujinho bate o pé.

VOZ O ladrão do dispenseiro
Furtou a ração do vinho.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Marinheiro vira a ré.

VOZ Antes de caçar as gáveas,
Põe-se o ferro sempre a pique;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Cada qual mostra o que é

VOZ Para a nau ficar a nado,
Abrem-se as portas ao dique.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Chega tudo cá p'r'a ré.

VOZ Quando as gáveas vão aos rizes,
A maruja talha o lais;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Quem é moiro não tem fé.

VOZ Sobem dois a impunir,
A rizar sobem os mais.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Tu com tu, e cré com cré.

VOZ Quando o barco faz cabeça
Alla braços, iça a giba;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Vá de longo que é maré.

VOZ Quando elle arranca o ferro,
Vira então de leva arriba.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Vira mar e Sam José.

VOZ É de usança ao quarto d'alva,
Matar na coberta o bicho;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Deixa a marca, põe a pé.

VOZ Antes da baldeação
Varre o moço, apanha o lixo.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Peito á barra, finca o pé.

VOZ Todo o barco que anda a côrso
Caça outro que se veja.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Muito cafre tem Guiné.

VOZ Todo o moço do convés
Caça a isca na bandeja.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Mazagão não é Salé.

Canção da Engeitada

(Versão do Algarve)

Não conheço pae, nem mãe,
Nem n'esta terra parentes,
Sou filha das pobres hervas,
Neta das aguas correntes.

Os meus paes me abandonaram,
Foram-se todos os meus;
Entre os filhos da desgraça
Só tenho a graça de Deos.

Caridade abriu-me os braços,
'Nelles meus olhos abri,
Nem tem o mundo outro amparo
Para me amparar a mim.

Vivo como em terra extranha,
Não conhecendo ninguem;
Vivo como peregrino
Que vê tudo e nada tem.

Em toda a terra não acho
Quem por mim conceba dó,
A não ser a caridade
Com quem vivo triste e só.

Caridade, ai caridade,
Alivio da minha dor,
Para pagar teus affectos
Só tenho prantos de amor.

O Frade

(Versão da Beira-Baixa)

Triste vida é a de um frade,
É peor que a de uma freira;
Andar de noite á carreira,
E penitencia.

É preciso paciencia
Com o nosso noviciado;
Estar um anno encerrado,
Eu não sabia.

Eu disse que não queria
Ser frade n'este convento,
Para meu maior tormento
Experimentei.

Eu á força professei,
Por meu pae assim querer;
Ser defunto sem morrer
Amortalhado!

'Num fogo vivo abrazado
Com este meu cruel vestido;
Quando me vejo despido
Estou contente.

Quando me vejo doente
Requeiro a enfermaria,
Então tenho alegria
Pelo descanço.

Se alguma licença alcanço
Meu pae me vem visitar,
Com os frades vae passear
E eu tambem vou.

De noite ás portas da cella
O sino ouço tocar,
Ai de mim, que para o côro
Vou resar.

As Freiras de Santa Clara

(Versão de Coimbra)

As freiras de Santa Clara
Todas têm a fralda rota,
Só a senhora abbadeça
Tem uma feita de estopa.

As freiras de Santa Clara,
Quando não resam no côro,
Dizem umas para as outras:
Ah, se me não caso, morro.

As freiras de Santa Clara,
Quando não resam ó terço,
Dizem umas para as outras:
Ah, se não caso, endoideço.

Nossa Senhora da Saude

(Versão da Figueira)

Oh Senhora da Saude,
A vossa capella cheira,
Cheira ao cravo, mais á rosa,
Mais á flor da larangeira.

Oh Senhora da Saude,
Sois pequenina e bem feita;
Livrae os homens do mar,
Dae-lhe a vossa mão direita.

A Senhora da Saude,
Só ella póde brilhar;
Tem a sua capellinha
Levantada á beira mar.

Oh Senhora da Saude,
Eu heide ir lá para o anno,
Heide ir casada ou solteira,
Ou levada pelo mano.

Oh Senhora da Saude,
Senhora tão marinheira,
Inda cá heide voltar,
Ou casada, ou solteira.

Canção do lavrador

(Versão da Beira Alta)

Na aldea de cem visinhos,
Na pobre choça senhor,
Vive alegre e satisfeito
O cansado lavrador.

Em paz se ergue, em paz se deita,
Não teme o mundo revolto :
Lavra seus campos de dia,
Dorme á noite a somno solto.

Tem mel das suas abelhas,
Tem o pão do seu cerrado;
Leite das suas ovelhas,
Veste a lã que dá seu gado.

Seu comer sempre é gostoso,
Pois o ganha a sua agencia;
E não leva misturado
Amargos da dependencia.

Cantigas politicas

O Jinó, mail o Maneta,
Diz que Portugal que é seu;
É o démo para elles,
E mais para quem l-o deu.

O Jinó diz que é bravio,
Bravio sou eu tambem;
Lá bravio por bravio
Mais bravio é o meu bem.

Ai lé! meu bem, não me fujas,
Não me deixes aqui só;
Vamos dar cabo do corpo,
Mais da alma do Jinó.

O Jinó cá n'esta terra
Dexem-no dizer que a leva;
Deixar engordar o porco,
Hemos de vêr quem o ceva.

IV — FASTOS DO ANNO E ORAÇÕES

As Janeiras

(Versão de Penafiel)

As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos coroados;
Mas nós vimol-as cantar
Por ser annos melhorados.

Gosae sim, senhores, sempre
Mil prazeres venturosos,
Que os bons annos principiem
A fazer-vos mais ditosos.

Os bons annos só se cantam
A quem contra o tempo rude,
Como vós, numera os passos
Pelos passos da virtude.

Bons annos, felizes annos
Aqui vos vimos cantar;
Se o céo cumprir nossos votos,
Muitos haveis de contar.

Cantigas dos Reis

Santos Reis, santos coroados,
Vinde vêr quem vos coroôu;
Foi o menino Jesus,
Para a vossa salvação.

Os Santos Reis adoraram
A Jesus recem-nascido;
Em memoria d'este dia
Todo o festejo é devido.

Entrae, entrae, pastorinhos
Por esses portaes sagrados,
Vinde vêr o Deos menino
N'umas palhinhas deitado.

As palhinhas deitam lirios,
Menino sois meus alivios;
As palhinhas deitam cravos,
Menino sois meus cuidados.

Eu bem vi Nossa Senhora
Nos alpendres de Belem;
Com o seu menino no collo
Como lhe parece bem.

Sam José e mais Maria
Foram ambos a Belem,
Se elles vão cantar os Reis
Cantemol-os nós tambem.

*

Viva a senhora....
Vestidinha de cambraia,
Quando se põe á janella
Allumia toda a praia.

Viva a senhora....
Raminho de salsa crua;
Quando se põe á janella
Allumia toda a rua.

Viva a senhora....
Raminho de salva branca;
O seu corpinho é neve,
A sua alminha é santa.

Viva a senhora....
Raminho de perfeição;
Se hade pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

Viva a senhora....
Os annos que ella deseja;
Depois d'elles acabados
Na gloria do céo se veja.

Viva o senhor....
Quando põe o seu chapéo;
No meio de sua sala
Parece um anjo do céo.

Viva o senhor....
Quando veste o seu collete;
No meio da sua sala
Parece um ramalhete.

Viva o senhor....
Os annos que elle deseja;
Viva tambem uma rosa
Que elle levou á egreja.

Viva o senhor....
Os annos que elle quizer;
Viva tambem uma rosa
Que Deos lhe deu por mulher.

Viva o senhor....
A sua cara é um sol;
Cercado de diamantes
Com aljofres ao redor.

Tambem viva p'ra que viva,
Viva a Senhora da Hora,
Vivam moças e creados
P'ra não ficarem de fóra.

Tambem viva p'ra que viva,
Viva a folha do codeço;
Vivam os outros senhores
Que por nome não conheço.

---

*

Ora venha, se hade vir
Não nos 'steja a dilatar;
Que sômos de muito longe,
Temos muito para andar.

Esta casa é bem alta,
Forrada de papelão;
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um capão.

Esta casa é bem alta,
Forrada de páu de pinho;
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um quartinho.

Ora venha, se hade vir
Venha com desembaraço;
Aqui está á sua porta
O nosso moço do saco.

Esta casa cheira a breu,
Aqui mora algum judeu;
Esta casa cheira a unto,
Aqui mora algum defunto.



Vimos dar as boas festas
E tambem cantar os Reis;
Vimos vêr os vossos brios,
Que alguma cousa nos deis.

Vimos dar as boa festas
A estes nobres senhores;
Que já nasceu o menino,
Em Belem entre os pastores.

O Santo Antonio

(Versão do Algarve)

Oh moças, andem ligeiras,
Vão pedir a Santo Antonio
Que as ponha todas em linha
No livro do matrimonio.

Oh moças, se querem noivos,
Vão esta noite á ribeira,
Que os moços em honra ao santo
Vão armar uma fogueira.

Santo Antonio, Santo Antonio,
Ás moças estende a mão,
Corram moças, vão depressa,
Façam-lhe uma petição.

Santo Antonio aviva os mortos
E dá saude aos doentes;
Não é muito que despache
Mil sadios pretendentes.

O Sam João

(Versão de Coimbra)

Oh Sam João, d'onde vindes
Pela calma, sem chapéo?
— Venho de vêr as fogueiras
Que me fizeram no céo.

Sam João por vêr as moças
Fez uma ponte de prata;
As moças não vão a ella,
Sam João todo se mata.

Oh Sam João, d'onde vindes,
Que tanto estaes orvalhado?
— Venho do rio Jordão
De fazer um baptizado.

Sam João adormeceu
Nas escadas do collegio;
A justiça deu com elle,
Sam João tem privilegio.

No altar de Sam João
Ha um vaso de açucenas,
Aonde vão os namorados
Dar alivios ás suas penas.

Cantigas a Sam João
(Folha volante do seculo XVIII)

Sam João, as moças hoje
Vos pedem que as caseis;
Dae os noivos para todas,
Vêde vós o que fazeis.

Ay lé, ventura,
Isso de casar agora
É uma fina loucura.

Sam João, olhae que as moças
Não vos acendem fogueiras,
Porque vós não as tiraes
Do estado de solteiras.

Ay lé, victoria,
Vou buscar minha ventura,
Conseguir a minha gloria.

Sam João é festejado
Por todo o mundo em geral;
Entre todos os mais santos
Nenhum ha que seja egual.

Ay lé, victoria,
Pelo caminho da graça
Se vae ao reino da gloria.

Oh Sam João não queiraes
Que vos offertem capellas;
Não queiraes já n'este tempo
Casar as moças donzellas.

Ay lé, victoria,
Tomára que Sam João
Me levara para a gloria.

— D'onde vindes, Sam João,
Dos montes para a cidade?
« Prégar nova lei ao mundo,
Annunciar a verdade.

Ay lé, sentido,
Que grande gloria terei
Se este bem me é concedido.

— Sam João, que fazeis cá?
« Venho verdades prégando!
— Olhae que na côrte são
Fazenda de contrabando.

Ay lé, por certo
Melhor escutam verdades
Essas penhas do deserto.

Por causa de pretenções
Mulheres que não farão?
Fizeram cair Sam Pedro,
Degolaram Sam João.

Ay lé, feroz,
A voz de uma mulher
Fez calar a melhor voz.

Sam João foi voz do Verbo,
Que no deserto soou;
Propheta foi, que no rio
Christo com o dedo mostrou.

Ay lé, Senhor,
A vossa immensa grandeza
É objecto da minha dor.

— Oh Sam João, n'este dia
Quem vos hade festejar?
« Todas as moças que querem
Por certo tempo casar.

Ay lé, formosa,
O casar em este tempo
É cousa que anda em moda.

— Donde vindes, Sam João,
De noite pelo luar?
« Venho lá desde o deserto
Para a cidade prégar.

Ay lé, primores,
Como vindes do deserto,
Trazeis capellas de flores.

Sam João, não ha no mundo
Quem não queira festejar
Este dia soberano,
Esta noite singular.

Ay lé, por certo
Com vossa presença agora
Se torna em gloria o deserto.

O Baptista no deserto
Entre as flores escondido,
Annuncia a toda a terra
A gloria de Deos nascido.

Ay lé, memoria,
Já que sois poderoso,
Adquiri-nos a gloria.

Sam João, todas as feias
Vos pedem um casamento,
Que as formosas confiadas
Não procuram valimento.

Ay lé, ventura,
Toda a moça que é formosa
Tem dote na formosura.

Sam Pedro

(Folha volante do seculo XVIII)

Sam Pedro é valioso
Com seu cutello na mão,
Cortou uma orelha toda,
Olhae a valente acção.

Ay lé, queria
Vos durasse sempre, oh Pedro,
Essa vossa valentia.

Sam Pedro, que é do valor
Que mostraste n'este dia?
Uma voz de uma mulher
Vos encheu de covardia.

Ay lé, portento,
Quanto perdeis pela culpa
Ganhaes no arrependimento.

Sam Pedro, as vossas fogueiras
Estão de todo apagadas,
As moças tiveram culpa,
Hãode mister açoutadas.

Ay lé, tyranno,
Uma fortuna que tinha
Me destruiu um engano.

Sam Pedro foi pescador,
Foi da santidade espanto;
O maior milagre foi
Ser barqueiro e ser santo.

Ay lé, tiveram
Sempre no mar da fortuna
Os que no mar se meteram.

Sam Pedro, o galo vos canta,
Olhae vós o mal que obraste,
Uma culpa commetteste,
O vosso Mestre negaste.

Ay lé, tyrannia,
Amareis sempre Sam Pedro,
Agora por muitas vias.

Sam Pedro dizem que é velho,
Quem o disse não diz nada;
Velho será porem elle,
Soube puchar pela espada.

Ay lé, firmeza,
Como é columna forte
Tem mui grande fortaleza.

Sam Pedro, descei cá abaixo,
Que ha muito que vos desejo,
'Nesta noite em que os devotos
Vos fazem tanto festejo.

Ay lé, ventura,
'Nesta flor que vou buscando
Está toda a formosura.

Lôa de Presepe

(Lição manuscripta do seculo XVII)

PASTOR I

Pois todos sômos chegados
Á cidade de Belem,
P'lo Anjo de Deos guiados,
Onde todo o nosso bem
Nasceu p'ra remir peccados:
Vamos-lhe offerecer
E dar graças todos junctos,
Pois este par de presuntos
Lhe trago para comer,
Atados com esses juncos.

PASTOR II

Só este par de tassalhos
Achei lá no meu fumeiro,
E este gordo carneiro,
Com doze cabeças de alhos,
Vos manda meu companheiro.

Não vos pude mais trazer
Por ser longe o caminho,
E mais este barril de vinho
É para o velho beber,
Que está muito fraquinho;
Que hade-vos despertar
E fazer falar francez,
Porem olhar não tombar,
Nem jogar *Martim Cortez.*

PASTOR III

Trago-vos este cabaz
De ovos crus e mais cosidos,
Os crus em caldo mexidos
Dareis a este rapaz
Para que esperte os sentidos.
São mui bons para a memoria,
Mandal-o-heis ensinar,
E assim pode escapar
Da ira da palmatoria
Quando lhe quizerem dar.

PASTOR IV

A vós, Senhora Rainha,
Mãe d'este lindo donzel,
Esta infusa de mel,
Para lhe fazer papinha,
Vos trago no meu fardel;
É mui bom, de enxame novo,
Não dou outro que faz fio,
E n'estas manhãs de frio
Misturado com um ovo,
Não ha quem tenha fastio.

PASTOR V

Vós, santo velho bemdito,
  Parece que estaes cansado,
  Aqui vos trago atado
  Ás costas um bom cabrito
  Para comerdes assado.
  E logo na mesma hora
  O mandareis esfolar
  E depois todo assar;
  Comereis com a Senhora
  E préste-vos o jantar.

PASTORA

Eu esta pobre camiza
  Vos offereço, Senhora,
  Supposto que venha agora
  Tringua forte, mala guiza,
  Obra de mão de pastora;
  Mas inda que seja grossa
  E feita de pano crú,
  Pois o menino está nú
  Vesti-a por vida nossa,
  Com o nome de Jesu.

PASTOR PRETO

Já que vós Senhora saa
  Mai d'este lindo donzelle,
  Em que non saa de meu pelle
  Eu se dezer que forgá
  Mum bem tambem com elle.
  Martim de Crasto de Rio
  Não tem nada que hos dá,

Se vosso filho chorá
Soprar vós este sobio,
Por que elle logo callá.

OUTRO PASTOR

A mim come-me o pescoço
Com o pêzo dos meus çurrões;
Esta jaqueta e calções
Vestireis a este moço
De galhetas e gerrões;
Tomae esta carapuça,
Meu Deos, antes que me esqueça,
E ponde-a na cabeça,
Guardae-a com esta chuça
Que é muito boa peça,
Que nos himos descançar
E prover nossos barris
Para a Jesus louvar.

DESPEDIDA

Senhor, ficae-vos embora,
Querido, amado de nós,
Sim, estâmos satisfeitos
Em que morrendo por nós,
Pois sendo vós nosso bem,
O que tudo confessamos,
Querendo-vos como firmes
Em que sempre vos amamos.

A Senhora da Conceição

(Versão do Minho)

Senhora da Conceição,
Ouvi minha devoção,
Lembrae-vos da minha alma,
Ponde-me da vossa mão;
Que até aqui andei errada,
Sem nunca atinar caminho,
Em tamanho desatino
Me perdia!

Peço-vos, Virgem Maria,
Que me ouçaes meu coração,
Em vós ponho a afflicção,
E sempre por vós chamo,
Quando me vir attentado
Na tentação do peccado
E do inimigo!

Espertae o meu sentido,
Que minha alma se não perca,
Pois vós sois a Arca aberta,
A porta da misericordia.
Virgem, olhae que ando em guerra
No mundo attentador;
Pois não dá bom galardão
Nem menos consolação,
Mas antes guerra!

Virgem, não queiraes que eu perca
Gloria para que eu nasci;

Virgem, lambrae-vos de mim,
Sêde minha advogada.
Dae-me até á morte fala,
E coração forte
Contra os maus pensamentos,
P'ra guardar os mandamentos
Até á hora da morte!

(Versão do Minho)

Ergui-me de madrugada
Em faixinhas e mantéo,
Fui correr a via-sacra
Pelo caminho do céo.
Encontrei nossa Senhora
Com ramo d'ouro na mão,
Eu pedi-lhe um bocadinho,
Ella disse-me que não;
E tornei-lh'o a pedir,
Ella deu-me o seu cordão.
Oh meu padre Sam Francisco,
Aqui está este cordão,
Que me deu Nossa Senhora
Domingo da ressurreição;
Que me désse sete voltas
Ao redor do coração,
Que me désse outras sete
Que chegasse até ao chão!
De um lado está Sam Pedro
D'outro lado Sam João,
No meio está o retrato
Da Virgem da Conceição.

A Virgem da Conceição
Tem um menino Jesus,
Que foi pela barra fora
Domingo de Santa Cruz.
Vinde vêr a barca nova
Que se vae deitar ao mar;
Nossa Senhora vae dentro,
Os anjinhos a remar,
Sam José vae por piloto,
Nosso Senhor por general;
Arreiaram-se as bandeiras,
Viva o rei de Portugal.

(Versão da Beira-Baixa)

Salve Rainha,
Rosa divina,
Cravo de amor,
Mãe do Senhor!
Subi ao Calvario,
Vi lá uma cruz,
Encostei-me a ella
A considerar,
Qual hade ser a hora
Em que Deos me hade salvar.
Disse o Espirito Santo
Na septima guia,
Que fosse devoto
Da Virgem Maria.

(Versão da Beira-Baixa)

Padre Nosso pequenino,
Quando Deos era menino
Tinha as chaves do p'raiso,
Quem lh'as deu, quem lh'as daria?
Sam Pedro e Santa Maria.
Cruz em monte, cruz em ponte,
Nunca o démo te encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem á hora do meio dia!
Já os gallos pretos cantam,
Já os anjos se alevantam,
Já o senhor sóbe á Cruz,
Para sempre amen, Jesus.

Infancia de Jesus

(Cantiga do berço)

Estando Maria
Á borda do rio,
Lavando os paninhos
Do seu bento filho:

Maria lavava,
José estendia,
Chorava o menino
Com frio que tinha.

Não choreis, menino,
Não choreis, amor,
Isso são peccados,
Que cortam sem dor.

Os filhos dos homens
Em berços dourados,
Só vós, meu menino,
Em palhinhas deitado!

Oração da Amargura

(Versão do Porto)

'Stando Nossa Senhora
Em a sua cella,
Fazendo oração,
Chegou Madanella
E mais Sam João:

— Senhora, Senhora,
Que fazeis aqui?
Vosso filho vae preso,
Vae preso por mim!
De porta em porta,
De rua em rua,
Meu Deos da minha alma,
Sem culpa nenhuma.

Chegou á janella
E já o não viu;
Vossa santa virgindade
Correrá toda a cidade.
Com o grande pezo da Cruz

No caminho caíu Jesus.
Esse homem que vós buscaes
Elle se chama Jesus,
E Jesus está pregado
Com tres cravos na cruz.
As pedras a quebrantar,
O sol a escurecer!
O filho de Deos morrer,
Morrer para nos salvar!
Chorae, olhinhos, chorae,
Se vos disserem por quem?
Foi por Christo, nosso bem,
Que morreu crucificado
Entre Jerusalem.
Quinta feira de Endoenças,
Sexta da morte e paixão,
Sabbado de Alleluia,
Domingo da Ressurreição:
Quem esta oração disser
Quatro vezes na quaresma,
Outras quatro no carnal,
Das penas do purgatorio
Quatro almas tirará:
A primeira será sua,
A segunda a de seu pae,
A terceira de sua mãe,
A quarta do seu parente
Mais chegadinho. Amen.

V — PROPHECIAS NACIONAES

Propecias do Senhor Rey Dom Manuel, feitas no anno de 1520 em pergaminho, e seladas com o seu sello.

Quem depois de mim reinar
  Será brando e humano,
  Trará as portas de Jano,
  Por todo o mundo o temer.
Vir-lhe-ha a obcdecer
  O nosso novo oriente,
  Com os filhos differentes
  Outro Alexandre hade ser.
Meu descendente verá
  Os dez lustros tamsómente,
  A sua propria semente
  Em sua vida acabará.
Mas o garfo ficará
  Escondido no mais certo;
  E por ficar encoberto
  Este *Encoberto* será.
Duas vezes trinta e meio
  Haverá signaes na terra,
  A escriptura não erra,
  Aqui faz o conto cheio.

No cabo de tres, receio,
Haverá grande alvoroço;
Haverá morte e destroço
Em gente que não nomeio.
O que n'elle sobejar
De real propagação
No filho e será são
E sem falta de faltar. *(Sic.)*
Um garfo hade ficar
Sem a raiz e sem fructo,
E posto assim esteja, muito
A seu tempo hade prestar.
Do alvoroço sairá
O que o alvoroço causou,
E o caminho que deixou
Outrem o hade occupar.
N'este quieto estará
Elle e seus descendentes,
Posto que o bastardo sómente
Algumas voltas dará.
Será certo isto que digo,
Mas depois de vinte e um,
Villas ou logares nenhum
Fugiu de grão castigo.
Ver-se-ha em grão perigo
Esta cidade real;
Mas depois de tanto mal
Será Deos grão seu amigo.
Lá na vespera do quinto
Verá a minha geração
Certeza da remissão;
Isto será como pinto.
E entendo com empenho
Quem isto chegar a vêr,
Que desgosto hade ter,
E eu grande gosto tenho.

Portugueza geração
De Deos estaes escolhida,
Por que se forte és colhida
Já tens gram consolação.
Já se acaba a confusão
Em que até agora viveste;
Por que fome, guerra e peste
Neste tempo acabarão.
Antes do lustro cumprido
Viverás em grande aperto
Porque o teu sempre *Encoberto*
Não será de muitos crido.
E este lustro passado
D'aquelle grande destroço,
Não haverá mais remorso
Tudo será acabado.
Mas dará tão gram bramido
Que os montes atroará
E do ninho tirará
Quem nelle estiver metido.
Viverá mui descansado
Este meu grão descendente,
E pazes directamente
Com todos terá assentado.
Este então destruirá
Quem destruiu Constantino;
Será outro mais benigno
Em victorias que haverá.
Bandeiras levantará
Aonde as deixou cahidas,
E a sua fama perdida
Com grão gloria cobrará
Dos avós a natureza
Haverá direitamente,
Com os brandos, brandamente,
Com os rebeldes aspereza.

Nas victorias ligeireza,
Com amigos amisade,
Com os imigos crueldade,
Nas batalhas grão destreza.
E conheeerá o Othomano
A cruz que Helena achou,
Pela que Deos libertou
Todo o genero humano.
Oh bisneto soberano,
Que de tantos bens sois meio,
O vosso seculo cheio
Passará mais de um anno.

Prophecias do Beato Antonio da Conceição de S. Antonio de Xabregas

Os tempos mais esfaimados
Esperam grandes farturas;
Nunca tardam as venturas
Se se atropellam peccados.
Terá fim a nossa dor
Se em boa razão me fundo;
Terá melhoras o mundo
Quando estiver peior.
Isto não terá detença
Mediante alguma virtude,
Por que é mais certa a saude
Depois que passa a doença.
Virá um rei mui formoso
De outra sorte coroado;
E fará o nosso estado
De mui triste venturoso.

Arvore é transplantada,
Posto que nunca esquecida;
Esta fará nossa vida
Toda bem aventurada.
Bellos fructos traz comsigo
Enxertados n'outra terra,
Que na mais horrenda guerra
Assombram os inimigos.
Tomaremos bellos portos
Entre tão grandes extremos,
Todos ressuscitaremos
Quando estivermos mais mortos.
O Leão com passos certos
Com suas garras virá,
E mui cedo se verá
Com os colmilhos abertos.
Ficarão os luzitanos
Felices n'esta occasião,
Logo ressuscitarão
Os seus nomes soberanos.
D'aquella terra mui bella
Virá a nossa conquista,
D'aquella que não é vista
Senão dos que habitam n'ella.
Mas oh que grandes signaes
Estou antes d'isto vendo,
Oh que açoute tão tremendo
Hãode aguardar os mortaes.
É grande a dissolução
Que em todo o povo se espalha,
Mas oh que forte batalha
Tem a Serpe com o Leão.
Junto d'aquella cidade
Que tem os campos de um santo,
Se verá horror e espanto,
Sairá triumphante a verdade.
. .

Verás se attento me leres
  O teu tormento succinto,
  Quando em o numero quinto
  Accrescentares mais dez.
Aquelle grande cometa
  Antes de apparecer
  E que haveis de vencer
  Aquella contraria seita.
Ah Portugal, Portugal
  Fiel na divina lei;
  Verás o *Encoberto* rei
  Com corôa imperial.
Olha que aqui te provoco,
  Confia em tuas esperas,
  Posto te custem sem veras
  Nunca o muito custa pouco.
Se quizeres ver da terra
  Os signaes mais turbulentos,
  Verás que os teus proprios ventos
  Te andam a fazer mais guerra.
Verás no mundo oppressões,
  Apertos mui de repente;
  Não verás ninguem contente
  Vão grandes alterações.
Não terás a quem abrandes
  E conquistas muito menos,
  Verás chorar os pequenos,
  E só andem a rir os grandes.
Mas a tão cruel porfia
  Tudo se hade trocar
  A alegria em pezar
  E o pezar em alegria.
Quando correrem as aguas
  Em trez dias mui turbadas,
  Podes dar por acabadas
  Oh Portugal tuas magoas.

Denota gram claridade
  Esta escura cerração,
  Depois da peturbação
  Verás a serenidade.
Verás os lenhos famosos
  Que dos Islenos te chegam,
  E com bonança navegam
  A fazer-nos venturosos.
Verás aquelle Senhor
  Que com S se começa
  A quem o mundo obedeça
  Por absoluto Senhor.

VI — APHORISMOS POETICOS DA LAVOURA

— Agua de Sam João
Tira vinho e não dá pão.

— Dia de Sam Thiago
Vae á vinha, acharás bago.

— Dia de Sam Mathias
Começam as enxertias.

— Dia de Sam Vicente
Toda a agua é quente.

— Dia de Sam Martinho
Prova teu vinho.

— Por Sam Martinho
Nem favas, nem vinho.

— Por Sam Clemente
Alça a mão da semente.

— Dia de Santa Luzia
Cresce um palmo o dia.

— Dia de Santa Luzia
Mingúa a noite e cresce o dia.

— Cevada grada
Ao outro dia segada.

— Quem em terra boa semeia
Cada dia tem boa estreia.

— Quem semeia em arneiros
Semeia moios, colhe quarteiros.

— Quem ralo semeia,
Rara leva a pavêa.

— Semeia e cria
Terás alegria.

— Septembro ou séca as fontes,
Ou leva as pontes.

— O Natal ao soalhar
E a paschoa ao lar.

— Sol e boa terra fazem bom gado,
Que não pasto afamado.

— A inverno chuvoso
Verão abundoso.

— A vindima molhada
Acaba cedo aliviada.

— Vindima molhada
Pipa asinha despejada.

— Quem não póda em Março
Vindima no regaço.

— A vinha posta em bom compasso,
O primeiro anno agraço.

— Onde alhos há
Vinho haverá.

—O pão pela côr,
E o vinho pelo sabor.

— Meia vida é a candeia,
E o vinho outra meia.

— Se queres ser bem disposto
Bebe vinho e não já mosto.

— Segue a formiga,
Se queres viver sem fadiga.

— Com vento alimpa o trigo,
E os vicios com castigo.

— Vento e ventura
Pouca dura.

— Manhã ruiva,
Ou vento, ou chuva.

— Madruga e verás,
Trabalha e terás.

— Deita estereo ao pão,
Que as terras t'o pagarão.

— Melhor é o anno tardio,
Que vasio.

— Anno de ovelhas,
Anno de abelhas.

— Abril, aguas mil
Coadas por um mandil.

— Abril frio e molhado,
Enche o celleiro e farta o gado.

— No principio ou no fim
Abril vae ser ruim.

— Agua de trovão
Em parte dá, em outra não.

— Agua de fevereiro
Mata o onzeneiro.

— Agua de Agosto
Açafrão, mel e mosto.

— Coruja de verão
Agua na mão.

— Por Agosto
Frio em rosto.

— Em agosto
Sardinha e mosto.

— Quando chover em Agosto
Não metas teu dinheiro em mosto.

— Quem não debulha em Agosto
Debulha com mau rosto.

— Nem em Agosto caminhar,
Nem em Dezembro marear.

— Não é bom o mosto
Colhido em Agosto.

— Se queres ser bom alheiro
Planta os alhos em Janeiro.

— Quem ára e fia
Ouro cria.

— Quem azeite colhe antes de Janeiro
Azeite deixa no madeiro.

— Bacoro de Janeiro
Com seu pae vae ao fumeiro.

— Boi que escornou
Em boa parte me deitou.

— De pequeno verás
Que boi terás.

— Deixa ao boi mijar
E farta-o de arar.

— Não ha boi cançado,
Nem cantor bem medrado.

— O trigo e a tea
Á candeia.

— De manhã em manhã
Perde o carneiro a lã.

— Carro que canta
A seu dono avança.

— Quem seu carro unta
Seus bois ajuda.

— Mau de carro
Peor de arado.

— De trigo e de avêa
Minha casa cheia.

— Em casa do sisudo
Se faz o pão miudo.

— Nem em tua casa galgo,
Nem á tua porta fidalgo.

— Temporã é a castanha,
Que por Março arreganha.

— Quando não chove em Fevereiro
Nem ha bom prado, nem bom centeio.

— Senão chover entre Março e Abril
Venderá el-rei o carro e o carril.

— Quem quer cavallos sem tacha
Sem elles se acha.

— De flor de Janeiro
Ninguem enche o celleiro.

— Bácoro em celleiro
Não quer parceiro.

— De boa cêpa planta a vinha
E de boa mãe a filha.

— Um grão não encobre o celleiro,
Mas ajuda seu companheiro.

Farto está o carneiro
Quando marra com o companheiro.

— De grande carga, fraca besta,
Dizem os corvos: nossa é esta.

— Cutello máo
Corta o dedo e não corta o pau.

— Ao quinto dia verás
Que mez terás.

— De um dia frio, outro quente,
Logo um homem é doente.

— A quem em Maio come sardinha
Em Agosto lhe pica a espinha.

— Fevereiro couveiro
Faz a perdiz ao poleiro.

A poeira do gado
Tira o lobo de cuidado.

— Guarda prado
Criarás gado.

— Se o vilão soubesse o valor da gallinha em Janeiro
Nenhuma deixaria em poleiro.

— Onde a galinha tem os ovos
Lá se lhe vão os olhos.

— Rainha é a gallinha,
Que põe os ovos na vindima.

— O nabo e o peixe
Debaixo da geada cresce.

— O que lavra crie,
E o que guarda não fie.

— Eis me vou e venho
A um olival que tenho.

— Não ha terra brava que resista ao arado,
Nem homem tão manso, que queira ser mandado.

— Não farás horta em sombrio,
Nem edifiques ao pé do rio.

— Horta com pombal
É paraiso terreal.

— Mingoante de Janeiro
Corta o madeiro.

— Sol de Janeiro
Sempre anda detraz do outeiro.

— Vae-te embora Janeiro,
Cá fica o meu cordeiro.

— Quanto Maio acha nado
Tudo deixa espigado.

— A galgo velho
Deita-lhe lebre e não coelho.

— O que no leito se mama
Na mortalha se derrama.

— Quando minguar a lua
Não comeces cousa alguma.

— Até que a maçã amadureça
Lá virá quem a mereça.

— Quem come as duras
Coma as maduras.

— Maio couveiro
Não é vinhateiro.

— Maio hortelão
Muita palha, pouco pão.

— Maio pardo
Faz o pão grado.

— Quem em Maio relva
Não tem pão, nem erva.

Quem em Março não merenda
Aos mortos se encommenda.

Mais valem alimpaduras da minha eira,
Que o trigo da tulha alheia.

Mais quero pedir á minha peneira um pão apertado,
Do que á minha visinha um pão emprestado.

Quando troveja em Março
Aparelha os cubos e o braço.

— O melão e a mulher
São máos de conhecer.

— Melhor é pão duro
Que figo maduro.

— A mula com matadura
Nem cevada, nem ferradura.

— Por Natal ao jogo,
Pela Paschoa ao fogo.

— Nem herva no trigo,
Nem suspeita no amigo.

Nem compreis malhada,
Nem vinha desamparada

— Nem vinho em baixo,
Nem trigo em cascalho.

— Nem de cada malha peixe,
Nem de cada mata feixe.

— Por todos os Santos
A neve nos campos.

— Cada ovelha
Com sua parelha.

— Dia de Sam Bernabé
Seca a palha pelo pé.

— Trigo centeioso
Pão proveitoso.

— Trigo de cisirão
Pequena maça, grande pão.

— Vede-l-a gorda e vermelha,
Pelo papo lhe entra, que não pela orelha.

— Dois pardaes em uma espiga
Nunca ha liga.

— Passarinho que na agua se cria,
Sempre por ella pia.

— Da pelle alheia
Grande corrêa.

— Ao pobre e ao nogal
Todos lhe fazem mal.

— Toma a cabra a silva
E a porca a pocilga.

— Do grão te sei contar
Que em Abril não hade estar
Nascido, nem por semear.

— Dia de Sam Matheus
Vindimam os sisudos,
Semeam os sandeus.

— Março macegão,
Pela manhã rosto de cão.
E a tarde de bom verão.

— Verão fresco,
Inverno chuvoso,
Estio perigoso.

— Uma agua de Maio
E tres d'Abril,
Valem por mil.

— Quando o rio não faz ruido
Ou não leva agua,
Ou vae crescido.

— Faze da noite noite
E do dia dia,
Viverás com alegria.

— Cavallo alazão
Muitos o querem
E poucos o hão.

— Cavallo fouveiro
Á porta do alveitar,
Ou de um bom covalleiro.

— Cada dia tres e quatro
Chegarei ao fundo do saco.

— Sol de Março
Pega como pegamaço,
E fére como maço.

— Lenha de figueira
Rija de fumo,
Fraca de madeira.

— Em janeiro
Um pouco ao sol,
Outro ao fumeiro.

— Em janeiro
Nem galgo lebreiro,
Nem açôr perdigueiro.

— Não hei medo ao frio,
Nem á geada,
Senão á chuva porfiada.

— Em abril
Vae aonde hasde ir,
E volta para o covil.

— Janeiro molhado
Se não é bom para o pão,
Não é mau para o gado.

— Obreiro em janeiro
Pão te comerá,
Mas obra te fará.

Janeiro gioso,
Fevereiro nevoso,
Março malinhoso,
Abril chuvoso,
Maio ventoso,
Faz o anno formoso.

— Em Maio
A quem não tem
Basta-lhe o saio.

— Pão de centeio
Melhor é no ventre
Do que no seio.

— Tu ribeira alta vás,
Não te passarei,
Não me passarás.

— Quem semeia em restolho
Chora com um olho;
Eu que não semeei
Com dois chorei.

— Por santa Marinha
Vae ver tua vinha;
E qual a achares
Tal a vindima.

— Ainda que entres na vinha
E soltes o gavão,
Senão trabalhares
Não te darão pão.

Agua fria
Carne cria;
Agua roxa
Carne escoxa.

Em Janeiro
Põe-te no outeiro;
Se vires verdear
Põe-te a orar;
E se vires terrear
Põe-te a cantar.

— Dia de Sam Pedro
Vê teu olivedo;
E se vires um grão
Espera por um cento.

— Cevada sobre esterco
Espera cento,
E se o anno for molhado
Perde o cuidado.

Trinta dias tem Novembro
Abril, Junho e Septembro;
Vite e oito terá um,
E os mais trinta e um.

— Em Janeiro
Mete obreiro,
Mez meante
Que não d'ante.

— Luar de Janeiro
Não tem parceiro;
Mas lá vem o Agosto
Que dá no rosto.

— Quem tiver muitos filhos
E pouco pão,
Tome-os de mão e diga-lhes
Uma canção.

— Quem muito tem muito gasta;
Quem pouco tem pouco lhe basta;
Quem nada tem
Deos o mantem;
Quem gasta menos do que tem é prudente;
Quem gasta o que tem é christão;
Quem gasta o que não tem é ladrão.

— Quem tem mulher formosa,
Castello na fronteira,
Vinha na carreira,
Não lhe falta canceira.

— O mez de janeiro
Como bom cavalleiro,
Assim acaba
Como á entrada.

NOTAS

RELIQUIAS DA POESIA PORTUGUEZA DOS SECULOS XII A XVI

1, 2, 3, 4 e 5—Eis o que ácerca da authenticidade d'essas quatro reliquias diz o erudito J. Pedro Ribeiro nas Diss. Chron. t. I p. 181: «comtudo não falta quem se lembre ao menos de Documentos particulares em vulgar, que supõem verdadeiros, *e eu os dou por apocryphos*, e são os seguintes:

I Os versos sobre a perda de Hespanha, que se reputam do mesmo seculo VIII. (Misc. de Leitão. p. 456).

II As trovas dos Figueiredos. (Leitão, p. 27; Monarch. Lusitana, Part. II, L. 7. cap. 9).

III As duas Cartas de Egas Moniz Coelho á sua Dama (Miscel. de Leitão, p. 498 e 460).

IV Os versos de Gonçalo Ermingez a Ouroana. (Brit. Chron. de Cister, Liv. VI, c. I).

Não duvidando do uso de uma lingua na Hespanha naquelles tempos, e em tudo diversa da latina, não posso reconhecer a genuidade d'estes documentos:

1.º Por falta de provas da sua antiguidade, sendo uns produzidos por Leitão no meio de uma novella, em que põe na boca de suas fabulosas personageus um soneto de Camões: outros são produzidos por Brito cuja fé é nenhuma.

2.º Porque as palavras que nelles se empregam todas de diversas edade da nossa lingua, formando um todo affectado, parecem ser mais obra de um artificio estudado.

3.º As cartas de Egas Moniz Coelho e a de Gonçalo Herminguez, tão visinhas em tempo a outros Documentos vulgares verdadeiros, comtudo se destinguem tanto em barbaridade, que até nisso mostram sua affectação.»

A resposta a estes unicos argumentos é facil, sem ao menos precisar de que se confronte os glossarios da lingua romance, como fez Ribeiro dos Santos: 1.º Como composições particulares e sem importancia, nenhuma chronica allude a el-

las: o facto de serem apresentadas por Leitão e Brito não as torna apocryphas, por que tambem o não são as cantigas do povo de Lisboa na sepultura do Condestavel que traz Frei José de Santa Anna, nem os hymnos de Jacopone di Todi que traz Frei Marcos de Lisboa, nem os romances que se encontram em Jorge Cardoso, nem a cantiga das mulheres no cerco de Lisboa que traz Fernão Lopes, nem o romance de Garci Ordoñes que vem em Leitão etc. 2.° As palavras das diversas edades da lingua, serão introduzidas pelos copistas emquanto andaram manuscriptas, como succedeu á maior parte dos Documentos, e isto mesmo notou o illustre diplomatico. 3.° A mesma rasão milita para as Canções de Egas Moniz e Gonçalo Herminguez, que são imitações provençaes. Viterbo no Elucidario não discute a authenticidade d'ellas e diz que estes: «despedaçados restos nos informam quanto era rude e mal pulida a nossa lingua.» Elucid. p. XII.

As proporções e indole d'este livro não nos deixam antecipar aqui os capitulos da nossa *Historia da Litteratura portugueza*, em que tractamos largamente este assumpto.

Vejâmos a traducção que fez Garrett de algumas d'estas canções, e que publicou na *Revista Universal Lisbonense:*

Canção de Gonçalo Hermingues — Pag. 4

Ora vos tenho, ora não;
E um a um elles que chegam!
Já me apanhaes e já não....
D'aqui largam, e d'ali pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Por mil goivos retonçando
Ai, ai, que vos avistei!...
Já sei por que ando lidando,
Que em taes terras, bem pensei,
Melhor fructo não verei.

Oriana, Oriana, oh tem por certo
Que esta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle apêrto,
E o que, em troco eu vim a haver
Não ha mais para se vêr.

O Dr. Bellerman, no seu *Die allen Liederbucher der Portug.* trás uma traducção allemã que passa por excellente, e

da qual se servira Garrett. (*Revista Universal Lisbonense*, t. V, p. 417, ann. 1845).

Servindo-se das interpretações do sabio Ribeiro dos Santos, Garrett publicou uma traducção d'outras duas canções, que reproduzimos da *Revista Universal L'sbonense:* (Tomo VI, p. 100).

Canção de Egas Moniz Coelho — Pag. 5

Ficae-vos em boa hora
Tam chorada,
Que eu vou-me por ahi fora
De longada.

Vae-se o vulto do meu corpo
Mas eu não,
Que aos pés vos fica morto
O coração.

E se pensaes que eu vou,
Não no pensedes;
Que unido comvosco estou
E não me vedes.

Em vós meu ser, meu amor,
Que de vos nasce;
Tranças tendes de espelhar,
Lucida face.

Não quero os olhos voltar
Tam de avesso,
Que os meus males vá contar
Do começo:

Mas se eu for para Mondego
Como vou,
Carochas me façam cego
(Que já o sou!)

Se nestas penas de amor
Com que lido
Como dizeis, esfriar
O meu sentido

Amae-me assim, se quereis,
D'este modo;
Senão, peor me achareis
Cego de todo.

Se vós a mim me deixardes....
Deos me guarde!
Que fareis vós em queimardes?
O que já arde?

Ora não me deixeis, não,
Que sois garrida!
E se não kirieleisão
Por minha vida.

Canção de Egas Moniz Coelho — Pag. 7.

Bem satisfeita ficaes,
Corpo de oiro:
Alegraes a quem amaes
Que eu já moiro.

Mas peço que vos lembreis
Que vos quiz,
E que penas não haveis
Que vos fiz.

Trocastes a Portugal
Por Castella,
E levaes-me a alma — inda mal!
Que dor hei nella!

Deixaes-me por castelhanos...
Que negra sorte!
E teceis-me mil enganos
Por me dar morte.

Vedes moiro, vedes moiro,
Violante!
Longe vá o sestro agouro
Por diante.

Vós vivei um centenario
    Mui ditoso,
Que eu me vou para o trintario
    Lagrimoso.

Se um dia á vossa lembrança
    Eu vier,
Dizei: Egas, tem folgança!
    Dizei siquer.

Quando ao meu enterramento
    Se tocar,
Revolvei no pensamento
    O meu penar;

E quando esse castelhano
    Basofiar,
Lembrae-vos que desengano
    Lhe fiz já dar.

Ah! que vos quiz e requiz
    Como o vêr!...
Em cousa alguma vos quiz
    Desprazer!

Não vos posso mais falar
    Bem me fino....
Bem podeis imaginar
    Qual sou mofino.

Tenho todo o arcaboiço
    Sem feição,
Mas indo vos quero e ouço
    No coração.

Vede, já vou descahindo
    Nesta hora....
Vós amor ficae-vos rindo,
    Muito embora.

Alem d'estas preciosas reliquias da poesia portugueza do seculo XII e XIII, Frei Fortunato de Sam Boaventura na *Historia Chronologica e critica da Real Abbadia de Alcobaça*, refere-se ás poesias de Fr. Mendo Vasques de Briteitos, que

se guardavam na riquissima livraria d'aquelle mosteiro (Pag. 74) Eis um fragmento por elle conservado, e inserto na Prova XVI:

Elegia feita por D. Mendo Vasques de Britteiros á morte de sua mulher D. Ximena, chamada a Lucrecia portugueza, porque fingindo assentir aos desejos do Capitão Mouro, que a fizera prizioneira, abraçou-se com elle e se precipitou no mar, onde ambos pereceram:

A Juso da querida mendo jases
Que nos Ceos, a tem Deos
goivos teredes la bentos Angeos
a suso em pases
A Romam me semelhas de boa semente
que per ser forçada
estraneinhou pella guoela triguozamente
A ponta da espada
Porem tu basmando ficar Luxosa
Chimpada no peguo
Co Alchoroista da ralé peguajosa
me beixaste ceguo
Eu folgúoriando ripei pes da terra
a tenho capus
son freire per ti onde se nom erra
em chuz nem muz.
Não vos perlevo em nada Ximena
que sendo delguada
cambaste no laguo a chusma de penna
a sois mui honrada.

Vid. pag. 64 das citadas *Provas e Addições*. Estes monumentos da poesia portugueza não tem sido convenientemente estudados, depois que a critica inflexivel de João Pedro Ribeiro os desauthorou. Pelos estudos philologicos que sobre elles temos feito chegámos á conclusão de que *são inteiramente authenticos*. Ha uma reminiscencia d'este facto historico de *Dona Ximena* no romance da *Romeirinha* (Rom. Ger. n.º 9; notas, p. 175.)

6 — Esta cantga satyrica do tempo de Dom João I na revolta de Lisboa, encontra-se em Fernão Lopes (Chron. t. I, cap. 116, p. 205), aonde diz: «E as moças sem nenhum medo apanhavam das pedras pela cidade, e cantavam altas vozes, etc.»

7, 8, 9 e 10 — A proposito d'esta tonadilha diz a *Chronica dos Carmelitas*, t. I, p. 438: « Não se contentava (o Condestavel) em distribuir as esmolas pelo seu pagador, como no seculo fazia; mas pelas proprias mãos na Portaria d'este seu convento, remediava a cada um conforme a sua necessidade que com effeito previa, porque era feito muito antes de communicada. Uma grande caldeira de cobre, firmada sobre tres pés de ferro, que na campanha servia de cozinhar a vianda principal para a sua nomerosa familia, agora fazia o quotidiano comer dos pobres, que junto á mesma portaria o recebiam, destribuido muitas vezes pelas mãos santas do virtuoso Condestavel; nas quaes permettia Deos, que o conduto se multiplicasse, por que a todos supria com sobras; e já mais chegaram os ultimos, que não tivessem tão cheios os pratos, como os primeiros. D'aqui procedeu cantarem os mesmos pobres *certas trovas*, entre elles de grande estimação, nas quaes lhe encareciam a virtude, e expressavam o conhecimento, que d'ella tinham, dizendo e repetindo pela sua egual tonadilha as Quintilhas....»

Assim se ia formando insensivelmente o romanceiro do Condestavel, como se formou o do Cid e de Bernardo del Carpio na Hespanha; o sentimento popular que se não extinguia era o odio a Castella, que inspira quasi todas as canções que se seguem, e a maior parte das prophecias nacionaes. Na citada Chronica dos Carmelitas, t. I, P. 3. p. 466, se lê a seguidilha das mulheres de Lisboa, que celebrava os feitos do Condestavel, bem como as de Restello e a de Sacavem, á qual parece referir-se o Index Expurgatorio de 1624, quando condemna a *Oração do Conde* (Index Auctorum danatae memoriae, p. 165.)

11 — Acerca d'esta canção diz el-rei Dom Duarte no capitulo do *Leal Conselheiro*, p. 478, *Da maneira para bem tornar algua leytura em nossa lynguagem:* «E porque per vosso requerimento torney em lynguagem simprezmente rimada de seis pees de huu consoante a oraçom de Justo Juiz Ihũ Xpõ, volla fiz aqui screver, a qual por a fazer consoar non pude cumpridamente dar sua lynguagem, nem a fiz em outra mylhor forma por concordar con a maneira e teençam que era feicta em latym.» Esta oração latina, segundo a opinião dos eruditos, era um hymno ecclesiastico do tempo dos godos, que anda traduzido em hespanhol de tempos inmemoriaes, e que os cegos[1] cantam. Suppomos que é esta *Judex justus imperator*

[1] Sobre a oração do *Justo Juiz* lê-se em Quebedo: «y me acuerdo

que se lê apud Du Meril, p. 150, das Poesias latinas anteriores ao seculo XII. Dom Duarte era poeta, como quasi toda a sua familia. Fez um *Cancioneiro* que vem citado Catalogo dos seus livros de uso, achado na Cartucha d'Evora. (Sousa, Provas da Hist. Genealog. t. I.)

12—Esta invocação é anonyma; foi trasladada de um Codice da Livraria manuscripta do Mosteiro de Alcobaça, e pela primeira vez publicada por Frei Fortunato de Sam Boaventura na *Collecção dos Ineditos portuguezes dos seculos* XIV e XV t. I, p. 5 a 13. Publicamol-a em uma collecção popular, como um vestigio dos *Laudi Spirituali* da poesia popular da Italia no seculo XV, imitados em Portugal. As poesias de Jacopone di Todi andam traduzidas em portuguez, como se pode ver em Fr. Marcos de Lisboa: Canticos espirituaes do Beato Jacopone de Todi; — vêl os traduzidos (I — XI) na citada *Chronica dos Frades Menores* de Frei Marcos de Lisboa, t. II, p. 273. etc.

13, 14, 15 e 16 —Estas poesias foram transcriptas do tomo I da *Collecção dos ineditos de Alcobaça*, por Fr. Fortunato de Sam Boaventura; o qual lhe dá como auctor o Doutor Frei João Claro, monge de Alcobaça, que viveu pelos annos de 1450 e 1455. Não vem citado na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, mas podem vêr-se apontamentos de sua biographia no citado volume da *Collecção de Ineditos*, p. 171 É um dos raros monumentos da poesia portugueza no seculo XV, em que ainda se pode vêr o processo da formação da lingua: *Ave* de *habeo*, *Eu* (do francez), *aquesto* (italiano). Algumas palavras destas poesias se encontram nas poesias do seculo XII. As tres peças *Padre Nosso, Ave Maria* e *Te Deum laudamus*, são traduzidas das glosas de Hernã Perez de Guzman, que se encontram no *Cancioneiro General* (Anvers, 1557). p. *xiv, xv, xxi.*

17 — Dona Philippa, filha de Dom Pedro Duque de Coimbra, não teve o appellido de Lencastre, como lhe deu Jorge Cardoso no Agiologio Luzitano t. I, p. 411, d'onde copiámos estes versos que vem no fim da tradução em portuguez que ella fez dos Evangelhos.

que hize entonces la del *Justo Juez*, grave y sonorosa, que provocava á gestos:»

Vida del Gran Tacãno, cap. XXII, p. 175, edic. de 1751. Anbers.

18 — Encontra-se esta cantiga no Ms. da Universidade, n.° 155 e na Hist. de Port. do sr. Rebello da Silva, t. I, p. 539.

Estudantina, pag. 135 — Na edade media os estudantes da Allemanha cantavam pelas portas, para alcançarem o pão quotidiano; Luthero tambem passou a sua mocidade cantando. (Michelet, Mem. de Luther, p. 4, t. I) Existem muitas cantigas latinas feitas pelos estudantes de quasi todas as Universidades. De Coimbra encontrámos essa canção do seculo XVI, feita a *Dona Guiomar a da Cutilada*, que justifica o pensamento das cantigas que andam ainda hoje na tradição:

Senhora Dona Guiomar,
Moradora na Calçada,
Que destes a cutilada.
Senhora Dona Guiomar
Que moraveis na Calçada;
Merceeis tença del Rei
Pois destes a cutilada.

Como commentario a estas voltas basta-nos a transcripção das *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* por Francisco Leitão, a p. 509: «Duarte Nunes de Leão (no seu livro da *Descripção de Portugal*, c. 89, f. 147 v) e João Franco Barreto (na sua *Bibliotheca Lusitana Manuscripta*,) fazem menção da animosidade de uma filha do doutor Pedro Nunes, Cosmographo mor, chamada Dona Guiomar, que com o dito seu pai vivia em Coimbra, á qual se lhe poz por alcunha *A da cutilada*, pela que deu com um canivete na cara a um filho de um cidadão seu visinho, por faltar á promessa, que lhe havia feito de cazar com ella; por que tendo citado para estar a preguntas perante o Bispo da mesma cidade (era-o n'esse tempo D. Manuel de Menezes, que lhas fez na egreja de S. João) e negando elle, que tal não tinha promettido, ella de improviso tirou de um estojo o canivete, e na presença do Bispo lhe deu a cutilada, sobre o qual caso se fizeram varias poesias latinas e vulgares; e eu vi na Livraria do Conde de Vimeiro um dos exemplares impressos da *Descripção de Portugal* de Duarte Nunes, com algumas cotas marginaes, á maneira de notas manuscriptas, e no logar acima mencionado estava uma que continha estes versos: (Vid supra). E porque Duarte Nunes diz ali, que os parentes e amigos do offendido, e muita gente armada a estavam esperando na ponte do Mondego, por onde suspeitavam que ella passaria para o Mosteiro de Santa Clara, onde seu pai a queria metter Freira, e que foi levada para elle,

ás costas de um trabalhador, escondida em uma canastra grande, que servia de accarretar cêra, e outras cousas ao mesmo mosteiro, para o officio da semana santa, o anotador das cotas manuscriptas poz á margem: *Esta obra toda foi feita pelo Bispo D. Manuel de Menezes, não sei se da canastra, mas sey que foy levada á conta e cargo do Bispo, cuja irmã era Abbadeça.*

Fados, pag. 140 — A este proposito veja-se a *Historia da Poesia popular portugueza*, p. 89. As poesias maritimas fazem lembrar os aventureiros da antiga navegação. A poesia popular ingleza é a que mais abunda em cantigas de mar.

Fastos populares, pag. 135 — Vid. *His'oria da Poesia popular portugueza* pag. 50, 51, 67, 68, 74, 99. O Santo Antonio é tambem popular em Hespanha; no moderno *Cancioneiro*, colligido pelo sr. Dom Emilio Lafuente y Alcantara se lêem varias cantigas ao santo.

Orações, pag. 169 — 'Nesta oração popular, o final faz lembrar o romance da *Barca da Gloria*, que traz Gil Vicente (Obras, t. I, p. 246, Ediç. de Hamb.), que, talvez, como o romance de *Dom Duardos*, foi assimilado pelo povo. Comparemol-o:

« Remando vão remadores
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava
Filho de Deos se dizia,
Anjos eram os remeiros
Que remavam a porfia;
Estandarte de esperança
Oh que bem que parecia!
O masto da fortaleza
Como crystal reluzia;
A vela com fé cozida
Todo o mundo esclarecia:
A ribeira mui serena
Que nenhum vento bolia. »

Muitas d'estas orações, lendas e romances devo ao gosto e memoria da Senhora Theresinha, um romanceiro vivo, mas já truncadas as folhas por sessenta e mais invernos; boa alma, com a infancia da velhice, franca, sem a consciencia d'estas riquezas que possue herdadas das tradições antigas. Resa muito a todos os santos da corte do céo e pelos do inferno

resára se lhe dessem esperança de que elles se salvavam. E natural da Foz e representa nos seus sessenta a expressão d'aquellas pinturas flamengas. Eu mereci-lhe a honra de vencer a sua repugnancia em deixar-me escrever alguns d'estes fragmentos da rhapsodia popular, devida aos bons creditos do poeta que junto d'ella goso. Estes retratos pertencem tambem ao *Cancioneiro*, e é por isso que a exigencia da arte faz cumprir aqui um dever de gratidão.

Sobre as Orações populares vid. a *Historia da Poesia popular portugueza*, p. 107.

PROPHECIAS NACIONAES

A prophecia é um instincto das raças celticas. Quem mais do que nós se tem consolado com ella no desalento dos grandes desastres! Andam quasi todas colligidas em um manuscripto intitulado « *Jardim Ameno, Monarquia Lusitana, Imperio de Christo. — Prophecias, Revelações Vaticinios, Prognosticos e Revelações de muitos Santos e Santas Religiosas e Servas de Deos, Varões illustres e Astrologos eminentissimos, que alumiados pelo Divino Espirito escreveram sobre a duração do Reino de Portugal a Deo dato, com sublimação á dignidade Imperial no Encuberto das Hespanhas, e Monarchia Universal a ultima do mundo. etc.* » Conserva-se na Torre do Tombo. José de Seabra da Silva, nas Provas da Parte I da *Deducção Chronologica* (Prov. Nun. XLIV) enumera cento e vinte nove prophecias que se encontram n'esse manuscripto. As que parecem ter um caracter popular são:

Fol. 29 — Vaticinio de um Eremitão de Santa vida.

Fol. 55 — Prophecias de Gonsalianes Bandarra.

Fol. 79 — Vaticinio de um mouro.

Fol. 85 — Vaticinio cantado por um romeiro a Dom Sebastião, vindo de Guadelupe.

Fol. 94 — Sonho do Ourives do Sardoal.

As prophecias de Merlim andaram tambem na tradição portugueza, como se pode vêr pelos livros de uso d'el-rei Dom Duarte. Assim é facil determinar as

Origens celticas da lenda de D. Sebastião

Com a perda de Alcacer-Kibir a cavalleria portugueza expirava nos plainos de Africa. Tem o sacerdocio um caracter feminino; e o sceptro empunhado com energia durante as anteriores dynastias, ao passar para as mãos do cardeal-

rei, deixára o nosso povo no désalento, que na edade-media os governados sentiam ao verem o poder passar da *espada* para a *roca*, segundo a expressão energica do velho symbolismo nobiliarchico. A *roca* representava o quietismo da inacção e da fraqueza. E cugula sacerdotal? Eram as pequenas intrigas, os tramas palacianos succedendo-se aos feitos audaciosos de um passado grande; as abjecções servis, os temores diante das pretenções estrangeiras em vez da acção, que é o caracter do heroe. Com D. Sebastião acabamra os sentimentos da cavalleria; elle parte, levado pelo ideal da conquista, sonha as victorias, e faz-se acompanhar em suas expedições por poetas; mais tarde a revolução que supplanta o jugo de Castella é já democratica, irrompe da burguezia. E depois da perda de D. Sebastião, que se começa a contar a edade humana da nossa historia.

Na desolação do captiveiro é a poesia que vem alentar o povo em suas esperanças; a poesia, a alma dos que soffrem, é a chama latente que lavra, até erguer a labareda da revolução. Israel, em guerra com as outras nações que o cercavam, levanta-se á voz dos seus prophetas; toda a nação escrava fórma sempre um ideal messianico. A aspiração incessante da liberdade torna-se um sentimento intimo, que as mães transmittem mysteriosamente ao féto, e que vae forman .o a raça gigante para a grande lucta do futuro. Não existe um Messias sem um Precursor, que é a predisposição dos animos, que hão-de reagir pela altiveza do caracter contra a força bruta. É uma lei eterna da historia.

Tambem na Grecia, Callino e Tyrteo ganham as batalhas pela magia dos carmes guerreiros; nas nações modernas, Kerner e Pœtefi são como a alma de um povo que resurge. O que seria d'esta desgraçada Polonia, que a Russia fere como o cego centurião, mas que não quer abrir os olhos á luz para vêr o milagre de uma resistencia inaudita, se não fossem os seus poetas, que vibram nos cantos o grito de agonia d'esta martyr sublime da indifferença das nações?

Mickiewich e o conde Sigismundo, o poeta Anoymo, são a alma de uma revolução. Os bardos entre os celtas annunciavam tambem a aurora em que haviam de raiar as esperanças alimentadas longo tempo: a voz harmoniosa de Merlin resôa do extremo de Cornouailles até ao golpho de Solway, repetida pelas florestas da Armorica, para fazer repellir os Saxões. [1] Nos annos do captiveiro ouvem-se as prophecias de Merlin annunciando o dia da liberdade.

[1] Villemarqué, *Merlin l'Enchanteur*, p. 326.

« Predisse a sua irmã os nomes de todos os reis que devem reinar sobre nós; trinta e quatro se hão já succedido, na ordem indicada pelo propheta, a vinda do trigesimo-quinto aproxima-se; é Rhys, filho de Theodoro, filho de Honel o Bom, filho do grande Rodri, filho do Bardo-rei, Lywarch Hen, e de outros chefes famosos; vêl-o-has regressar da Armorica e subir ao throno. Merlin o designou sob o nome de Kadwalader (o ordenador da batalha), elle indicou ha cinco seculos o logar em que o principe deve desembarcar. Escutae o que elle responde a sua irmã, quando lhe pergunta em que sitio do paiz terá logar o desembarque.

« Quando Kadwalader saltar em terra, hade ser sobre as bordas da ribeira de Towy; as aguas estarão coalhadas de navios; as ondas dos bretões bellicosos inundarão a praia com estridor.»

« E quando ella lhe pergunta:

« Quanto tempo reinará Kadwalader?

« Elle torna:

« Reinará tres mezes e tres annos e tres seculos inteiros na justiça e na luz.

« E accrescenta:

« Reunirá toda a ilha de Bretanha sob seu sceptro; nunca a raça kymrica terá um filho mais valente.» [1]

Os bardos interpretavam os vaticinios de Merlin, nos momentos em que a patria necessitava de uma esperança para redobrar o esforço. Cada bravo que se ergue, possue-se da missão que o propheta lhe impozera; quando não chega a realisal-a completamente, succedem-lhe os filhos n'esta herança sublime.

Os sonhos da liberdade, embalados pelos cantos dos bardos gaëlicos, dão realidade aos prodigios de heroismo; depois da derrota elles vêm consolar nas extorsões e revéses. Os menestreis ambulantes de Cornouailles, de Devonshire, e das fronteiras da Escossia generalisam o typo de Merlin, o propheta de uma raça inteira.[2] A sua voz annuncia a alliança d'ella, quando um velho mais branco do que a neve apparecer montado em um cavallo branco, quando Arthur, depois de um somno de seis seculos, vier da ilha encantada de Avalon.[3]

O genio celtico, nos seus presentimentos e aspirações, no devaneio das harpas bardicas, torna-se sensivel nas creações

[1] Villemarqué, id. p 213; Myvyrian, t. I, p. 116, 140.

[2] Villemarqué, Op. cit. p. 266.

[3] Alan de insulis, *De prophetia Merlini*, p. 101; d'après Villemarqué, p 273.

da imaginação do povo portuguez; oppresso por um jugo extranho, fez tambem do rei, que só se lhe deu a conhecer pelas suas esperanças, o ideal da nacionalidade.

D. Sebastião tem uma lenda perfeitamente similhante á lenda de el-rei Arthur; elle hade vir um dia da sua *Ilha Encoberta*, em uma noite de S. João, montado em um cavallo branco, coberto com a alvura da cerração e egualmente immortal, como o ferido de Camblann. Á imitação de Arthur encontramos outros heroes na ilha encantada de Avalon; é lá que a fada Morgane educa o seu dilecto Ogier le Danoios, e Laoval é levado para ali por outra fada sua amante,

> Avecques Roland,
> Avec Gauvin, avecques Ivant,

e Renuart e Anberon e Mallabron[1]. Na vida de Merlin se encontra a descripção da ilha, « terra verdejante e fecunda, que tem duas sementeiras por anno, duas primaveras, dois, estios, duas colheitas de fructos; esta terra, em que se encontram perolas, em que as flores renascem logo que se colhem, esta ilha dos Pomares é chamada ilha afortunada. Ali não ha cultura, nem ferro para lavrar a terra; dá trigo e uvas espontaneamente. Ali vive-se cem annos, e mais tempo ainda. Ali, nove irmãs, cuja alegria é a unica lei, reinam sobre aquelles que abordam ao nosso paiz. A mais velha de todas é muito experimentada na arte de medicina e excede em bellesa ás outras: chama-se Morgane e conhece a virtude de todas as ervas dos prados; conhece as molestias em que cada uma deve de ser applicada; possue a arte de se transfigurar, e de voar como um passarinho. Quando ella quer, está ora em Brest, em Chartres ou em Pavia. Quando quer, baixa das alturas sobre nossas ribas. Suas irmãs conhecem, devido a ella, a sciencia dos numeros.

«Uma, Thiten, é celebrada pela sua pericia na harpa. Conduzimos-lhe Arthur. Morgane nos recebeu com honras; depôl-o em sua propria camara, em seu leito de ouro. Depois, descobrindo com mão delicada a ferida do heroe, contemplou-a longo tempo. Por fim disse que o poderia curar, se permanecesse ao pé d'ella, tanto quanto fosse necessario, e se quizesse sujeitar ao seu tratamento.»[2] Quando virá o monarcha suspender os triumphos dos Saxões? Deos quer provar os Bretões primeiro.

[1] Alfred Maury, *Fées*, p. 44.
[2] Vita Merlini, p. 36.

Elle hade vir em companhia de Konan e Kadwalader, tornar estavel a alliança dos Bretões da Escossia, da Armorica, de Cornouailles.[1]

Nos desalentos do captiveiro, o povo portuguez formou tambem um ideal messianico, o typo de um Arthur. Não pôde acreditar que D. Sebastião morresse em uma batalha. O povo nunca viu morrer as suas esperanças. D. Sebastião, segundo a crença, está tambem guardado em uma ilha encantada, para vir um dia realisar essas esperanças, extirpar as heresias de Mafoma, e fundar o Quinto Imperio do mundo, depois de Babylonia, Assyria, Grecia e Roma. É o ultimo esforço da aspiração de uma alma oppressa. Como não haviamos nós guardal-o em uma bemaventurança, nós, que proseguindo as expedições e aventuras maritimas dos argonautas do archipelago, haviamos atado o sonho de Platão da grande Athlantida, e, possuidos do maravilhoso da geographia da edade media, andámos errantes pelos mares á busca das Hesperides, descobrindo e povoando as ilhas dos Açores, no seculo xv.

O nome de Avalon, *ilha dos pomos*, tem a significação no nome de Hesperides, que leva á identidade da origem.[2]

Como os monges bretões, que viajavam pelas regiões polares em busca das ilhas Fortunatas, S. Brendan, San Kadoch, Barontus, temos tambem a relação de uma viagem feita á *Ilha Encoberta* de D. Sebastião, por dois monges, a qual se encontra vulgarmente nos manuscriptos das bibliothecas:

Relação de dois religiosos, que viram a ilha encoberta ou Antilia[3]

«Partindo nós do Maranhão em um navio por nome *Nossa Senhora da Penha de França*, mestre Antonio de Sousa Vianna, natural da dita, em 8 de junho de 1668, com bom tempo fazendo viagem, com o favor de Deos, para a côrte de Lisboa, se armou de repente tão grande tempestade, depois de quatro dias de viagem, que nos ameaçava com a morte; e não me quero deter em dizer as molestias, que pas-

[1] Idem, p. 39.
[2] Alfred Maury, *Fées*, p. 43.
[3] Encontra-se na Bibliotheca Nacional, Ms. n.º 2-B 5-39; e no Ms. n.º 169 da livraria da Universidade; appareceu pela primeira vez publicada na *Revista Açoriana*, vol. I.

sámos, por não enfadar; continuou esta tempestade seu curso 16 dias; e já quasi desconfiados da esperança da vida nos vimos livres de tão grande naufragio aos 20 dias; mas como andavamos já desgarrados, e o piloto tivesse perdido o rumo da terra, que buscavamos, e quasi desgarrados pelo mar, ao domingo pela manhã viu muito cedo o mar plano, o céo sereno, mostrando-nos bom successo; descobrimos uma terra pela parte do sul, e demonstrava ser paiz grande; cresceu em nós o desejo de a irmos devassar, imaginando ser a ilha da Madeira, e n'ella prover-nos do necessario, e fazermos nossa viagem para o reino; o piloto já com os olhos abertos, e entendimento claro, a foi demandar, e estando já perto d'ella, nos desenganou não ser a Madeira, nem nenhuma das outras ilhas, por ter ido já a todas e saber muito bem os portos d'ellas. Alevantou-se um ruído; uns diziam ser a ilha Encoberta; outros a Madeira; navegámos todo aquelle dia com bom vento, e de noite tomámos o panno té amanhecer, d'onde a vimos tão clara como agradavel á vista, e tambem desenganados de não ser nenhuma das ilhas habitadas. Todos receiavam saltar n'ella; e o mestre, fazendo seus protestos, não queria que ninguem fosse a ella, e que seguissemos nossa viagem; eu e mais o meu companheiro acceitámos esta empresa, e nos offerecemos a tudo o que ali podia resultar, e entregámos nas mãos de Deus, nos escolhesse o melhor; mas com seu favor haviamos de saber, que terra era, que moradores tinha, e quem os governava, tendo nós este intento, nos disse o mestre seus receios, e que até tres dias esperava por nós n'aquelle logar, e sendo caso, que nos tres dias não viessemos, e a terra se occultasse, faria sua viagem: nós com todas estas cautellas acceitámos a empresa, e a tudo nos offerecemos. Botámos barca fora á segunda-feira pela manhã com dois marinheiros, e nos botaram em um caes, e se recolheram ao navio: era este caes muito bom, e denotava grandeza: entrando por um grande arvoredo, vimos muitas aves, e passaros domesticos: e andando perto de meia legoa, já com desconfiança de voltar para o navio, démos em uns palacios, que á vista pareciam mui antigos, mas de notavel artificio, porque eram fundados sobre uns grandes arcos, e no meio d'elles, em cima, um grande jardim de varias flores e arvores, em que estava fundada uma admiravel torre com gelosias, e em cima um pharol feito de metal, que apparecia duas leguas á vista. D'estes palacios nos sairam sete homens, mas tristes em si e melancholicos, rosto e semblante macilento: em suas palavras mostravam, e parecia a lingua que se entendia ser a portugueza, mas não

muito clara; os vestidos á nazarena, barbas grandes, e corpos de estatura alta, cingidos todos com seus traçados; ali nos fizeram grandes perguntas, que gente eramos, e quem nos trouxera a logar tão occulto, e que rei era o que tinhamos, e como se chamava, reparando muito no nosso traje de capucho; d'ali nos levaram para uma cidade de grandes edificios; mas pouca gente, e tudo nos pareceu ser do outro mundo: e tanto que nos viram, concorreram a nós com grandes applausos, e termos de cortezia; fomos levados a um palacio, que parecia encantamento; e ao entrar tivemos grande medo, mas não lh'o manifestámos: passámos por varias guardas até chegarmos á casa onde estava o rei, ou governador d'esta gente, a quem nos apresentaram. Era elle homem de edade, em numero certo não affirmamos; mas á vista nos parecia de mais de 130 annos, barba veneranda, e na representação de magestade: e no que logo reparámos, nos conhecia pelo vestir, e tanto que nos viu, nos disse eramos portuguezes, e que esta era a melhor de todas as nações do mundo: entre muitas perguntas que nos fez, foi uma e muitas vezes perguntar pelo nome do nosso rei, e cujo filho era, e d'onde descendia, e com que reis tinha guerra (ainda que não eramos muito vistos n'esta materia, respondiamos o que sabiamos); e d'onde vinhamos, e quem nos trouxe ali; e lhe contámos o successo de como ali aportámos. Depois d'estas perguntas, em que nos examinou, nos levou a uma sala de grande feitura, e nos modos e aceio d'ella parecia de grande magestade, e nos pediu este magestoso velho pozessemos os olhos em um quadro de antigas pinturas, e o vissemos com toda attenção: n'elle estava pintado um grande exercito de uma parte do quadro, e no traje, e cavallos, parecia mauritano, e da outra parte do quadro outro exercito, mas como vencido, que a nosso vêr parecia portuguez; ambos elles constavam de cavallaria, mas do vencido saíam alguns cavalleiros, e á pressa se vinham embarcar em umas faluas, e iam para uns navios de alto bordo, que nas bandeiras e cascos pareciam portuguezes; d'este quadro ficámos muito admirados, e de outros de varias batalhas, que n'esta sala estavam, e estavam n'ella varias coisas e pessoas de grande preço. Fomos a outra sala, onde nos mostraram umas estatuas feitas de marmore muito finas, e pareciam ser reais pelo modo que eram feitas; e ao nosso juizo colhemos por algumas coisas d'ellas eram os progenitores d'esta personagem: vimos ali esculpidas varias historias dos reis de Portugal, de que ficámos admirados e esquecidos: dos tectos das casas nos mandaram olhassemos para cima, onde vimos a cidade e

reino de Portugal pintado ao natural, e outras coisas dignas de admiração; mas nós, com a pressa e cuidado, que tinhamos na embarcação, não punhamos muita attenção em muitas e varias coisas, que ali nos mostravam: d'aqui nos levaram a um jardim de varias arvores, e no meio d'elle estava uma ermida mui curiosa e digna de grande veneração, cuja porta guardavam dois leões, onde tinham feito um passeio, e não deixavam entrar ninguem senão indo o rei e as pessoas, que com elle entravam; tinha um altar mui acciado, e um retabulo com a imagem de Nossa Senhora, na mão esquerda seu bento filho, e na direita uma espada-columbrina, que fazia acção de dar a este velho; advertimos que em toda esta cidade não vimos clerigos, nem frades; tornámos outra vez á sala, onde entrámos quasi horas de jantar, e nos levaram a outra casa onde estava uma mesa posta, e nos hospedaram com carne de veado e carneiro muito bom, e vinho, mas não muito, e algum tanto aspero, e muita quantidade de laranjas doces e limões; entretanto que nós comiamos estava este velho tambem jantando com grande pompa, e da ermida traziam o leão, e o punham á porta da recamara onde estava a mesa real, e fazia os mesmos passeios que na ermida, e tanto que se acabou o jantar se ia para a dita ermida; mas nós com o sentido no navio não quizemos fazer muita demora, e nos levaram a ver algumas ruas principaes, onde vimos officiaes de sapateiro, alfaiates e alguns cavalleiros, mas pouca gente, e as casas de pedra, mas negra, e ellas em si antigas; todos folgavam de nos ver por esta cidade. Vimos seis ribeiras de agua mui excellente, que vem ter ao mar, e no meio de uma praça tem um chafariz de dezeseis bicas, a cousa mais grandiosa que póde haver; neste chafariz estavam umas armas muito antigas, mas que nós não pudemos divisar muito; mas chegando mais perto vimos eram as cinco quinas de Portugal, de que ficámos admirados; e ao redor d'estas armas estava uma letra -- *Rex Lisiae seb* — e o mais não pudemos lêr; vieram-nos acompanhar até ao caes, e em nossa companhia o magestoso velho acompanhado de trinta cavalleiros, homens todos muito bem vestidos, e vinte a pé; os de pé todos com seus terçados na cinta, descarapuçados; e a par do rei o leão, que o acompanhava, e diante de toda esta gente vinham uns homens tocando atabales, e tanto que chegámos ao caes, quasi quatro horas da tarde, nos amostrou o rei dois quadros, e em cada um nos tinha pintado mui bem, e mandou que cada um de nós puzesse seu nome ao pé e que nos viessemos embora, que lá ficavam os nossas retratos para lembrança. Açenámos com

o lenço aos do navio, vieram em um barco e nos levaram para bordo, onde contámos tudo o que passámos. Não quiz o mestre navegar aquella noite; á capa esteve até ao outro dia, a ver se viamos terra, mas ella logo se occultou; navegámos ao outro dia e no segundo démos com a ilha da Madeira, onde estivemos quatro dias e nos disseram esta terra se via por tempos. Isto affirmamos *in verbo sacerdotis*, e pela verdade que como religiosos somos obrigados a dizer. Lisboa, 29 de maio de 1669.—Frei André de Jesus — Frei Francisco dos Martyres. »

Apesar da época, em que nos apparece este documento, descobrir a impostura religiosa, sente-se comtudo uma reminiscencia das tradições maritimas dos claustros bretões. A bondade celtica, o amor e affeição pelos logares, a identificação das coisas, este naturalismo filho do elemento femenino e predominante da raça, absorvido, confundido com as abstracções espirituaes do christianismo, formam o genio da aventura maritima dos primeiros seculos da egreja. A lenda de Sam Brendan, é como uma visão mystica da terra promettida e longinqua, que se busca, a Athlantida, que se mostra meio escondida nas cerrações glaciaes; é um pensamento indeciso que fluctua na alma solitaria na reconcentração monótona do extasis; é como uma Odyssea monachal, cujos episodios vão sendo formados pela gratidão e fervor dos peregrinos, que pagam a hospitalidade com as narrações maravilhosas. Quasi todos os santos irlandezes divagam pelos mares do occidente, por entre o archipelago dos mares da Escossia e da Irlanda. No seu turno interminavel vão até á Islandia, ás ilhas Ferroe e Shetland das regiões polares; leva-os o sentimento da natureza, a admiração do mundo, que vão percorrendo para glorificação do Senhor; era tambem este o sentimento que se agitava na alma de Colombo, quando o allucinava a visão assombrosa da America. Quando Barontus, cansado das fadigas do mar, paga a hospitalidade no mosteiro de Cluenferl, os que o escutam regosijam-se ouvindo *as maravilhas de Deos que elle vira na vastidão dos mares*. Brendan exaltado com as pinturas da terra promettida, onde o peregrino dos mares deixára o seu discipulo Marnoc, vae com dezesete religiosos em busca d'ella, escondida entre nevoeiros, dentro em uma barca de couro, sete annos errantes, a vella desfraldada aos ventos do céo, o leme confiado aos designios imprescrutaveis da Providencia. Vão passando por ilhas deliciosissimas, onde celebram as festas christãs, e onde a suavidade da vida e esplendor da natureza fazem presentir o ideal da terra que bus-

cam. As neves, de uma alvura brilhante, desdobrando-se como um sudario gelido, a aurora dos polos, a placidez solemne das aguas, os gelos fluctuantes, dão um colorido ás narrações do abbade Brendan, uma melancholia de aspiração incessante, a saudade do céo inspirada pelo azul profundo dos grandes mares. [1]

De facto a nossa historia abunda n'estas relações maravilhosas, e em uma multiplicidade de prophecias, que caracterisam o genio celtico, feitas por «muitos Santos e Santas, Religiosos, Servos de Deus, Varões illustres, Astrologos eminentissimos, que, allumiados pelo Divino espirito, escreveram sobre a duração do reino de Portugal *Deo dato*, com sublimação á Dignidade Imperial no Encoberto das Hespanhas e Monarchia Universal, a ultima do mundo.» [2] Entre estes vaticinios sobre o chimerico futuro de Portugal, o mesmo propheta Merlin ahi apparece com toda a authoridade que gosava pela Europa no seculo XII. Será a lenda do Encoberto uma reminiscencia do bardo bretão? Será a identidade da creação poetica uma fatalidade dos caracteres que distinguem a raça?

O povo portuguez teve tambem o seu propheta, humilde como o povo para quem derramava as consolações nos vaticinios, Gonçalo Annes Bandarra, natural de Trancoso; elle não era menos querido entre nós, do que Merlin pelos bretões da Cambria, da Armorica, Cornouailles e Escossia. Elle foi tambem commentado pelo clero.

O padre Vieira escreveu um livro sobre as suas prophecias; como as de Merlin, as propheeias d'elle entraram no *Index Expurgatorio.* [3] Eis como elle annuncia a vinda do rei desejado:

Augurae, gentes vindouras,
Que o rei que d'aqui ha de ir,
Vos ha de tornar a vir
Passadas trinta thesouras.

[1] Ernest Renan, *La poésie des races celtiques*, onde se póde admirar o grande sentimento da historia que caracterisa o illustre exegeta. As viagens de Sam Brendan vem citados na *Cronica da Conquista de Guiné* por Azurara, p 45 — O livro de Merlin, citado entre os livros de uso de el-rei Dom Duarte, e a tradição dos claustros bretões das viagens de Sam Brendan, mostram a existencia do veio celtico na poesia portugueza.

[2] Vid. Deducção Chronologica, Provas, 1.ª parte, n.° XLIV. Merlin vem a fol 84 do citado Ms. da Torre do Tombo.

[3] Ad ann. 1581, fol. 23.

Este sonho que sonhei
É verdade muito certa,
Que lá da Ilha Encoberta
Vos ha de chegar este rei.[1]

Vejo sem abrir os olhos
Tanto ao longe como ao perto;
Virá do mundo Encoberto
Quem mate da aguia os polhos.[2]

Será uma reminiscencia do *javali* das florestas da Armorica, o *porco* citado tantas vezes nas prophecias do Bandarra? Ou uma interpretação dos animaes allegoricos do Apocalypse? A lenda popular faz de Dom Sebastião um Arthur, guardado por Deos na *ilha Encoberta*, do mesmo modo que subtraiu á morte Elias e Enoch, para fundar o Quinto Imperio do mundo, governado por um só rei e uma só lei. As prophecias de El-Rei D. Manuel, do Beato Antonio, de Pedro de Frias, do Ourives de Braga, têm contribuido bastante para o desenvolvimento da lenda popular. Ainda pelas provincias se crê n'estas maravilhas, que tomam mais vulto na imaginação do povo no meio das grandes calamidades nacionaes.[3]

O cadaver do rei D. Sebastião, que se acha em Belem:

Hoc jacet in tumulo (si vera est fama) Sebastus,
Quem dicunt Lybicis occubuisse plagis

parece ter sido enviado de proposito para pôr termo a esta allucinação das esperança populares: é uma argucia já praticada antigamente para desmentir as prophecias de Merlin, e afrouxar o enthusiasmo do povo bretão, fazendo com que no mosteiro de Glastonburg fosse encontrado o corpo de Arthur.[4] As ilhas encantadas affiguram-se á imaginação popular como logares de felicidade; Camões, para aliviar os seus heroes cansados das longas viagens, traz-lhes ao encontro a formosa ilha dos Amores, um dos episodios mais brilhantes de colorido e voluptuosidade dos Luziadas. Era o pensamento dos romances de cavalleria. Como a lenda de Mer-

[1] Trovas do Bandarra, ediç. de Lisboa de 1822, sonho n.º 11, 15, p. 70.

[2] Idem, p. 72, strophe 20.

[3] Em os n.os 1307, 1308 do *Portugal* (1857) se lêem uns artigos sobre a realisação d'estas prophecias escriptos com o ardor da credulidade.

[4] Hersart de la Villemarqué, *Merlin*, p. 318.

lin, que fôra tanto tempo as esperanças das raças celticas, veiu afinal a ser destituida de importancia pelo ridiculo de Rabelais no *Gargantua*, o ultimo vulto heroico da nossa historia, D. Sebastião e a sua desejada vinda, e os sonhos caprichosos do Quinto Imperio vão acabando tambem entre nós pela irrisão das cavalhadas de entrudo. O povo escarnece o sonho mais consolador que o alentara tantas vezes na soledade dos seus desalentos. É sempre o espirito comico que determina a edade da prosa na historia da humanidade.

Diz Miguel Leitão: « mas primeiro vos quero mostrar um *romance* que depois se cantou do infelice sucesso d'esta batalha, que muitos grozaram de muitas maneiras por uma toada tristissima, e ainda mais triste e sentida, que isto que neste papel podeis lêr de minha curiosidade:

Puestos estan frente a frente
Los dos valorosos campos,
Uno es Del Rey Maluco,
Otro de Sebastiano
El lusitano.
Moço animoso y valiente,
Robusto determinado,
Aun que de poca experiencia
Y no bien aconsejado
El lusitano.
Quando los Moros sin cuento
Su hueste la van cercando
Que pera uno de los suyos
Son mas dezyocho tantos.

Ardiendo en fuego su pecho
Rabia por ponerlos mano,
Piensa que todos son nada
Manda a pelea echar bando
El lusitano.
Brama que envistan los moros
Y el exercito contrario
Ya se van llegando cerca
A ellos (dize) Santiago!
El lusitano.
Dispara la artelharia
La muestra mal disperando,
Llueven balas, llueven muertes,
Saetas e mosquetazos.

Empuxan picas los moros,
Ya huyen rotos rodando,
Los ventureros victoria
Pregonan con grande aplauso,
Que mataran el Maluco,
Y lo ha llevado el diablo
Por que junto a su litera
Lo passaron de um balazo.
Y en la mora artilharia
Dos banderas se han ganado,
Con victoria tan pujante
Que semejon a milagro.
Pero por peccados nostros
La gozamos poco espacio
Que a socorrer retroguardia
La delantera ha parado.
Que por los lados ya todos
Es vanguardia nuestro campo.
Y con sangre de los muertos,
Está hecho un grande lago.
Todo lo anda el buen Rey,
Dando mostras muy gallardo,
La espada tinta de sangre,
Lança rota, y sin cavallo.
Que el suyo passado el pecho
Ya no puede dar un passo,
A George Dalbuquerque pide
Le de su rucio rodado.
Daselo de buena gana,
Y el Rey cavalga de un salto
Mirale el Rey como jaze,
De espaldas casi espirando.
Mas le dizen que se salve
Pues todo es roto en pedaços,
El Rey se vá a los moros
A los moros Sebastiano
El lusitano.
Busca la muerte en dar muertes,
Busca muertes Sebastiano
El lusitano!
Diziendo aora es la hora,
Que un bel morir, tuta la vita honora.[1]

[1] Divisa do Rei (Miguel Leitão, Dial. VII, pag. 228).

APHORISMOS POETICOS

A sabedoria das nações avalia-se pela frequencia dos seus anexins; ha paradoxos moraes que só uma experiencia de seculos e um senso profundo da vida podiam descobrir. Diante d'estes factos resaltam os grandes principios de Vico: *A humanidade é obra de si mesmo; a humanidade é infallivel.* Quanto á sua forma poetica, aqui extractamos estas poucas linhas de Martinez la Rosa, p. 163 das Anotações á *Poetica*, aonde fala da origem da *assonancia* na poesia popular: « el uso frecuente del *asonante* no parece haberse comunicado al pueblo por el influjo de los escritos de los poetas; sino haber nacido espontaneamente en medio de la gente vulgar. Aun no muy adelantado el siglo decimo quinto formó el marques de Santillana una collecion de *refranes ó adagios*, que ya venian por tradicion de tiempo antiquissimo, puesto que *los decian viejas tras el huego*; y entre ellos hay muchicimos, que han llegado tambien hasta nosotros, formados con versos de varia medida y acabados en *asonante;* tales como: A pan duro, diante agudo.—Callen barbas e hablen cartas.—Mal me quieren las comadres, por que digo las verdades.—De luengas vias, luengas mentiras, etc. Vemos, pues, en estos refranes y en otros infinitos de la misma especie que el uso del *asonante*, como incentivo agradable al oído y á proposito para grabar las palabras en la memoria, era comun y vulgar en España siglos antes que imaginaran siquiera los poetas prohijarlo de buen grado en seus composiciones.» A maior parte dos adagios, anexins e rifões portuguezes acham-se quasi todos recolhidos em um grosso volume, d'onde escolhemos alguns para amostra d'esta forma rythmica da poesia do nosso povo. Nos cantos populares da Grecia moderna tambem se encontram alguns similhantes aos nossos.

FIM.

INDEX

CANCIONEIRO POPULAR

II — Sylva de Cantigas soltas — pag. 41—134

III — Fados e Canções da Rua

IV — Fastos do anno e Orações

V — Prophecias nacionaes

VI — Aphorismes poeticos da lavoura..... 182—196

ERRATAS DO CANCIONEIRO

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
5	14	accarrra	accarra
13	2	manus-	manu-

ERRATAS DO ROMANCEIRO

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
62	9	Mando	Manda
93	5	*Versão*	*Lição*
164	2 e 3	prescindindo	prescindia
»	»	espalhassem	se espalhassem
174	35	Nos *Canti etc.*	Nos *Canti popolari*, raccolti da Oreste Marcoaldi (pag. 163) vem um romance similhante, reproduzido na collecção de Caseli (Chants populaires d'Italie, pag. 203), que o dá como do Piemonte.







